

João António Gomes Vieira e o Museu das Flores: Uma vida dedicada ao colecionismo e estudo do património cultural açoriano

Dissertação de Mestrado

Nina Cecília Mendonça Silveira

Mestrado em

**Património, Museologia e
Desenvolvimento**



Ponta Delgada
2024

João António Gomes Vieira: Uma vida dedicada ao colecionismo e estudo do património cultural açoriano

Dissertação de Mestrado

Nina Cecília Mendonça Silveira

Orientadores

Professora Doutora Maria Isabel Whitton Terra Soares de Albergaria

Dr. Luís Filipe Nóia Gomes Vieira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Património, Museologia e
Desenvolvimento



Agradecimentos

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos, em primeiro lugar, à Professora Doutora Isabel Albergaria e ao Dr. Luís Filipe Gomes Vieira pela orientação valiosa e apoio incansável.

Aos funcionários do Museu das Flores, em particular à Elsa Castro, pelo tempo despendido e pelas preciosas e generosas informações que me disponibilizou.

À Cristina e à Carlota, pela amizade, apoio e presença constante.

Aos meus pais e avós, a minha profunda gratidão por todo o carinho e apoio incondicionais.

Ao Adriano, pelo amor e pelas palavras de incentivo que foram fundamentais nos momentos mais desafiantes.

Por fim, dedico este trabalho à memória de João António Gomes Vieira, cujo exemplo de compromisso, dedicação e perseverança constituiu a maior fonte de inspiração ao longo de todo este processo académico.

Resumo

A constatação da reduzida produção de estudos e reflexões acerca das personalidades ligadas à museologia açoriana, assim como do papel que desempenharam nas instituições que integraram e da bibliografia que produziram, motivou a escolha do tema da presente dissertação.

O estudo de caso centrado em João António Gomes Vieira, colecionador, fundador e primeiro diretor do Museu das Flores, permitiu acompanhar as diversas etapas do seu percurso pessoal e profissional, assim como do processo colecionístico, o que, por sua vez, possibilitou uma maior compreensão da própria trajetória do Museu das Flores, da sua história e museologia.

Divulgar e preservar a sua história, transmitindo o seu legado às gerações presentes e futuras foram os principais objetivos deste trabalho. Pretendemos, igualmente, preencher uma lacuna no estudo da museologia açoriana, mas, também, destacar a importância de reconhecer e honrar os contributos individuais para o desenvolvimento cultural e histórico de uma região.

Atualmente, importa olhar para o passado como uma fonte de lições valiosas que ajudem a compreender e enfrentar os desafios do presente e a perspetivar o futuro de forma informada e consciente.

Palavras-chave: Colecionismo; Coleções privadas; Açores; João António Gomes Vieira; Museu das Flores.

Abstract

The realization of the limited production of studies and reflections on the Azorean museology personalities, as well as the role they played in the institutions they were part of and the bibliography they produced, motivated the choice of the theme of this dissertation.

The case study centered on João António Gomes Vieira, collector, founder, and first director of the Museum of Flores, allowed us to follow the various stages of his personal and professional journey, as well as the collecting process, which enabled a better understanding of the trajectory of the Museum of Flores itself, its history and museology.

Disseminating and preserving his story, transmitting his legacy to present and future generations were the main objectives of this work. We also aim to fill a gap in the study of Azorean museology, but also to highlight the importance of recognizing and honoring individual contributions to the cultural and historical development of a region.

Currently, it is important to look to the past as a source of valuable lessons that help understand and confront the challenges of the present and to envision the future in an informed and conscious manner.

Keywords: Colectionism; Private collections; Azores; João António Gomes Vieira; Museum of Flores.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	1
1. João António Gomes Vieira: O Homem.....	5
1.1. Raízes.....	5
1.2. O “vírus” da museologia: “Maneira extraordinária de instruir e educar”	6
1.3. Colecionar para salvaguardar: Breve história da coleção que salvou o património cultural de uma ilha.....	8
1.4. Uma rede de relacionamentos pessoais e institucionais	14
2. João António Gomes Vieira: A Obra	19
2.1. Investigação e produção escrita.....	19
2.1.1. <i>O Homem e o Mar: Embarcações dos Açores</i>	19
2.1.2. <i>O Homem e o Mar: Artistas Portugueses do Marfim e do Osso de Cetáceos – Açores e Madeira – Vidas e Obras</i>	20
2.1.3. <i>O Homem e o Mar: Os Açorianos e a Pesca Longínqua nos bancos da Terra Nova e Gronelândia</i>	21
2.1.4. <i>Família Dabney: Memória de um Legado</i>	22
2.1.5. <i>O Homem e o Mar: Os Açorianos e as Pescas: 500 Anos de Memória</i>	23
2.1.6. <i>O Homem e o Mar: A Participação Portuguesa (Açorianos e Cabo-verdianos) na Baleação Americana</i>	24
2.1.7. <i>O Homem e o Mar: Portos e Marinas do Arquipélago dos Açores: passado, presente e futuro</i>	24
2.1.8. <i>O Homem e o Mar: Transportes Marítimos no Arquipélago dos Açores: 500 Anos de Memória</i>	25
2.2. Projetos museológicos	26
2.2.1. A Casa da Baleia das Lajes das Flores	26
2.2.2. A Casa-Museu Pimentel de Mesquita: Primeira experiência museológica florentina.....	28
2.2.3. O Convento de São Boaventura.....	35
2.3.4. A Fábrica da Baleia do Boqueirão.....	47
2.3.5. O Ecomuseu Municipal das Artes do Mar: Porto das Lajes das Flores	51
3. Museu das Flores	53
3.1. Das Casas de Etnografia à Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores: Breve contextualização.....	53
3.2. O Convento de São Boaventura: Projeto museográfico	58
3.3. A Fábrica da Baleia do Boqueirão: Projeto museográfico	71
3.4. A missão e a vocação.....	80

3.5. O Regulamento Interno	80
3.6. O espólio.....	81
3.7. A política de incorporação de bens.....	82
3.8. O registo e o inventário	83
3.9. A conservação e a segurança	84
3.10. A investigação, os serviços educativos e a comunicação.....	85
3.11. As exposições temporárias	88
Considerações Finais	92
Fontes e Bibliografia	95
Índice de Figuras	104
Apêndice.....	1
1. Estrutura de Classificação com base no Thesaurus para acervos museológicos (Vol. I).	1
Anexo.....	4
1. Curriculum Vitae João António Gomes Vieira	4
2. Proposta de montagem museológica (Setembro 1993)	20
3. Relação do espólio depositado e exposto na Casa Museu Pimentel de Mesquita..	33
4. Programação de uma exposição sobre a tecnologia do linho e da lã na ilha das Flores	38

Introdução

O colecionismo privado tem sido, em muitos casos, a origem dos acervos de vários museus públicos regionais. Contudo, a produção de estudos e reflexões acerca das personalidades ligadas à museologia açoriana, assim como do papel que desempenharam no seio das instituições que integraram e da relevante bibliografia que produziram, tem sido muito reduzida. Com exceções para as dissertações de mestrado, apresentadas à Universidade dos Açores, de Maria Manuel Velásquez Ribeiro, intitulada “Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)”, que estuda o caso de Manuel Coelho Baptista de Lima, colecionador e, ao longo de mais de trinta anos, diretor do Museu de Angra do Heroísmo, acompanhando, também, todo o processo colecionístico; e de Sílvia Fonseca e Sousa, intitulada “A museologia na Ilha de São Miguel: 1974-2008”, que analisa o conjunto de espaços museológicos existentes na ilha de São Miguel, entre 1974 e 2008. Ainda incidindo na mesma temática, destacam-se as publicações de Rui de Sousa Martins que se centram no estudo da etnomuseologia e dos museus açorianos, nomeadamente “O cenário dos museus locais na ilha de S. Miguel”; “Museus dos Açores”; e “Etnomuseologia no Arquipélago dos Açores”.

No mesmo sentido, apesar da existência de vários textos publicados sobre o Museu das Flores verifica-se a ausência de um trabalho de fundo acerca do mesmo. Não obstante, destaca-se o *Roteiro dos Museus (Coleções Etnográficas). Açores e Madeira*, publicado, em 1999, pela Olhapim Edições, no qual se caracterizam os acervos etnográficos dos museus açorianos e madeirenses, incluindo o Museu das Flores. São, assim, descritos, nesta obra, além da coleção etnográfica do Museu das Flores, o historial desta instituição, bem como as suas instalações, designadamente a Casa Pimentel de Mesquita e o Convento de São Boaventura e suas respetivas exposições e atividades. Além deste, a Direção Regional da Cultura publicou, também, a obra *Açores. Roteiro dos Museus*, que inclui uma descrição sumária da história e coleção do Museu das Flores. Mais recentemente, em 2016, ano em que é inaugurada a nova museografia do Museu das Flores, é publicado um artigo da autoria de Luís Filipe Nóia Gomes Vieira, inserido na *Cultura Açores-Revista de Cultura*, intitulado “O Convento de São Boaventura: De recolhimento franciscano a museu”, no qual o autor explicita o percurso histórico do edifício onde, atualmente, se encontra instalado o Museu das Flores. Da mesma autoria é o artigo “O Convento de São Boaventura: história e património”, inserido na obra *O*

Património Perto de Si: Entre o passado e o presente, editada pela Cresaçor, com o apoio da Direção Regional da Cultura, em 2017.

Se relativamente ao Museu das Flores a produção de estudos tem sido escassa, no que diz respeito ao seu principal mentor e primeiro diretor, o colecionador João António Gomes Vieira, a mesma é, até ao momento, praticamente inexistente. Assim, a presente dissertação de mestrado, intitulada “João António Gomes Vieira e o Museu das Flores: Uma vida dedicada ao colecionismo e ao estudo do património cultural açoriano” tem como principais objetivos dar a conhecer esta figura incontornável no panorama cultural florentino, acompanhando as várias fases do processo colecionístico, bem como as suas condicionantes, compreender o processo de integração de uma coleção privada, a coleção João António Gomes Vieira, num organismo público, o Museu das Flores, contribuindo, conseqüentemente, para o estudo, valorização e divulgação da história do Museu das Flores e da coleção João António Gomes Vieira, bem como de toda a ação do seu mentor e primeiro diretor, que, em muito, ultrapassava a instituição que dirigia.

Tendo em vista o cumprimento dos objetivos mencionados e dada a escassez bibliográfica acerca da figura de João António Gomes Vieira, da sua coleção e do Museu que fundou, desde início, em termos metodológicos, além da pesquisa bibliográfica, tornou-se fundamental a consulta e análise de um conjunto de documentos presentes no Arquivo Documental do Museu das Flores, assim como do seu acervo fotográfico e do inventário do seu espólio museológico.

Efetivamente, é na Ilha das Flores, nos inícios da década de 60, nos primórdios da presença dos franceses na ilha, devido à instalação de uma base de rastreio e telemedidas, que, ao verificar-se uma invulgar predisposição para a compra de objetos antigos, situação que, no que diz respeito à defesa patrimonial, se tornou numa verdadeira ameaça, a ação de João António Gomes Vieira, contando com o apoio do médico militar francês Dr. Georges Guillon, nascido no Cairo e filho de um arqueólogo especialista no Egito Antigo, vem a ser decisiva para a moderação e contenção desse impulso aquisitivo que se verificou com a chegada dos franceses. Inicia-se, então, uma campanha que continha dois principais objetivos. Em primeiro lugar, a recolha de materiais etnográficos e em segundo lugar a sensibilização da população florentina para a valorização do seu património.

Em 1979, dois anos depois da criação da Casa Etnográfica da Ilha das Flores, a Secretaria Regional de Educação e Cultura adquiriu a Casa Pimentel de Mesquita, onde teve lugar a primeira experiência museológica florentina, com uma exposição sobre fiação e tecelagem e com os restantes aposentos mobilados com móveis dos séculos XVI

a XIX, aberta ao público em 1986. Este projeto, dirigido por João António Gomes Vieira contou, também, com a colaboração do Doutor Rui de Sousa Martins, à época Diretor do Centro de Estudos Etnológicos Luís da Silva Ribeiro do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores, no processo de conceção e instalação deste núcleo do Museu das Flores.

O atual Museu das Flores está, desde 1993, após a finalização das obras de reconstrução, consolidação e restauro, iniciadas em 1990, instalado no Convento de São Boaventura, edifício cedido pela Santa Casa da Misericórdia à Direção Regional dos Assuntos Culturais, já que o aumento da quantidade e diversidade do acervo do museu exigia um novo espaço que complementasse esta necessidade. A exposição de longa duração, à época, apresentava os três domínios fundamentais, no contexto da ilha: O Homem e a terra – atividade agro-pastoril; O Homem e o mar – atividade marítima; e O Homem e o sagrado – arte sacra e culto do Espírito Santo.

Em 1991, João António Gomes Vieira é requisitado para desempenhar uma comissão de serviço, na qualidade de diretor do Museu das Flores, mantendo estas funções até 2001, ano em que requereu a aposentação.

Após a aposentação, passa, então, a dedicar-se, afincadamente, ao estudo do património cultural açoriano. Neste âmbito, importa salientar a coleção *O Homem e o Mar*, um conjunto de seis obras publicadas entre 2002 e 2008, que representam um esforço e contributo fundamental para a salvaguarda e divulgação da herança cultural marítima açoriana.

Recentemente foi inaugurada uma nova museografia no Museu das Flores, em 2016, que conta com uma abordagem à história do edifício, relacionando-o com o urbanismo envolvente. Além disso, destacam-se algumas das mais notáveis figuras da ilha e explicam-se as atividades de agricultura, tecelagem e laticínios que garantiam a subsistência das gentes de outros tempos. Contextualiza-se, ainda, a ilha das Flores, no seio das dinâmicas do Atlântico com os instrumentos náuticos, a arte sacra, os trabalhos em osso e marfim de cachalote e, por fim, valoriza-se a questão da arqueologia subaquática, pelos vários naufrágios ocorridos, ao longo dos séculos, nas costas florentinas.

Esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos, onde se procura acompanhar o percurso de vida de um homem que se dedicou com grande empenho e perseverança não só ao colecionismo, mas, também, ao estudo e à divulgação do património cultural açoriano. Assim:

O primeiro capítulo centra-se na figura de João António Gomes Vieira. Serão abordadas as fases de maior relevância da sua vida, desde a infância, passando pelo período em que foi aluno do Liceu da Horta, pelo despertar do interesse para as questões da Museologia e pelo início de uma coleção que salvou o património cultural florentino, não esquecendo toda uma rede de relacionamentos pessoais e institucionais que foi estabelecendo em seu redor.

O segundo capítulo será dedicado à obra que Gomes Vieira nos legou, abordando não só toda a investigação e produção escrita, às quais se dedica com grande persistência, após a aposentação, assim como os vários projetos museológicos pelos quais foi responsável, designadamente, a Casa da Baleia das Lajes das Flores, a Casa-Museu Pimentel de Mesquita, o Convento de São Boaventura, o Museu da Fábrica da Baleia do Boqueirão e o Ecomuseu das Artes do Mar do Porto das Lajes das Flores.

Finalmente, o último capítulo incidirá no Museu das Flores, iniciando-se com uma breve contextualização, no âmbito da museologia regional, que abarca o período que decorre entre a criação das Casas de Etnografia, em 1977, e o surgimento da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, em 2016. Além destas, serão, também, abordados os projetos museográficos dos dois núcleos: o Convento de São Boaventura e a Fábrica da Baleia do Boqueirão, assim como importantes questões relativas à gestão e funcionamento do museu, nomeadamente a sua missão e vocação, o seu Regulamento Interno, o espólio, a política de incorporação de bens, o registo e inventário, a conservação e segurança, a investigação, os serviços educativos e a comunicação, as exposições temporárias, bem como os principais desafios com os quais o museu se tem deparado.

1. João António Gomes Vieira: O Homem

1.1. Raízes

Numa pequena casa, virada para o mar, na mais ocidental vila da Europa, a vila das Lajes, na ilha das Flores, nasce, a 23 de janeiro de 1939, João António Gomes Vieira, filho de João Gomes Vieira e de Maria do Céu Dâmaso Gomes¹.

Descendente de uma família com fortes ligações marítimas, que remontam ao seu bisavô, Francisco José Vieira (1824-1907), que embarca, por volta dos dezassete anos de idade, num navio da frota baleeira americana², não será de admirar que João António Gomes Vieira tenha sentido, desde sempre, um grande fascínio e paixão pelo mar. Aliás, como o próprio assume, numa das suas obras: “Baleeiros, Baleias e o Mar são a trilogia da essência do meu ser e do universo em que fui gerado, nasci e cresci”³. O seu bisavô regressa, mais tarde, à ilha das Flores, onde se casa e constitui família⁴. Dos seus descendentes, alguns seguiram, também, o seu percurso, iniciando-se nas aventuras da baleação. Entre eles esteve o pai de João António Gomes Vieira, que aos vinte e três anos se tornara no mais novo oficial na história baleeira da ilha das Flores e aos setenta e cinco anos de idade ainda pescava baleias⁵.

A infância de João António Gomes Vieira foi, assim, profundamente marcada pela baleação, mas, também, pela 2ª Guerra Mundial⁶ e, conseqüentemente, pelas dificuldades e constrangimentos próprios de qualquer guerra.

A 7 de outubro de 1944, o pequeno João começa a frequentar o ensino primário na escola masculina das Lajes das Flores, contudo considerando-a triste, sombria e pouco atrativa, era na tenda de ferreiro do Mestre José da Costa, ponto de encontro dos velhos marinheiros da baleação americana, nos dias chuvosos de Inverno, que, maravilhado pelas inúmeras histórias de homens, baleias e embarcações⁷, se sentia, verdadeiramente feliz.

Foi nos inícios de março de 1952 que João A. Gomes Vieira saiu, pela primeira vez, da sua pequena ilha. A fim de realizar o exame de 4ª classe e o exame de admissão

¹ Veja-se o Anexo 1: *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017). Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

² Vieira, J. A. G., 2007: 15.

³ Ibidem.

⁴ Idem, 2007: 16.

⁵ *João de Ti Ana*. (2013). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁶ Vieira, J. A. G., 2007: 18-19.

⁷ Idem, 2007: 16-15.

ao Liceu da Horta, partiu, a bordo do paquete *Carvalho Araújo*, rumo ao Faial, onde foi matriculado na Escola Primária da Conceição. No entanto, apesar dos esforços e das explicações de preparação para os exames que decorreram ao longo de três meses, João estava mal preparado, pelo que passou no exame de 4ª classe, mas reprovou no de admissão, regressando às Flores, no mesmo paquete, vinte e quatro dias depois⁸.

Entretanto, foi, também, durante estes tempos que o jovem João se rendeu aos encantos da primeira cidade que conheceu: Horta, a cidade-mar, como a apelidava, onde a contemplação da sua ampla baía lhe fez despontar uma grande admiração pelas embarcações tradicionais açorianas. Mais tarde, a propósito das atracções que aí observava, o próprio afirma: “As atracções eram manobras deslumbrantes (...). A precisão de tais manobras fazia o meu espírito recuar mais de quatro séculos, ao tempo que os homens de aço, em frágeis embarcações de madeira uniam as ilhas...”⁹.

Passados três anos, em 1955, João faz o exame de 1º e 2º ano como aluno externo e é, finalmente, aprovado. Já que não podia ser admitido no Liceu Nacional da Horta, foi matriculado no Liceu de Angra do Heroísmo, pedindo, depois, a transferência para o Liceu Nacional da Horta. Foi assim que, a 26 de setembro de 1955, carregando apenas uma mala de roupa e um caixote de vinho do Porto com os livros de 1º e 2º ano liceais, João partiu, novamente, para a ilha do Faial¹⁰.

1.2. O “vírus” da museologia: “Maneira extraordinária de instruir e educar”

Mas foi, também, esta ilha que fez nascer uma paixão que marcará a vida de João António Gomes Vieira, alguns anos depois. Tudo começou com uma visita à Biblioteca Municipal da Horta, situada num edifício onde, no piso superior, se encontrava exposta uma coleção etnográfica, organizada pelo professor Manuel Dionísio¹¹. Tal coleção era

⁸ Vieira, J. A. G., 2016: 123-126.

⁹ Idem, 2016: 125.

¹⁰ Idem, 2016: 126-129.

¹¹ Manuel Dionísio foi professor e colecionador. Um homem culto, publicou um pequeno livro, com o título *Costumes Açorianos*, sobre usos, tradições e poesia popular das ilhas do Faial e Pico. Além do ensino, dedicou-se a um pequeno museu que criou na cidade da Horta e onde reuniu exemplares de História Natural e recordações históricas. Foi comissionado pelos franceses J. de Chavigny e N. Mayaud para reunir uma coleção de aves e dos seus ovos, que fez principalmente nas ilhas do Faial e do Pico, em colaboração com A. Pacheco de Castro e sobre a qual elaboraram uma publicação científica (Chavigny e Mayaud, 1932). Com um grande talento e habilidade manual, elaborou vários modelos de alfaias agrícolas e pequenos conjuntos de figuras que reproduziam cenas da vida popular. Estavam expostas no

composta por vários artefactos da autoria do referido professor com representações de variados aspetos da vida e cultura açorianas, nomeadamente, uma matança de porco em miniatura, uma procissão, acompanhada pela filarmónica, uma cómoda, em madeira de mogno e uma cama, um arado e uma grade com dentes em madeira, nunca utilizada. A evidente admiração que o jovem João manifestara ao contemplar as várias representações da vida rural não passou despercebida ao professor Manuel Dionísio, que decidiu, de seguida, mostrar-lhe uma representação mecânica dos movimentos de rotação e translação da Terra, assim como as estações do ano, as fases da lua e as marés. Tudo isto, concebido com duas máquinas de antigos relógios de parede americanos. Numa memória autobiográfica, escrita em 2016, João António Gomes Vieira assume: “Fui naquele momento contaminado com o “vírus” da museologia: maneira extraordinária de instruir e educar.”¹²

Por outro lado, foi no decorrer destes anos liceais que desenvolveu uma nova aptidão, começando, com a idade de quinze anos, a trabalhar o marfim e o osso de cachalote¹³. Essa aptidão tornou-se central no seu percurso institucional, inclusive a própria coleção pessoal começou por ser apenas de temática marítima, mas também como avaliador de coleções de *scrimshaw*. Neste âmbito, o domínio da arte do osso e do marfim da baleia conferiu-lhe um olhar crítico e sensível para as peças de arte em osso e marfim e ampliou o seu conhecimento na área. Além disso, a partir de 1958, iniciou uma recolha sistemática de objetos, peças e documentos relacionados com a temática marítima, com o intuito de salvaguardar os testemunhos da memória da atividade baleeira no Porto da Calheta das Lajes das Flores, já que a “Casa da Baleia”, uma oficina manual de extração de azeite de baleia, havia sido desativada em 1954.

Finalmente, no ano de 1959, completou o Curso Geral dos Liceus. A partir daí inicia-se uma carreira administrativa, durante a qual ocupou vários cargos na administração pública¹⁴, até 1991, ano em que foi requisitado para o desempenho de uma

Museu Municipal da Horta, de que foi responsável, e estão hoje integradas no Museu da Horta (Luís M. Arruda. In: *Enciclopédia Açoriana*).

¹² Idem, 2016: 127.

¹³ Vieira, J. A. G., 2007: 28.

¹⁴ Em agosto e setembro de 1959 trabalhou como ajudante de topógrafo no levantamento dos elementos necessários à elaboração do projeto de abastecimento de água à vila das Lajes das Flores; de outubro de 1959 a abril de 1960, trabalhou como praticante da Conservatória do Registo Civil e Notariado das Lajes das Flores; após a aprovação no curso de Administração dos Correios e Telecomunicações de Portugal, ficou integrado no Batalhão de Telegrafistas do Exército Português, situação de Reserva das Forças Territoriais; de outubro de 1960 a maio de 1962, trabalhou no Quarto Setor da Estação Central dos Correios de Lisboa, responsável pelo Serviço de Expedição Postal, para todo o Império Colonial

comissão de serviço, na qualidade de diretor do Museu das Flores, mantendo estas funções até 2001, ano em que se aposentou¹⁵.

1.3. Colecionar para salvaguardar: Breve história da coleção que salvou o património cultural de uma ilha

O atual Museu das Flores teve origem numa coleção marítima particular¹⁶, reunida, como já referimos, a partir de 1958, por João António Gomes Vieira. No entanto, desde o surgimento da ideia e interesse de criação de um museu na ilha das Flores, até à sua concretização, o percurso revelou-se longo e penoso.

Importa aqui realçar que com o Acordo Luso-Francês de 7 de abril de 1964¹⁷ são criadas as condições necessárias à instalação, na ilha das Flores, de uma Estação de Telemedidas¹⁸, dependente do *Centre d'Essais des Landes* (CEL), com sede em Biscarosse. Com efeito, dois anos depois, com a chegada dos franceses, a 2 de junho de 1966¹⁹, inicia-se um novo capítulo na história florentina, já que, a partir desse momento, a pequena e isolada ilha das Flores viria a experienciar, por antecipação, como refere José Carlos Cymbron, “(...) um período de grande progresso material em quase todos os aspetos da sua vivência insular e quotidiana”²⁰.

Português e Estrangeiro; em maio de 1962, foi transferido, a seu pedido, para a Administração Geral dos CTT dos Açores, onde prestou serviço nas estações de S. Roque do Pico, Lajes do Pico, Ponta Delgada, Lajes das Flores e Santa Cruz das Flores; em março de 1965, foi nomeado Chefe da Secretaria da Delegação da Direção Geral dos Serviços Hidráulicos na Ilha das Flores; em outubro de 1968 foi aprovado, por concurso público no cargo de Tesoureiro da Federação de Municípios da Ilha das Flores, cargo que desempenhou cumulativamente com o de oficial de ligação com a base francesa, no tocante ao abastecimento de energia elétrica, até julho de 1991, ano em que foi requisitado para o desempenho de uma comissão de serviço, na qualidade de diretor do Museu das Flores.

¹⁵ Veja-se o Anexo 1: *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017). Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

¹⁶ Vieira, J. A. G., 1996: 2.

¹⁷ Acordo internacional estabelecido entre os governos português e francês. Dos seus artigos, importa destacar cinco aspetos fundamentais: a instalação na ilha das Flores de uma Estação de Telemedidas e de instalações habitacionais, incluindo um hotel; a utilização do aeroporto de Santa Maria para escala e estacionamento de aviões franceses; a utilização dos portos de Ponta Delgada e Horta pelos navios de guerra franceses; a utilização nas ilhas de Santa Maria, Faial, Graciosa e Flores de postos de radiolocalização; e a utilização de frequências radioelétricas, mediante condições a estabelecer em acordo especial (Cymbron, 2021: 77-78).

¹⁸ Cymbron, 2021: 77.

¹⁹ Idem, 2021: 205.

²⁰ Idem, 2021: 21.

Mas foi com a chegada desta pequena comunidade, composta por cerca de cem pessoas, que começam, também, a surgir algumas preocupações, no que diz respeito à salvaguarda do património cultural florentino. Isto, porque alguns destes cidadãos franceses começaram a procurar, um pouco por toda a ilha, antiguidades. Inicialmente, as peças mais procuradas eram os relógios, as armas brancas e de fogo, as porcelanas e faianças, as pratas trabalhadas, os bronzes e estanhos, o latão e cobre trabalhados, os marfins, as peças de louça orientais e, mesmo, as peças de arte sacra. Posteriormente, procuraram as peças de mobiliário local em cedro, principalmente, mas, também em mogno e vinhático. Seguiram-se as alfaias agrícolas e os objetos de trabalhar o linho e a lã, especialmente as rodas de fiar, os fusos e os teares manuais²¹.

Esta procura incessante por antiguidades foi favorecida pela ignorância e honestidade da população florentina que, sem qualquer noção do valor real dos objetos que possuía, entregava, ao comprador, por qualquer preço, muitos dos testemunhos do passado histórico da sua ilha²². A situação agravou-se, ainda, com a vaga migratória que se verificou a partir da última metade da década de 50, já que os que partiam, em muitos casos, desfaziam-se de todos os seus pertences, vendendo, assim, por preços irrisórios, peças de um precioso valor para o património florentino²³. Já em 1990, numa entrevista dada ao *O Jornal 7*, Gomes Vieira afirmava: “Os objetos com interesse museológico têm sido comercializados como antiguidades, sendo os franceses residentes na ilha os mais interessados e que mais altos preços pagam. Como tal muitos instrumentos antigos de atividades laborais artesanais, objetos antigos de uso doméstico tradicional, objetos tradicionais de culto e mesmo obras antigas de valor artístico têm sido levadas para fora da ilha numa sangria cultural irremediável”²⁴.

Para travar tamanha delapidação do património cultural florentino foi fundamental a ação de João António Gomes Vieira que, nos princípios de 1971, decide reunir um pequeno grupo de pessoas que, conscientes da gravidade da situação, apresentaram à Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores a ideia de se criar um museu etnográfico, a fim de terminar ou, pelo menos, moderar este ímpeto aquisitivo que se verificava²⁵. Aliás,

²¹ Vieira, L. F. G., 1984: 2.

²² Vieira, J. A. G., 1978: 2.

²³ Vieira, L. F. G., 1984: 2.

²⁴ “João Vieira e o Museu das Flores: Os franceses levam tudo consigo...”. (12 de setembro de 1990). In: *O Jornal 7*, n.º invisível.

²⁵ “Breve resumo histórico do Museu de Arte e Tradição Popular da Ilha das Flores”. (1984). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

no mesmo artigo acima mencionado, o fundador do Museu das Flores acrescenta, ainda: “Contra este estado de coisas era necessário reagir, caso contrário o nosso património cultural, testemunho da nossa vivência tradicional específica desapareceria. Com a sua perda não só os florentinos, mas todos os açorianos perderiam. Ficaríamos sem provas das nossas raízes culturais, como se nos roubassem parte da razão de ser”²⁶. Apesar das várias limitações, nomeadamente a inexistência de um local para acondicionar o material recolhido e a dificuldade em encontrar um imóvel que pudesse servir de instalação ao tão necessário museu, após algum tempo, a Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores mostrou-se receptiva à ideia. Contudo, além dos já referidos condicionalismos, juntava-se outro obstáculo: a ausência de uma pessoa que coordenasse e orientasse os trabalhos de recolha, catalogação, inventariação, limpeza e conservação das peças recolhidas. A solução recaiu no então diretor do Museu Carlos Machado, o Sr. Engenheiro José Maria Álvares Cabral. No entanto, vários fatores vieram a contribuir para o fracasso desta primeira iniciativa²⁷. Entre eles, destacam-se a falta de meios e de experiência necessários à elaboração de tal tarefa, a descontinuidade geográfica do arquipélago e o isolamento e falta de comunicações na ilha das Flores. Além disso, em 1974, rebenta a Revolução de Abril, sendo, assim, destituída a Câmara Municipal e, após alguns meses falece, subitamente, um dos membros do grupo, outro emigra para o estrangeiro e o grupo desfaz-se. Apesar deste primeiro fracasso, João A. Gomes Vieira não desiste e continua a comprar, a expensas próprias, peças raras e em vias de desaparecimento. Outras foram oferecidas por amigos e parte delas pertencera aos Gomes Vieira, que haviam partido para o estrangeiro, exceto as peças da coleção de marinha e *scrimshaw*²⁸.

Importa, também, referir, neste breve apontamento, a preciosa colaboração do médico militar francês, Dr. Georges Guillon, nascido no Cairo e filho de um arqueólogo especialista no Egito Antigo²⁹, que, ao chegar às Flores, rapidamente, começou a condenar o comportamento de alguns franceses, insurgindo-se contra estas atitudes de desrespeito perante o património cultural da ilha. Deste modo e com o objetivo de dar uma lição à comunidade francesa, Dr. Guillon começou, também, a adquirir peças, algumas delas compradas cobrindo as propostas de aquisição já efetuadas por outros

²⁶ “João Vieira e o Museu das Flores: Os franceses levam tudo consigo...”. (12 de setembro de 1990). In: *O Jornal 7*, n.º invisível.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Cymbron, 2021: 211-212.

franceses. Atualmente, uma parte considerável deste espólio que adquiriu encontra-se depositada no Museu das Flores³⁰. Através do inventário, conseguimos identificar 33 peças da coleção Georges Guillon, que se integram em diversas áreas temáticas, nomeadamente equipamento agrícola (11); equipamento de atividades comerciais (1); equipamento de fiação e tecelagem (4); equipamento de pecuária (1); objetos domésticos (15) e objetos pessoais (1)³¹.

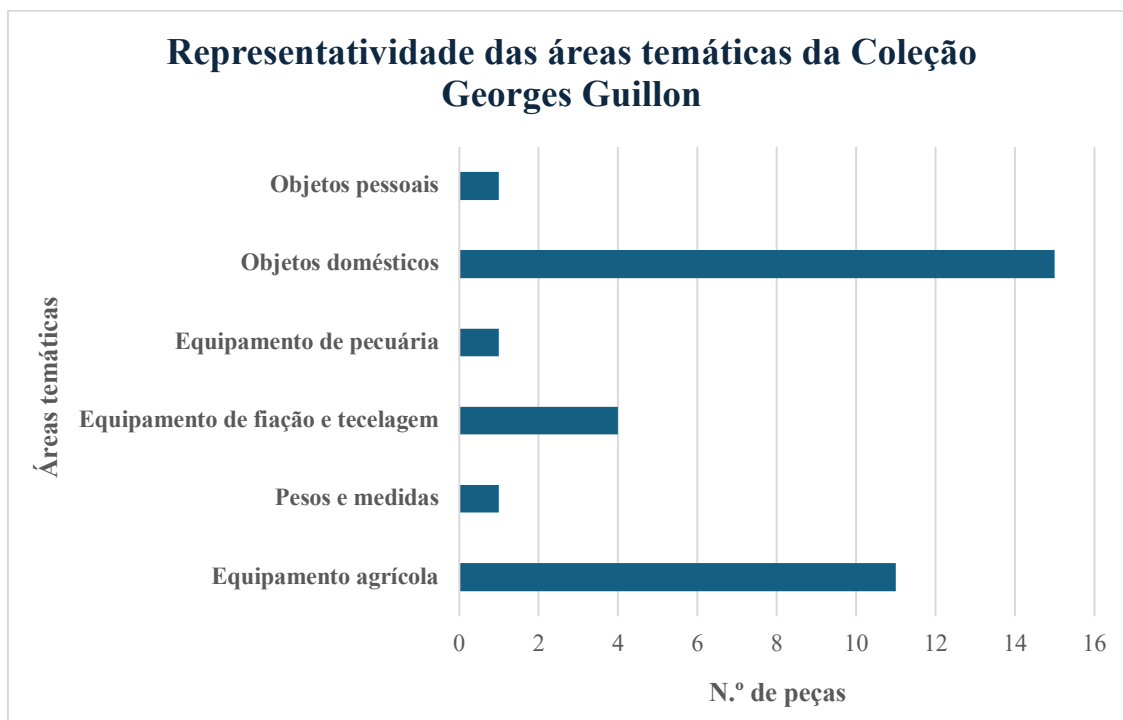


Figura 1: Representatividade das áreas temáticas da Coleção Georges Guillon. Elaborada pela autora, 2024.

Em julho de 1977, uma visita à ilha das Flores do Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, então diretor do Museu de Angra do Heroísmo, faz renascer velhas esperanças. Cerca de dois meses antes da criação das “Casas de Etnografia”, Baptista de Lima procura João A. Gomes Vieira e propõe-lhe uma missão: a de efetuar uma recolha de material etnográfico, tendo em vista a criação de um futuro museu local que ficaria sob tutela da

³⁰ “Breve resumo histórico do Museu de Arte e Tradição Popular da Ilha das Flores”. (1984). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

³¹ Estrutura de classificação com base no *Thesaurus para acervos museológicos* (Vol. I). Veja-se Apêndice 1.

Secretaria Regional da Educação e Cultura e estaria inserido no, à época, tão proclamado, projeto de defesa do património açoriano³².

Apesar das dificuldades que se avizinhavam, nomeadamente a carência de conhecimentos e formação, ao nível etnológico, mas, também, a falta de apoios oficiais e verbas para as aquisições e com o dia preenchido pelas obrigações de um funcionário público, João António Gomes Vieira decide abraçar esta missão. Para tal recorreu, novamente, à Câmara Municipal de Santa Cruz, em busca de apoio para o projeto. Contudo, lamentavelmente, este apoio foi-lhe recusado. Deste modo, restava-lhe solicitar a cooperação do *Centre d'Essais des Landes*, cujo diretor, o Almirante René Bloch, finalmente, aceitou o seu pedido³³.

Em setembro de 1977, pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 25/77/A, de 5 de setembro³⁴, são criadas as “Casas de Etnografia”, nas ilhas de Santa Maria, Graciosa, Pico, São Jorge, Flores e Corvo. Contudo, apesar de ter havido algum avanço em termos de legislação capaz de proteger o património, urgia, também, iniciar uma campanha de sensibilização, junto da população local, tendo em vista a participação coletiva na defesa dos valores do património que a todos pertence. Com efeito, a 14 de maio de 1978, dá-se a primeira campanha de consciencialização, no concelho das Lajes das Flores. Alertou-se para a delapidação maciça do património cultural florentino, sendo que para fazer face a esta ameaça estavam a ser criadas as estruturas necessárias à salvaguarda da memória coletiva da ilha. A população foi, também, informada de que seriam aceites quaisquer tipo de dádivas, empréstimos ou verbas particulares para aquisição de peças com comprovado valor documental, pois já que não possuíam nenhum apoio financeiro, o sucesso desta nobre missão dependia, também, em grande parte, da colaboração de todos os florentinos. Nessa primeira campanha foram recolhidas, junto da população sete peças, além de uma série de informações relevantes. Ainda no mesmo ano são iniciados os trabalhos de limpeza e restauro da “Casa da Baleia”³⁵, o primeiro dos vários projetos museológicos da responsabilidade de João A. Gomes Vieira, que adiante abordaremos,

³² “Breve resumo histórico do Museu de Arte e Tradição Popular da Ilha das Flores”. (1984). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

³³ *Ibidem*.

³⁴ Decreto Regulamentar Regional n.º 25/77/A, de 5 de setembro. Disponível em: https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-regulamentar-regional/25-286508?_ts=1645574400044. Consultado a 18 de maio de 2023.

³⁵ “Breve resumo histórico do Museu de Arte e Tradição Popular da Ilha das Flores”. (1984). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

assim como uma exposição itinerante sobre a fiação e tecelagem do linho e da lã, realizada em Santa Cruz das Flores³⁶

Mas, é no ano de 1979 que se dá um passo significativo neste percurso rumo à criação de um museu na ilha das Flores. O Governo dos Açores, através da Secretaria Regional da Educação e Cultura, adquire um imóvel para acolher este projeto. Trata-se da Casa Pimentel de Mesquita, onde, anos mais tarde, viria a nascer a primeira experiência museológica nas Flores³⁷.

Seguidamente, devido ao aumento da dimensão e diversidade das coleções e à consequente necessidade de expansão do projeto museológico, rapidamente se concluiu que a Casa Pimentel de Mesquita estrangulava este projeto. Assim, urgia encontrar um novo local, capaz de corresponder a este necessário crescimento do museu. A solução recaiu no Convento de São Boaventura³⁸, edifício onde, após a sua desocupação, se começaram a realizar diversas exposições³⁹. Já em 1991, João A. Gomes Vieira é requisitado para desempenhar uma comissão de serviço, na qualidade de diretor do Museu das Flores⁴⁰. Dois anos depois, após a finalização das obras de reconstrução e restauro, que procuraram uma reconstituição das linhas originais do imóvel e uma adaptação deste espaço a fins museológicos⁴¹, o Convento de São Boaventura, onde se instalaram as coleções de etnografia e arqueologia subaquática, abre ao público a 10 de novembro de 1993. Na imprensa local, o jornal *As Flores*, de 25 de novembro faz referência a este acontecimento⁴². É neste mesmo edifício que permanece a sede do Museu das Flores, atualmente. A este núcleo, juntou-se, a 1 de julho de 2021, o do Museu da Fábrica da Baleia do Boqueirão. Da Casa Pimentel de Mesquita restam apenas as memórias, já que

³⁶ *Relatório de Actividades de Defesa do Património Cultural da Ilha das Flores*. (1978). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

³⁷ “Breve resumo histórico do Museu de Arte e Tradição Popular da Ilha das Flores”. (1984). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Breve nota curricular*. (s.d.). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁴⁰ Veja-se o Anexo 1: *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁴¹ “Museu das Flores”. (1999). *Roteiro dos Museus (Coleções Etnográficas)*. Açores e Madeira.

⁴² “Inaugurado o Museu das Flores”. (25 de novembro de 1993). In: *As Flores*, n.º 431.

o espaço foi transformado numa Biblioteca Municipal, inaugurada a 2 de setembro de 2008⁴³.

Em suma, foi assim que João António Gomes Vieira reuniu um valioso espólio museológico, composto, na sua maioria, por instrumentos náuticos que pertenceram aos vários açorianos que, durante gerações, se aventuraram na baleação e marinha mercante, obtidos, não só na ilha das Flores como, também, na Nova Inglaterra (Estado de Massachusetts), para onde se desloca, com maior frequência, após a aposentação. As razões destas deslocações prendiam-se, essencialmente, com a pesquisa e recolha de documentação para as suas obras, uma das quais é lançada, em 2003, precisamente, em New Bedford (*O Homem e o Mar: Artistas Portugueses do Marfim e Osso de Cetáceos – Açores e Madeira: Vidas e Obras*), mas, também, com assuntos relacionados com a “Azorean Whaleman Exhibition”, exposição que inaugurou, em 2006, no New Bedford Whaling Museum e para a qual havia sido designado como consultor técnico⁴⁴.

Além destes recolheu várias obras literárias, cartas de navegação, manuais náuticos, uma coleção de tecidos em linho, lã e algodão, de produção local, assim como mobiliário em madeira de cedro e uma vasta coleção de peças de cerâmica. Uma parte significativa destes utensílios e ferramentas veio dos Estados Unidos para a ilha das Flores, por via da emigração⁴⁵. Este espólio encontra-se, atualmente, depositado no Museu das Flores, salvando-se, assim, o património cultural de uma comunidade.

1.4. Uma rede de relacionamentos pessoais e institucionais

A insularidade nunca foi um obstáculo para João Gomes Vieira. Nascido numa das mais pequenas ilhas do arquipélago dos Açores, a ilha das Flores, localizada entre a latitude 39°22’N e 39°32’N e a longitude 31°07’W e 31°16’W, com uma superfície de 141,6 km², uma população que, por esta altura (década de 80), rondava os 4393 habitantes e cujas principais atividades económicas eram, essencialmente, a agricultura, a pesca e a produção de laticínios, Gomes Vieira superou as limitações geográficas e construiu uma

⁴³ “Inaugurada a Biblioteca Municipal de Santa Cruz das Flores”. (8 de setembro de 2008). Disponível online em: <https://bibliotecamscf.wordpress.com/2008/09/08/inauguracao-da-biblioteca/>. Consultado a 30 de maio de 2023.

⁴⁴ *Relatório sumário de uma deslocação à cidade de New Bedford, Mass. 17-08 a 22-09-2009*. (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁴⁵ *Texto justificativo da Condecoração, lido pelo Chefe de Gabinete do Representante da República*. (2012). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

rede de relacionamentos pessoais e institucionais que se estendeu muito além dos limites da ilha.

Participou em vários encontros, palestras e colóquios regionais, nacionais e internacionais, onde apresentou várias comunicações, colaborou em diaporamas e filmes de carácter etnográfico, fundou um grupo de folclore na ilha das Flores e recebeu várias distinções⁴⁶. Em conjunto com o Museu das Flores, prestou apoio essencial a diversos trabalhos académicos, em particular a projetos da Universidade dos Açores e da Universidade da Sorbonne, nas áreas da Antropologia e da História, nomeadamente a Dominique Legoupil e Francis Laurantieux, da Universidade da Sorbonne, na área da Antropologia e Teodoro de Matos e Rui Martins, da Universidade dos Açores, o primeiro na área da História e o segundo na área da Antropologia⁴⁷. Todas estas relações que foi estabelecendo com estudiosos, académicos, especialistas em várias áreas, diversos atores sociais, assim como instituições públicas e privadas potenciaram o desenvolvimento dos seus trabalhos de recolha e registo de uma importante coleção etnográfica, mas também, dos vários projetos museológicos que elaborou, das exposições que organizou, dos estudos científicos em que colaborou, bem como da investigação e produção escrita que desenvolveu.

Na impossibilidade de enumerar todas as pessoas e instituições que compunham a extensa rede de relacionamentos do fundador do Museu das Flores, deixamos aqui os que consideramos de maior relevância para o seu percurso profissional, alguns deles, inevitavelmente, já mencionados neste trabalho.

Em primeiro lugar, importa referir o já conhecido contributo do médico militar francês, Dr. Guillon, numa fase inicial, em que a enorme apetência dos franceses pela aquisição de objetos antigos se estava a tornar numa verdadeira ameaça à salvaguarda do património cultural florentino. Como vimos anteriormente, o próprio adquiriu várias peças que, atualmente, fazem parte do espólio do Museu das Flores, contribuindo, assim, para moderar esta ameaça em crescente desenvolvimento. Além disso, em conjunto com João A. Gomes Vieira e Jean-Marie Debruge, publicou uma edição bilingue, editada em Biscarosse, pelo Centre d' Essais des Landes, intitulada *Imagens sagradas da ilha das Flores*.

⁴⁶ Veja-se o Anexo 1: *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017), em anexo.

⁴⁷ *Ibidem*.

Além do Dr. Guillon, o, também francês, realizador do Centre d' Essais des Landes, Francis Lamolère, prestou o seu contributo à ilha das Flores, nomeadamente pela produção e divulgação de dois documentários de grande valor etnográfico, que contaram com a participação de João António Gomes Vieira⁴⁸. Falamos de *L'imprint du harpon* (1973-1974), um documentário etnográfico sobre a baleação nos mares das ilhas do grupo ocidental, Flores e Corvo que, aliás, ganhou uma medalha de bronze no II Festival Internacional de "Film Maritime en Toulon" e que está, atualmente, em exibição no Museu da Fábrica da Baleia do Boqueirão, em Santa Cruz das Flores. Além deste, Lamolère produziu, ainda, o documentário *Agar-Agar: apanha de algas submarinas na Ilha das Flores, gelatina do mar e a sua aplicação industrial*, que foi classificada como a melhor reportagem pelo Júri do Festival Internacional do Filme Amador submarino des Antibes Juan-Les-Pins, Côte d'Azur, França⁴⁹. Ambos os documentários foram patrocinados pelo CEL⁵⁰.

O Vice-Almirante Augusto Souto Cruz⁵¹, responsável, por parte do Ministério da Defesa Nacional, pelo acompanhamento da implementação do já referido Acordo Luso-Francês, de 7 de abril de 1964⁵², pertence, também, a este leque de personalidades de quem João António Gomes Vieira se rodeou, ao longo do seu trajeto pessoal e profissional⁵³.

A Professora Doutora Raquel Soeiro de Brito é mais um dos nomes de quem não nos podemos esquecer. Já em finais da década de 60, inícios da década de 70, esteve na

⁴⁸ Veja-se o Anexo 1: *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Cymbron, 2021: 212.

⁵¹ Augusto Souto Cruz nasceu em Lisboa a 23 de junho de 1917. Ingressou na Marinha em 1934 e foi promovido a guarda-marinha quatro anos depois. A partir de 1942 ingressa na Aviação Naval, na Escola Almirante Gago Coutinho, em S. Jacinto, já como segundo-tenente. Permanece durante cerca de dez anos na aeronáutica militar naval, período em que se inicia na radiotelegrafia e comunicações, áreas em que conduziu inúmeros trabalhos. Com uma presença assídua nos Açores, em particular na ilha das Flores, o Vice-Almirante Souto Cruz acompanhou a implementação do Acordo Luso-Francês desde o início, como responsável nacional por parte do Ministério da Defesa Nacional. Figura de prestígio entre a população florentina e autoridades locais era, também, respeitado pelos franceses que viam nele alguém perspicaz com eficácia na sua ação. A Câmara Municipal de Santa Cruz concedeu-lhe o título de cidadão honorário do Concelho e atribuiu o seu nome a uma das suas artérias. (Cymbron, 2021: 251-253).

⁵² Cymbron, 2021: 251-253.

⁵³ De referir que o relacionamento entre estes três primeiros nomes mencionados e João A. Gomes Vieira surge no seguimento de uma nomeação deste último, em 1965, como Chefe da Secretaria da Delegação da Direção Geral dos Serviços Hidráulicos da Ilha das Flores, no âmbito do Acordo Luso-Francês. Mais tarde, já em 1968, foi aprovado, por concurso público, para o cargo de Tesoureiro da Federação de Municípios da Ilha das Flores, desempenhando, simultaneamente, o cargo de oficial de ligação com a Base Francesa, no que dizia respeito ao abastecimento de energia elétrica.

ilha das Flores, numa missão de estudo. Quem a acompanhou foi, precisamente, João A. Gomes Vieira, a quem a geógrafa propôs a musealização da “Casa da Baleia” das Lajes das Flores⁵⁴, um projeto museológico que abordaremos no segundo capítulo deste trabalho.

O segundo projeto museológico dirigido por João António Gomes Vieira contou com a preciosa colaboração do Professor Doutor Rui de Sousa Martins, à época Diretor do Centro de Estudos Etnológicos Luís da Silva Ribeiro, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores. Falamos da Casa-Museu Pimentel de Mesquita, inaugurada em 1986, com uma exposição sobre a tecnologia do linho e da lã na ilha das Flores⁵⁵.

Além destes estudiosos, destacamos, também, o nome de António José Castanheira Maia Nabais, licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1975, e com um curso de Pós-Licenciatura em Museologia pelo Instituto Português de Museus, em 1983, com o estágio, realizado em Grenoble, “*Museologie Nouvelle et Experimentation Sociale*”. Ao longo do seu percurso profissional foi responsável pela organização e desenvolvimento de vários museus, em Portugal continental, mas, também, nos Açores e pela realização de conferências, seminários e cursos dedicados aos temas Museus e Património. Além disso, foi presidente da direção da Associação Portuguesa de Museologia (APOM), durante dois mandatos e tem vários livros e obras publicadas, na área da História, Museologia e Património⁵⁶. Quanto à sua relação com João António Gomes Vieira, sabemos que este solicitou o parecer de António Nabais, numa fase de elaboração do projeto de montagem do Museu das Flores, no Convento de São Boaventura.

Finalmente, já a nível internacional, importa referir, também, Stuart M. Frank. Curador Sénior do New Bedford Whaling Museum, Diretor do Scrimshaw Forensics Laboratory, Stuart M. Frank publicou, também, várias obras sobre canções marítimas, *scrimshaw* e a arte da caça à baleia⁵⁷. A sua relação com João António Gomes Vieira

⁵⁴ *Breve resumo da longa história do Museu mais Ocidental da Europa: Museu das Flores*. (s.d.). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁵⁵ *Programação de uma exposição sobre a tecnologia do linho e da lã na Ilha das Flores*. (1986). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores. Veja-se o Anexo 4.

⁵⁶ “Ao encontro dos nossos oradores 0.3”. (8 de fevereiro de 2015). Disponível online em: <https://encontrosdocumentais.blogs.sapo.pt/ao-encontro-dos-nossos-oradores-0-3-6300>. Consultado a 28 de junho de 2023.

⁵⁷ “Scrimshaw and Provenance (Hardcover): About the Author”. (2013). Disponível online em: <https://www.nantucketbookpartners.com/book/9780939511365>. Consultado a 4 de julho de 2023.

remonta aos finais da década de 80, quando, em 1989, um protocolo de cooperação estabelecido entre a Universidade dos Açores e a South Massachusetts University fez deslocar aos Açores a Doutora Mary Vermette com o objetivo de proceder a uma recolha de informações sobre património baleeiro para a realização da “Azorean Whaleman Exhibition”, no New Bedford Whaling Museum. Para tal exposição, foi indicado como consultor técnico João António Gomes Vieira. É neste âmbito que, no mesmo ano, o mesmo parte para New Bedford, naquela que será a primeira de várias deslocações que fará a esta cidade durante o seu percurso profissional e, mesmo, após a aposentação, em outros projetos⁵⁸.

⁵⁸ *Relatório sumário de uma deslocação à cidade de New Bedford, Mass. 17-08 a 22-09-2009.* (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

2. João António Gomes Vieira: A Obra

2.1. Investigação e produção escrita

É a partir do ano de 2001, após a aposentação, que, como já referimos, João António Gomes Vieira começa a dedicar-se, com grande empenho, à investigação e produção escrita. Entre 2002 e 2008 publicou a coletânea *O Homem e o Mar*, seis obras que representam um esforço e contributo fundamental para a salvaguarda e divulgação da herança cultural marítima açoriana. Além destas, publicou, ainda, em 2005, a obra *Família Dabney: Memória de um legado*. É, precisamente, em torno destas obras que nos centraremos no início deste segundo capítulo, procurando explicitar de que forma este autor contribuiu para o estudo e divulgação do património cultural açoriano.

2.1.1. *O Homem e o Mar: Embarcações dos Açores*

O primeiro livro da coleção *O Homem e o Mar* foi publicado em 2002 e intitula-se *O Homem e o Mar: Embarcações dos Açores*. Explora o cenário do património marítimo dos Açores, ao longo de um século, começando pelas embarcações primitivas e traçando a sua evolução ao longo dos tempos, passando pelas embarcações e portos dos três grupos do arquipélago, pelo tráfego local e cabotagem, pelas embarcações de recreio e aventura, pela construção naval e, abordando, também, aspetos relativos à pesca da baleia e pesca do alto, à arte e à devoção religiosa.

Segundo o autor, o objetivo desta obra seria a divulgação de uma panorâmica mais alargada do património marítimo da Região, ao longo de um século (1902-2002). Para tal, o mesmo recorreu, não só a documentação, mas, também, a fotografias e postais recolhidos e preservados por amigos, igualmente apaixonados por embarcações⁵⁹.

No prefácio desta obra João de Melo começa por mencionar uma viagem que realizara à ilha das Flores no verão de 1997. Foi nesse mesmo ano que conheceu João António Gomes Vieira que, rapidamente, se ofereceu para mostrar-lhe os encantos da sua ilha. Recordando esses momentos, João de Melo, referindo-se ao seu guia, afirma: “Falava-me da ilha das Flores a modos de quem me quisesse dizer que nela morava toda a história do tempo, do mundo e da família. E indo nós de terra em terra, chamava a minha

⁵⁹ Vieira, J. A. G., 2002: 15.

atenção para os pequenos importantíssimos pormenores de tudo o que porventura passasse à margem do meu olhar”⁶⁰.

Já no que diz respeito ao livro, *O Homem e o Mar: Embarcações dos Açores*, João de Melo afirma ser, essencialmente, um estudo da relação entre a vida e a sua completude quase “territorial” com o mar, ou seja, acerca da vivência insular. Assegura, também, que esta obra nos ajuda a perceber o que nós, ilhéus, herdamos do mar, “não como problema, mas como essência de uma relação eterna, histórica, mítica e obsessivamente real”⁶¹. Além de tudo isto, segundo João de Melo, este livro, ao seguir uma memória escrita acerca dos barcos, portos e suas artes, trata-se, também, de um inventário deste imenso património marítimo que, em primeira instância, gerou um modo de vida nas ilhas e, depois, um grande movimento de partida⁶².

Na nota explicativa desta obra, o seu autor afirma: “A construção naval em madeira tem os seus dias contados, irremediavelmente desaparecerá de morte natural – a imparável marcha do progresso”⁶³. É, precisamente, neste ponto que reside a importância da elaboração desta obra que contribuiu, assim, para a salvaguarda da memória da cultura marítima dos Açores.

2.1.2. O Homem e o Mar: Artistas Portugueses do Marfim e do Osso de Cetáceos – Açores e Madeira – Vidas e Obras

No segundo livro da série *O Homem e o Mar*, publicado em 2003, João A. Gomes Vieira foca-se no estudo da arte do marfim e do osso dos cetáceos nos arquipélagos dos Açores e Madeira, realçando a relação entre a arte e a indústria baleeira, por meio de um inventário exaustivo de cem marfinistas portugueses.

No prefácio, Fernando António Baptista Pereira, à época professor de História de Arte na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e Diretor do Museu de Setúbal, descreve o autor como “(...) uma espécie rara de estudioso das coisas do mar, daqueles que hoje já não se «fabricam» mais, misto de apaixonado colecionador de objetos e de não menos

⁶⁰ Idem, 2002: 8-9.

⁶¹ Idem, 2002: 9.

⁶² Ibidem.

⁶³ Vieira, J. A. G., 2002: 15.

devotado investigador, que recolhe pacientemente a informação que muitos desprezam ou ignoram e a devolve, organizada e coerente, ao público nacional e estrangeiro”⁶⁴.

De um modo geral, e segundo Fernando Baptista Pereira, este livro é muito mais que um manual dedicado ao colecionismo. É um livro que resulta de uma profunda paixão pelo mar, pela atividade dos marítimos, assim como daqueles que fizeram do mar um tema de inspiração artística. Possui um inventário exaustivo dos marfinistas portugueses, desde os primórdios da arte baleeira, por meio de biografias muito bem documentadas, resultantes de um dedicado trabalho de campo realizado nos Açores, América e Continente e que nos permite compreender não só as origens dos artífices como, também, as características e duração das suas atividades. Num total de 100 marfinistas, cujas datas de nascimento vão de 1841 a 1975, a maioria tem origem na ilha do Pico (42), seguindo-se a ilha das Flores (15) e o Faial (9). Além dos açorianos, este inventário abrange, ainda, 5 artífices do continente português e outros 5 madeirenses. Quanto aos temas do *scrimshaw* predominavam as cenas alusivas às embarcações e respetiva palamenta, mas, também, as cenas de pesca propriamente dita e os cetáceos. Esta arte baleeira ocupava as horas de ócio dos marítimos, pelo que a principal influência era a própria vida marítima, assim como o saudosismo, visto que as frotas chegavam a estar cerca de dois a três anos fora. Além disso, o livro é enriquecido por vários capítulos acerca da própria técnica de execução e decoração e por diversas e admiráveis ilustrações⁶⁵.

Trata-se, assim, de mais um notável contributo para o estudo e divulgação deste importante património móvel que é a arte baleeira que, por sua vez, após o término da baleação, tem vindo a integrar várias coleções públicas e privadas, sendo, por isso, fundamental e urgente a publicação de uma obra que abordasse este tipo de arte e de objetos.

2.1.3. O Homem e o Mar: Os Açorianos e a Pesca Longínqua nos bancos da Terra Nova e Gronelândia

O terceiro livro da coleção *O Homem e o Mar*, tem como título *O Homem e o Mar: Os Açorianos e a Pesca Longínqua nos bancos da Terra Nova e Gronelândia* e foi publicado em 2004. Nele, o autor investiga e recupera as memórias de uma faceta pouco

⁶⁴ Vieira, J. A. G. 2003: 8.

⁶⁵ Idem, 2003: 9.

conhecida desta relação entre os açorianos e o mar: a existência de uma frota portuguesa bacalhoeira que se encontrava na posse de armadores dos Açores, operando a partir da Figueira da Foz e Lisboa, desde os finais do século XIX, tendo estado ativa por mais de um século.

No prefácio da autoria de Avelino de Freitas Meneses, à época Reitor da Universidade dos Açores, pode ler-se: “(...) o florentino João António Gomes Vieira, um agente cultural de reconhecido dinamismo (...), mas também um apaixonado pelas lides do mar que agora disponibiliza dados fundamentais para o conhecimento de uma faceta muito significativa da nossa vivência insular”⁶⁶. Avelino de Meneses afirma, ainda, que esta obra esclarece uma quase desconhecida participação dos açorianos na pesca do bacalhau, o que representa mais um admirável contributo deste autor para o enriquecimento da história e cultura dos Açores.

2.1.4. *Família Dabney: Memória de um Legado*

No ano de 2005, João A. Gomes Vieira publica *Família Dabney: Memória de um Legado*. Esta obra é, assim, dedicada a uma família norte-americana que permanece na ilha do Faial, ao longo de quase todo o século XIX, estabelecendo com esta ilha e com o arquipélago dos Açores um intenso e influente relacionamento⁶⁷. Na década de 80 do século XIX, dois membros desta família, Rosa e Raoul Dabney, distinguiram-se como artistas fotógrafos amadores. As suas fotografias, organizadas em álbuns revelam-nos, essencialmente, a memória identitária desta família. Seis destes álbuns fotográficos, que haviam estado à guarda do colecionador Thiers Lemos Jr, foram entregues à Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Horta, contudo dois álbuns com um total de 226 imagens das ilhas do Pico e do Faial, aos quais se juntou, posteriormente, um terceiro com outras 119 fotografias dos grupos central e oriental estavam no New Bedford Whaling Museum e foi o esforço do autor desta obra, junto dos responsáveis por esta instituição que permitiu a divulgação destas fotografias que vieram complementar o conjunto dos outros seis álbuns já depositados na Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Horta⁶⁸.

⁶⁶ Vieira, J. A. G., 2004: 8.

⁶⁷ Vieira, J. A. G., 2005: 6.

⁶⁸ Idem, 2005: 6-7.

Em suma, como escreve, no prefácio desta obra, Ana Paula Marques, à época Secretária Regional do Ambiente e do Mar, as páginas deste livro: “(...) permitem ainda conhecer mais e compreender melhor a centralidade dos Açores e a importância geoestratégica do arquipélago, à luz das relações diplomáticas luso-americanas da época, que tiveram no Cônsul Dabney um dos obreiros da ponte entre a “velha Europa” e o “Novo Mundo”⁶⁹. Refere, também, que “(...) João Gomes Vieira resgata retalhos da história da ilha do Faial, do Grupo Central e do Arquipélago dos Açores, através da influência da família Dabney no desenvolvimento e bem-estar da comunidade em que se inseriam, quer pelos seus negócios quer pela sua ação social e benemérita”⁷⁰.

2.1.5. O Homem e o Mar: Os Açorianos e as Pescas: 500 Anos de Memória

Após quatro títulos editados, em 2006, João A. Gomes Vieira publica a obra *Os Açorianos e as Pescas: 500 Anos de Memória*, segundo o mesmo com o objetivo de “(...) reavivar a memória de cinco séculos de pescas e pescadores, pelos mares até onde se atreveram as gentes Açorianas (...)”⁷¹. De facto, esta obra revela a história da especial relação dos açorianos com os recursos marítimos e divulga a história e evolução do setor das pescas nos Açores.

Sobre a importância da série *O Homem e o Mar*, o autor afirma: “Era urgente guardar memórias e imagens dos homens, das embarcações e dos portos. Era uma carga com o peso de cinco séculos de história marítima de Portugal nos Açores”⁷².

No prefácio desta obra, da autoria de Marcelo Leal Pamplona, à época Subsecretário Regional das Pescas, pode ler-se: “A nossa identidade regional abrange o mar que nos circunda, o nosso território marítimo, extensão natural do nosso território terrestre, pelo que faltava um documento que nos auxiliasse a conhecer a história e a evolução do nosso sector das pescas, lacuna que o autor agora colmata, com grande qualidade e talento”⁷³. Reafirmando a importância desta publicação, na introdução deste livro, Ricardo Serrão Santos, à época, Diretor do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores, afirma: “É um livro que desbrava e revela a história de uma

⁶⁹ Idem, 2005: 2.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Vieira, J. A. G, 2006: 22.

⁷² Ibidem.

⁷³ Vieira, J. A. G., 2006: 10.

relação muito especial que o povo dos Açores tem tido com os recursos marinhos. Trata-se de uma história de factos retidos pela memória. Uma crónica que estava por fazer”⁷⁴.

2.1.6. *O Homem e o Mar: A Participação Portuguesa (Açorianos e Cabo-verdianos) na Baleação Americana*

Em 2007, João A. Gomes Vieira publica o livro *O Homem e o Mar: A Participação Portuguesa (Açorianos e Cabo-verdianos) na Baleação Americana*, abordando a história da presença de portugueses, nomeadamente açorianos e cabo-verdianos, nos navios baleeiros norte-americanos, fenómeno que foi considerado uma autêntica “dádiva dos deuses” para estes arquipélagos, pois abriu as portas à emigração para o Novo Mundo.

Nas páginas desta obra que constitui mais um contributo para a salvaguarda e divulgação da nossa memória cultural marítima e recheadas por um vasto leque de imagens alusivas ao tema, o autor percorre vários aspetos que marcaram a participação destes baleeiros portugueses na baleação americana.

Segundo Stuart M. Frank, à época, Curador Sénior do New Bedford Whaling Museum e Diretor Emérito do Kendall Whaling Museum: “Este livro, mais que uma listagem enciclopédica de factos, é um trabalho de autêntica arte popular – uma espécie de poema sinfónico, ilustrado e multifacetado, que celebra acontecimentos, pessoas, e os feitos dos portugueses no seu envolvimento na indústria ianque da caça à baleia. O livro capta a essência e o espírito sobre o modo como, presentemente, este legado mútuo é entendido e apreciado nos Açores e na comunidade açor-americana”⁷⁵.

2.1.7. *O Homem e o Mar: Portos e Marinas do Arquipélago dos Açores: passado, presente e futuro*

O sétimo e último livro publicado da série *O Homem e o Mar* é lançado em 2008, com o título: *O Homem e o Mar: Portos e Marinas do Arquipélago dos Açores: passado, presente e futuro*. Nele, o autor procede a um mapeamento das estruturas portuárias dos Açores, traçando paralelos entre o presente, o passado e o futuro.

⁷⁴ Idem, 2006: 17.

⁷⁵ Vieira, J. A. G., 2007: 13.

Nas suas páginas o autor procura revelar o passado, presente e futuro das estruturas portuárias do arquipélago dos Açores.

No prefácio, João M. Gonçalves, à época Professor Auxiliar do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores, justifica a pertinência desta publicação numa altura em que se assistia à melhoria destas infraestruturas, que são vitais para o nosso arquipélago⁷⁶.

Relativamente à série de livros *O Homem e o Mar*, João M. Gonçalves conclui: “Só um grande historiador, se atreve a divulgar a toda a sociedade estes dados da nossa história marítima, através desta série de livros bilingues de leitura atrativa. Centrados nos Açores estas obras fazem a ligação atlântica entre a América e o território continental de Portugal. Apesar das raízes da sua pesquisa assentarem nos textos que Gaspar Frutuoso nos legou, não são só as palavras que fazem a história, as imagens são também testemunhos inegáveis dessa história. A este propósito não posso deixar de referir a excelente documentação gráfica que ilustra estas obras, constituindo um portfolio notável”⁷⁷.

2.1.8. O Homem e o Mar: Transportes Marítimos no Arquipélago dos Açores: 500 Anos de Memória

Por publicar ficou, infelizmente, o livro *O Homem e o Mar: Transportes Marítimos no Arquipélago dos Açores: 500 Anos de Memória*. Na obra, o autor, como já havia sido hábito nas suas anteriores edições, aborda outro dos vários aspetos da realidade marítima do arquipélago dos Açores, desta vez, os transportes marítimos, focando-se no tráfego local e na pequena cabotagem, de uma ponta à outra do arquipélago, mas, também, na grande cabotagem com a Madeira, portos do continente português e costas do continente americano.

Registrar e divulgar as memórias de uma realidade açoriana que vai ficando, cada vez mais distante, foi o objetivo do autor, que, numa nota para o leitor, logo nas primeiras páginas, afirma: “A condição insular obrigou-nos a embarcar e desembarcar

⁷⁶ Vieira, J. A. G., 2008: 12.

⁷⁷ Ibidem.

constantemente, eu, fui um deles. Dentro de poucos anos não restarão muitos que possam contar como era viajar em navios construídos no início do passado século”⁷⁸.

Deste modo, além de um capítulo introdutório com referências históricas, a obra abarca outros temas, tais como quatro relatos de viajantes, entre eles um escrito pelo próprio autor numa viagem que o mesmo realizou entre a ilha das Flores e Lisboa, a bordo do paquete “Carvalho Araújo”, mas, também, os armadores e parcerias marítimas, terminando com uma abordagem às companhias de navegação.

Em suma, após sete edições publicadas e uma por publicar, importa ressaltar o notável esforço de João António Gomes Vieira, um homem de espírito inquieto e sempre em busca de conhecimento, que em muito contribuiu para o estudo, salvaguarda e divulgação do nosso património cultural açoriano, principalmente no que diz respeito à história e aspetos da vida marítima, o seu tema de eleição. Com a série *O Homem e o Mar*, ofereceu aos leitores uma visão abrangente e multidimensional do mar, como espaço de trabalho, cultura e, acima de tudo, parte integrante da identidade açoriana, encarando-o não apenas como recurso natural, mas como um elemento central e único, que vem moldando as identidades e trajetórias das populações insulares, ao longo dos tempos.

Em suma, a história, a memória e a cultura entrelaçam-se, trazendo à superfície a importância vital do mar para os Açores e a sua conexão com o mundo. Deixa-nos, assim, a nós, bem como às gerações vindouras, um valioso legado que merece e deve ser preservado e divulgado.

2.2. Projetos museológicos

2.2.1. A Casa da Baleia das Lajes das Flores

Como já referimos no capítulo anterior, a atual coleção do Museu das Flores tem a sua origem numa recolha, que João A. Gomes Vieira inicia, a partir de 1958, de objetos, peças e documentos relacionados com a temática marítima, já com o intuito de salvaguardar os testemunhos da memória da atividade baleeira na zona da Calheta das Lajes das Flores. Em finais da década de 60, inícios da década de 70, a visita da Professora Doutora Raquel Soeiro de Brito à ilha das Flores, numa missão de estudo, dá o impulso que faltava para o arranque do primeiro projeto museológico de Gomes Vieira, a Casa da

⁷⁸ O Homem e o Mar: Transportes Marítimos no Arquipélago dos Açores: 500 Anos de Memória. Texto policopiado, não editado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Baleia das Lajes das Flores, uma oficina manual de extração de azeite de baleia que havia sido desativada em 1954 e condenada ao abandono por quase três décadas.

Este projeto, que começa a ser divulgado na imprensa, a partir de 1978⁷⁹, parecia, à primeira vista, facilmente realizável, quer pela traça original do edifício, única no Arquipélago, quer pelo facto de o mesmo manter, ainda, grande parte dos instrumentos com os quais se trabalhava antes da sua desativação⁸⁰. Em inícios de novembro de 1977, de passagem por Angra do Heroísmo, João Gomes Vieira apresenta ao então Diretor Regional dos Assuntos Culturais o seu primeiro projeto museológico. A ideia foi, no entanto, considerada pouco viável, uma vez que já havia sido tomada a decisão oficial da instalação de um Museu Baleeiro na ilha do Pico, pelo que não se justificaria a coexistência de dois museus com a mesma finalidade na região⁸¹. Ainda assim, não baixou os braços. Com o apoio oficial da Câmara Municipal das Lajes, da Estação Francesa de Telemidas das Flores e do Vice-Almirante Souto Cruz, representante do Estado português na Comissão Luso-Francesa, ao longo dos anos de 1978 e 1979⁸², foram realizados trabalhos de limpeza e conservação das instalações e material existente. Contudo, o falecimento do proprietário, Manuel Cristiano de Sousa, sócio maioritário da União das Armações Baleeiras das Flores e do Corvo, Lda., numa altura em que as obras estavam prestes a iniciar-se, impossibilitou a concretização do projeto⁸³. O conjunto das instalações desta pequena manufatura, mandada construir, em finais dos anos 20, inícios da década de 30 do século XX, pela firma Maurício António Fraga & C^a⁸⁴ pertenceu, depois, à União das Armações Baleeiras das Flores e do Corvo, Lda., fundada em 1955. Possui dois grandes caldeiros a fogo direto, tanques em ferro para arrefecimento e decantação do óleo, tanque subterrâneo para armazenamento do óleo e um piso superior com tarimbas para descanso do pessoal⁸⁵.

⁷⁹ “Encarada nas FLORES a montagem de um museu baleeiro”, in *Diário Insular*, nº invisível, 26 de agosto de 1978.

⁸⁰ *Relatório de Actividades de Defesa do Património Cultural da Ilha das Flores*. (1978). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² *Relatório de Actividades de Defesa do Património Cultural da Ilha das Flores*. (1979). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ “O pioneirismo da ilha das Flores na baleação açoriana”. (1999). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁸⁵ *Levantamento e Inventário do Património Baleeiro Imóvel dos Açores*. (2011). OMA (Observatório do Mar dos Açores).

Atualmente é propriedade da Câmara Municipal das Lajes das Flores que cedeu as instalações para sede do Clube Naval das Lajes das Flores, responsável por um pequeno núcleo expositivo que pode ser visitado, mediante marcação. Fundado em 1989, este clube tem como principal objetivo a promoção dos desportos náuticos, disponibilizando, também, formação, em navegação à vela e navegação de recreio⁸⁶.

Mais recentemente, foi classificado todo o conjunto arquitetónico da antiga Fábrica da Baleia das Lajes das Flores como património baleeiro regional⁸⁷.

2.2.2. A Casa-Museu Pimentel de Mesquita: Primeira experiência museológica florentina

Na sequência do já referido Decreto Regulamentar Regional n.º 25/77, que cria, nas ilhas de Santa Maria, Graciosa, Pico, S. Jorge, Flores e Corvo, instituições culturais denominadas “Casas de Etnografia”, em 1979, a Secretaria Regional de Educação e Cultura adquire, em avançado estado de degradação e abandono, a antiga residência de António Vicente Peixoto Pimentel⁸⁸, um imóvel datado de meados do século XVII que pertenceu a esta família até meados do século XIX, tendo em vista a instalação do Museu Etnográfico da Ilha das Flores⁸⁹. Quatro anos depois, como, aliás, é noticiado no jornal *Açoriano Oriental*, a 3 de setembro de 1986, iniciam-se as obras de restauro em fevereiro de 1983 que são interrompidas no mesmo ano por falta de verbas e só vêm a ser concluídas

⁸⁶ “Acerca”. *Clube Naval de Lajes das Flores*. Disponível online em: <https://cnlf.pt/acerca/>. Consultado a 27 de outubro de 2023.

⁸⁷ Despacho n.º 1409/2022. *Jornal Oficial*, 2ª Série, n.º 133 de 13 de julho de 2022 (Classifica, como património baleeiro regional, o conjunto arquitetónico da antiga Fábrica da Baleia das Lajes das Flores).

⁸⁸ António Vicente Peixoto Pimentel nasceu a 27 de junho de 1827, em Santa Cruz das Flores. Filho segundo da única casa vincular da ilha das Flores, com sede na vila de Santa Cruz, instituída por volta de 1642, pelo padre Inácio Coelho. Estudou no Convento dos Franciscanos, em Angra do Heroísmo, com o intuito de ser preparado e iniciado ao sacerdócio, contudo acabou por não seguir a vida religiosa. Regressou, então, à ilha das Flores, onde exerceu, durante uns anos a atividade comercial. Mais tarde, no seguimento da morte de uma jovem por quem se havia apaixonado, partiu para Lisboa, onde se dedicou à mesma atividade e onde frequentou tertúlias de políticos e intelectuais e se dedicou à angariação de fundos destinados às suas obras caritativas, o Hospital, o Asilo de Inválidos e o Asilo Industrial da Infância Desvalida. Rafael Bordalo Pinheiro caricaturou-o na revista *António Maria*, onde o intitulou “grande filantropo da ilha das Flores”. No seu testamento, legou aos povos das Flores e do Corvo, através da Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores, grande parte dos seus bens, nomeadamente o edifício do convento de S. Boaventura para lá ser instalado o hospital. O seu corpo repousa no cemitério da sua terra natal (Luís M. Arruda. In: *Enciclopédia Açoriana*).

⁸⁹ *Relatório de Atividades de Defesa do Património Cultural da Ilha das Flores*. (1979). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

em 1986⁹⁰. É em novembro desse mesmo ano que é, finalmente, inaugurada a Casa-Museu Pimentel de Mesquita, o primeiro núcleo do Museu das Flores.



Figura 2: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.

Após a finalização das obras de restauro, que pretenderam respeitar a sua traça original, o imóvel foi, também, mobilado com móveis, peças e utensílios, procurando, ao máximo, a sua reconstituição, à imagem de uma casa tradicional florentina. Para cumprir este objetivo foi realizado um levantamento junto das pessoas que haviam vivido nesta casa ou que tinham antepassados que lá tinham vivido ou convivido⁹¹. Além disso, todo o espólio que estava patente nesta casa foi reunido a partir de depósitos temporários pertencentes a coleções particulares da ilha⁹². No caso do mobiliário, o móvel mais antigo remonta a inícios do século XVII, enquanto que os restantes se estendem até aos séculos XVIII e XIX⁹³.

⁹⁰ “A inaugurar brevemente: Museu etnográfico da ilha das Flores”, in *Açoriano Oriental*, n.º 8907, 3 de setembro de 1986.

⁹¹ *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017). Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ *Casa Museu Pimentel de Mesquita*. (1996). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Relativamente aos aposentos, a Casa Pimentel de Mesquita possuía uma cozinha tradicional de classe média do século XIX com lareira e forno de pão. Seguia-se a sala de jantar, recheada com mobiliário e utensílios próprios. Um salão que possuía, além de um piano e mobiliário próprio, gravuras que ilustravam as décadas finais de vivência dos últimos membros da família e candeeiros de petróleo, que asseguravam a iluminação artificial. Era, também, neste local que se realizavam os encontros mais importantes, cerimónias e atos solenes. Na sala de visitas, onde se localizava o escritório da antiga casa, podiam observar-se o último brasão de armas da Casa Pimentel de Mesquita, assim como retratos a carvão de António Vicente Peixoto Pimentel e um exemplar da 1ª edição do seu testamento. Este aposento possuía, ainda, um candeeiro a petróleo com abat-jour de fabrico americano, uma mesa oval em mogno polido e envernizado e uma papelreira em madeira de vinhático com puxadores de marfim e latão, uma cómoda em mogno e uma arca de cedro com ferragens. Finalmente, a sala de entrada estabelecia a ligação com o quarto de dormir, devidamente mobilado com a cama, uma mesa de toilette com tampo de mármore, uma cómoda com oratório em mogno e uma mala em couro⁹⁴.

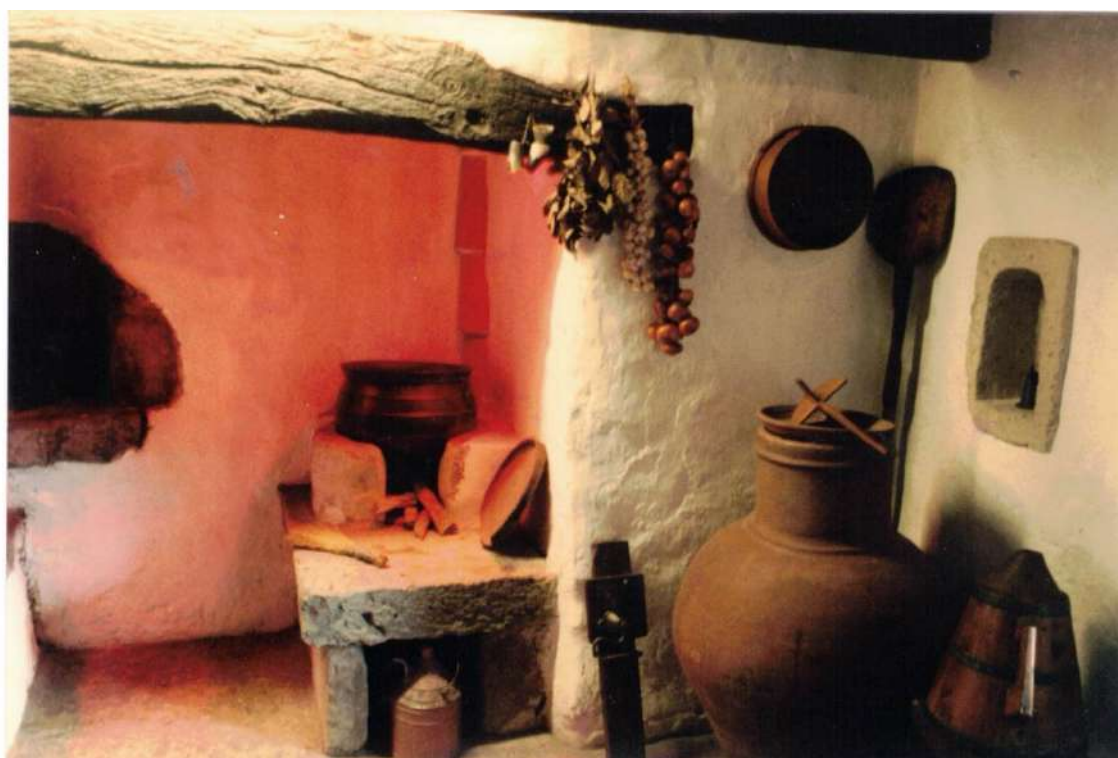


Figura 3: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Cozinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.

⁹⁴ Ibidem.



Figura 4: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Sala de jantar. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.



Figura 5: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Salão. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.



Figura 6: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Quarto. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.



Figura 7: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Salão. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1990-2000.

Foi, ainda, nesta casa que a ilha das Flores viu nascer a sua primeira experiência museológica. Coordenada por João António Gomes Vieira com a orientação do Doutor Rui de Sousa Martins foi montada nesta Casa-Museu uma exposição sobre a tecnologia do linho e da lã na ilha das Flores. Na pesquisa de terreno participaram, também, o fotógrafo e cineasta Francis Lamolère, Luís Filipe Vieira e outros jovens florentinos⁹⁵.

Dividida em duas salas, a primeira era dedicada às fibras têxteis, nomeadamente o linho e a lã. Eram, assim, descritas as características da planta do linho, o processo de cultivo do linho e o processo de transformação desta fibra têxtil. O mesmo acontecia no caso da lã, em que se explicitava, em primeiro lugar, a criação dos ovinos, seguido das várias etapas do seu processo de transformação⁹⁶.

A segunda sala incidia no tema: “Fiação e tecelagem: Descoberta de uma arte”, começando por descrever a preparação do fio, seguido da preparação das meadas, preparação dos novelos, pesagem do fiado, tecelagem, pisoagem da lã, tinturaria e, finalmente, o uso e a arte dos tecidos, quer para vestuário, quer para artigos de casa⁹⁷.



Figura 8: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Exposição Fiação e Tecelagem na Ilha das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.

⁹⁵ Veja-se o Anexo 1: *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017), em anexo.

⁹⁶ *Programação de uma exposição sobre a tecnologia do linho e da lã na ilha das Flores*. (1986). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores. Veja-se Anexo 4.

⁹⁷ *Ibidem*.



Figura 9: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Exposição Fiação e Tecelagem na Ilha das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.



Figura 10: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Exposição Fiação e Tecelagem na Ilha das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.

2.2.3. O Convento de São Boaventura

Atendendo à dimensão e variedade das coleções, rapidamente se percebeu que o espaço da Casa-Museu Pimentel de Mesquita não seria capaz de dar resposta ao projeto do Museu. Procurava-se, assim, um local que correspondesse à necessária expansão do Museu. A solução recaiu no Convento de São Boaventura, onde parte do espólio já se encontrava exposto, de forma provisória⁹⁸. Num artigo publicado em 1984, no *JL jornal de letras, artes e ideias*, que surge na sequência de uma visita de oito membros do Centro Nacional de Cultura aos Açores, António Mega Ferreira retrata essa época, descrevendo uma visita ao Convento da seguinte forma: “Este Museu Etnográfico é prodigioso nessa capacidade de forçar as coisas, as condições naturais. Desenvolve-se nos andares superiores de uma Igreja em mau estado. Alonga-se por corredores iluminados a 60 Watts, embrenha-se por saletas de chão comido pelos anos e paredes manchadas pelas águas. E acumula: pedaços de tecido, instrumentos de marinharia, cordames e ex-votos, peças de cerâmica e retratos de embarcações ou companhias, alfaias agrícolas, moinhos de cereal, louças quebradas, pontas de arpão, barretes de ir ao mar, coisas da terra e da água, de cá e de lá”⁹⁹. Finaliza, ainda, com uma reflexão interessante, em que compara este modesto Museu Etnográfico, que dava, à época, os seus primeiros passos, com um museu ideal, deixando-nos, ainda, algumas questões que, volvidos quase quarenta anos, continuam bastante atuais: “É possível pensá-lo museu-Museu, as vitrines iluminadas, o sobrado encerado, as luzes coadas sobre certas espécies, os guardas fardados de olho dormente às esquinas das salas. Mas seria esse Museu capaz da mesma emoção, da mesma tática comunicação com quem vê? Seria esse Museu ideal outra coisa, do que um luxo tornado desproporcionado pela própria modéstia das peças expostas, pela sua discreta fragilidade, pelo seu anónimo historial? Seria esse Museu um museu – como este é?”¹⁰⁰.

A 16 de maio de 1986, mediante um protocolo estabelecido entre a Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores, a Secretaria Regional da Educação e Cultura e a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais, o Convento de São Boaventura, propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores é cedido à Secretaria Regional

⁹⁸ *Breve resumo da longa história do Museu mais Ocidental da Europa: Museu das Flores*. (s.d.). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

⁹⁹ Mega Ferreira, António. (11 a 17 de dezembro de 1984). “Fragmentos de um diário açoriano”. In: *JL jornal de letras, artes e ideias*, ano IV, n.º 127, pp. 34-35.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

da Educação e Cultura para nele se instalar o Museu Etnográfico da Ilha das Flores e uma Biblioteca¹⁰¹.

A fundação deste Convento resulta, segundo a tradição, do cumprimento de um voto feito a 14 de julho, dia de São Boaventura, de 1640, mediante o qual o Padre Inácio Coelho, irmão mais velho de Frei Diogo das Chagas, cronista açoriano e autor da obra *Espelho cristalino em jardim de várias flores*, se comprometia em criar as condições necessárias à fundação de um Convento, assim que Portugal recuperasse a sua independência, o que vem a ocorrer a 1 de dezembro do mesmo ano. Na escritura de doação do Padre Inácio Coelho, lavrada a 26 de junho de 1641, o mesmo disponibiliza os meios para o início da construção do Convento.¹⁰²

Pela escassa documentação disponível torna-se difícil saber de forma precisa a cronologia do edifício. Sabe-se, no entanto, que em 1727 estavam por terminar apenas a capela-mor, igreja e sacristia, embora, provavelmente, se tratassem apenas de acabamentos e não aspetos estruturais¹⁰³.

Após a extinção das ordens religiosas, a 17 de maio de 1832, o Convento foi vendido, de forma sucessiva, a vários particulares, sendo que o último deles, António Vicente Peixoto Pimentel o doou à Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores, em finais do século XIX, tendo em vista a instalação de um hospital e asilo de mendicidade¹⁰⁴.

Segundo Luís Filipe Gomes Vieira, este é “(...) um dos edifícios que melhor retratam a reconversão patrimonial de um edifício ao longo dos tempos”¹⁰⁵. De facto, o Convento de São Boaventura serviu de hospital até meados da década de sessenta do século XX, quando, com a chegada dos franceses e instalação da sua base militar, se construiu um novo edifício, amputando parte da fachada do Convento para albergar os serviços de saúde. O antigo Convento passa, então, a albergar o Externato da Imaculada Conceição, onde se lecionava, inicialmente, apenas o primeiro e segundo ano e, após a

¹⁰¹ *Protocolo estabelecido entre a Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores, a Secretaria Regional da Educação e Cultura e a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais*. (1986). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

¹⁰² Vieira, L. F. G., (s.d.). *Elementos para o estudo do Convento de S. Boaventura em Santa Cruz das Flores* (não publicado).

¹⁰³ Caldas, 2018: 294-295.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ Vieira, L. F. G., 2017: 133.

revolução de abril, até ao nono ano de escolaridade¹⁰⁶. Finalmente, a 10 de novembro de 1993, finalizadas as obras de restauro do Convento, é inaugurado o Museu das Flores. No jornal *As Flores*, de 25 de novembro de 1993 é noticiado este evento¹⁰⁷. Importa, ainda, referir que o Convento de São Boaventura se encontra classificado como Imóvel de Interesse Público, pela Resolução n.º 98/80, de 16 de setembro¹⁰⁸.



Figura 11: Convento de São Boaventura, Externato da Imaculada Conceição. Espólio Museu das Flores, 1969-70.

¹⁰⁶ Vieira, L. F. G., (s.d.). *Elementos para o estudo do Convento de S. Boaventura em Santa Cruz das Flores* (não publicado).

¹⁰⁷ “Inaugurado o Museu das Flores”. (25 de novembro de 1993). In: *As Flores*, n.º 431.

¹⁰⁸ Resolução n.º 98/80. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 31 de 16 de setembro (Classifica como Imóvel de Interesse Público a Igreja e Claustro do Convento Franciscano de S. Boaventura).



Figura 12: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-85.



Figura 13: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1990-93.

Numa proposta de montagem museológica datada de setembro de 1993¹⁰⁹, João Gomes Vieira apresentava os três domínios fundamentais, no contexto da ilha, que viriam a estar patentes na exposição de longa duração: O Homem e a terra – atividade agropastoril; O Homem e o mar – atividade marítima; e O Homem e o sagrado – arte sacra e culto do Espírito Santo. Como o próprio referia, no mesmo documento: “O Homem das Flores procurou no Mar aquilo que a Terra lhe recusou”¹¹⁰. Com uma notável coleção, no âmbito da temática marítima, segundo esta proposta museológica, na fachada do Convento ficaria exposta a coleção de Arqueologia Marítima, composta por peças de artilharia de defesa costeira, recuperadas da orla marítima, assim como âncoras e outras peças de arquitetura naval.

Na sala de entrada e acolhimento dos visitantes ficariam expostos painéis elucidativos do percurso expositivo dos dois pisos. Este espaço dava acesso à Sala da Marinha, onde se expunham maquetes e modelos de embarcações e navios, instrumentos náuticos, mobiliário da Marinha, uma valiosa coleção de marfins do mar e uma coleção de gravuras francesas em talha doce de meados do século XIX de temática marítima que ilustrariam as paredes, complementando as peças expostas.



Figura 14: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.

¹⁰⁹ *Proposta de montagem de montagem museológica.* (1993). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores. Veja-se Anexo 2.

¹¹⁰ *Ibidem.*



Figura 15: Câmara Municipal, Lajes das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.



Figura 16: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.



Figura 17: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.



Figura 18: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.



Figura 19: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.

No mesmo piso ficaria, também, localizado o gabinete da direção, mobilado com móveis da Marinha da coleção João António Gomes Vieira e decorado com alguns instrumentos náuticos, gravuras e um óleo. Este gabinete possuía, ainda, uma considerável biblioteca de marinha, com destaque para a temática baleeira na Região, constituindo, assim, um importante conjunto de documentação de consulta para futuros estudos que o museu pretendesse publicar.

As alas de circulação do claustro foram o local escolhido para o tema da pesca artesanal, salientando-se a pesca costeira e do cachalote. Segundo Gomes Vieira, este seria o espaço ideal, pela dimensão da área expositiva, bem como pelo pavimento em basalto, para expor embarcações, após a necessária montagem de painéis de vidro, que além de permitirem a utilização desse espaço para exposição, protegeriam, também, o interior do Convento, assim como todos os bens culturais expostos. Mais tarde, após a colocação dos painéis de vidro, foi colocada neste espaço uma embarcação costeira de pesca artesanal (1928), devidamente equipada com toda a palamenta e rodeada dos aparelhos de pesca costeira e diversos tipos de redes. Além destes temas, abordava-se,

ainda, a apanha das algas marinhas, um capítulo que embora breve se mostrou altamente rendoso, criando postos de trabalho numa época de declínio da atividade baleeira¹¹¹.



Figura 20: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Claustro. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.

Continuando no piso 0, nos dois únicos espaços que não sofreram alterações desde os tempos conventuais, a cozinha e o refeitório, ficaria exposta toda a bateria de cozinha (cobre, latão e ferro e cerâmicas), devidamente integradas nos seus próprios lugares. Seguidamente, o átrio, que interliga os espaços do claustro, igreja, refeitório e primeiro piso foi o local escolhido para a exposição da cerâmica regional.

¹¹¹ “Museu das Flores”. In: *Açores, Roteiro dos Açores*. (s.d.). Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais / Direção Regional dos Assuntos Culturais. pp. 61-69.



Figura 21: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Cozinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.



Figura 22: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Refeitório. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.

Já a igreja, pelas excelentes condições acústicas, seria o local indicado para a realização de concertos, recitais de poesia, conferências, exposições de artes plásticas, etc. Além disso, neste espaço ficariam, também, expostas algumas imagens religiosas. Na sacristia ficaria patente uma secção de arte sacra, em torno do Espírito Santo, encerrando-

se, assim, o percurso expositivo do piso 0 com um tema de grande significado religioso e cultural nos Açores.

Com um piso 0 ligado ao tema do mar, o piso 1 estava vocacionado para a terra, com destaque para a agropecuária. Neste sentido, os laticínios e a tecelagem seriam os dois polos principais do percurso expositivo deste primeiro piso¹¹².

No que diz respeito aos laticínios, importa referir que é na ilha das Flores, no Lajedo, que, em 1916, por iniciativa do padre Furtado Mota, surge a primeira cooperativa agrícola de Portugal: o Sindicato Agrícola da Ilha das Flores¹¹³. Com um notável acervo de peças e documentos correspondentes às diversas evoluções da fase artesanal até aos princípios da fase industrial dos laticínios, iniciar-se-ia a introdução a este tema no topo da escadaria de acesso ao piso 1, com uma evolução cronológica das fases de produção dos laticínios¹¹⁴.

Outra importante indústria artesanal foi a da fiação e tecelagem do linho e da lã. Com mais de uma centena de exemplares de tecidos de linho e lã, produzidos pelo processo artesanal, assim como uma recolha completa de ferramentas e utensílios de laboração e um levantamento das técnicas de produção, encerrava-se, assim, o percurso expositivo do piso 1. Segundo a referida proposta de 1993, este piso teria, ainda, um espaço dedicado ao serviço educativo, onde, segundo Gomes Vieira, os temas mais urgentes e necessários a serem abordados seriam a educação ambiental e do meio marinho. No sótão da sacristia ficariam instalados os serviços administrativos, arquivos e gabinete de desenho, que serviriam de apoio às iniciativas do museu. Finalmente, nas traseiras do altar-mor ficaria um considerável espaço, dividido em dois compartimentos. Na parte inferior, a casa-forte, que permite a segurança e controlo de humidade e luz solar, ficariam guardadas as peças mais valiosas e frágeis. Já o espaço da parte superior seria aproveitado para reservas visitáveis, sobretudo para estudiosos¹¹⁵.

¹¹² *Proposta de montagem de montagem museológica*. (1993). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores. Veja-se Anexo 2.

¹¹³ *Museu das Flores Convento de São Boaventura. Museografia: Estudo prévio*. (Junho de 2007). Texto policopiado. Museu das Flores.

¹¹⁴ *Proposta de montagem de montagem museológica*. (1993). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores. Veja-se Anexo 2.

¹¹⁵ *Ibidem*.



Figura 23: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.



Figura 24: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.

2.3.4. A Fábrica da Baleia do Boqueirão

O primeiro projeto de musealização da Fábrica da Baleia do Boqueirão remonta a 1984 e é da autoria de João António Gomes Vieira¹¹⁶. Em 1986, num artigo do *JN*, intitulado “Memória das Baleias na Ilha das Flores”, este projeto é mencionado, sendo referido que o mesmo foi entregue à Direção Regional dos Assuntos Culturais, contudo, até então, nada tinha ficado resolvido. No mesmo artigo ressalva-se a importância da concretização deste projeto já que, segundo o autor: “A concretização do projeto de recuperação da fábrica para o Museu «poderia colocá-lo em pé de igualdade com os melhores museus dos Estados Unidos, uma vez que ali se encontram objetos relacionados com a indústria baleeira e com o mar, absolutamente inéditos»”¹¹⁷. Em 1991, com base neste mesmo projeto, é elaborado um formulário-tipo para pedido de apoio a projeto-piloto de conservação e de promoção do património arquitetónico comunitário com o parecer do então Diretor Regional dos Assuntos Culturais, Vítor Manuel Pinheiro Silva Duarte¹¹⁸.

Segundo este primeiro projeto, primeiramente, o edifício não sofreria qualquer tipo de alterações, apenas obras de reparação e conservação do existente, sendo que as eventuais substituições de elementos seriam iguais aos anteriormente existentes. Relativamente à coleção, que havia sido reunida até então, são referidos um valioso conjunto de *scrimshaws*, diversos utensílios relacionados com a pesca da baleia e a extração de óleo, um arquivo fotográfico especializado, nomeadamente um levantamento fotográfico, realizado em 1971, de todos os aspetos da pesca do cachalote e um filme com a duração de vinte minutos, realizado entre 1973 e 1974, sobre a pesca à baleia na ilha das Flores. Foi, também, reunido um núcleo bibliográfico sobre atividades baleeiras, assim como documentação variada, nomeadamente livros de escrituração das companhias baleeiras. São, ainda, referidas um conjunto de peças relacionadas com a pesca artesanal¹¹⁹.

¹¹⁶ *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

¹¹⁷ “Memória das baleias na ilha das Flores”. (1986). In: *JN*, número invisível.

¹¹⁸ *Formulário-tipo para pedido de apoio a projeto-piloto de conservação e de promoção do património arquitetónico comunitário*. (1991). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

¹¹⁹ *Ibidem*.

Como objetivos fundamentais desta adaptação museológica da Fábrica da Baleia do Boqueirão são mencionados a comunicação dinâmica da história da atividade baleeira e piscatória na ilha das Flores aos visitantes, tendo como tema geral a implantação, organização e desenvolvimento da indústria baleeira nas Flores e como tema específico o aproveitamento industrial do cachalote, as diversas fases deste aproveitamento, a tecnologia utilizada, os produtos obtidos e as suas aplicações; a realização de uma exposição dedicada às atividades piscatórias, tendo em vista a familiarização dos visitantes com as artes do mar; a defesa e promoção do aproveitamento cultural do sítio em que a fábrica se encontra, assim como das estruturas anexas existentes; a transmissão a todo o público, desde os mais jovens aos mais velhos, deste importante aspeto da história e cultura local, permitindo, também, uma (re)descoberta deste património cultural florentino e estimulando a curiosidade, o amor e o apego aos valores culturais açorianos¹²⁰.

De um modo geral, segundo Gomes Vieira, pela recuperação desta Fábrica do Boqueirão não se pretendia criar apenas mais um “Museu dos baleeiros”, mas sim “(...) o aproveitamento museográfico de uma estrutura arquitetónica e industrial de inequívoco valor para a Região”¹²¹. O autor do projeto refere, ainda: “(...) O novo conjunto museológico deve ser integrado institucionalmente no “Museu de Arte e Tradição Popular” da ilha das Flores que, para cumprir cabalmente a sua missão, não poderá ser encarado apenas como um edifício onde se expõem objetos arrancados do seu contexto de vida, mas como uma instituição capaz de fazer reviver a cultura no seu ambiente próprio”¹²².

De facto, esta fábrica, destinada ao aproveitamento de óleo de baleia e preparação de guanos e mandada construir, entre 1941 e 1944, no lugar do Boqueirão, laborou até 1984¹²³, constituindo, assim, um exemplar único, capaz de retratar *in situ* uma fase marcante da história da ilha das Flores.

Esta época da baleação florentina remonta a 1856, ano em que José Constantino da Silveira e Almeida importou dois botes dos E.U.A., fundando, na ilha das Flores, a primeira armação baleeira fixa açoriana. Importa, neste aspeto, sublinhar que, a partir de meados do século XVIII, a frota baleeira das colónias inglesas da América do Norte

¹²⁰ Ibidem.

¹²¹ Ibidem.

¹²² Ibidem.

¹²³ Vieira, L. F. G., 2017: 157.

começara a estender a sua área de pesca até às águas açorianas, estabelecendo contacto com os locais, muitos dos quais, mais tarde, se viriam a tornar tripulantes a bordo destas barcas baleeiras. É este fenómeno que proporciona aos açorianos os conhecimentos necessários para a criação de uma nova alternativa económica, a pesca à baleia¹²⁴.

Passado um período inicial positivo, a pesca foi sendo, gradualmente, abandonada até à 1ª Guerra Mundial para, mais tarde, no período que decorre entre os dois conflitos mundiais, vir a ser alvo de um novo impulso. É, também, neste período que surgem novos armadores (Maurício António de Fraga; Jaime Leal Páscoa; Empresa de Pesca de Baleia Esperança, Lda.; Francisco Azevedo Nunes; António Caetano Serpa e Reis & Flores) e se constroem dois edifícios para instalar os caldeiros a fogo direto, onde era feita a transformação dos caldeiros, um em cada concelho¹²⁵.

Com a 2ª Guerra Mundial o preço do óleo quase triplica no mercado local, fragilizando a situação dos pequenos armadores e sociedades até aí existentes, incapazes de fazer frente ao investimento externo do já referido comerciante lisboeta Francisco Marcelino dos Reis¹²⁶. O início da laboração da fábrica dá-se no verão de 1944 e já no final da década Marcelino dos Reis teve de a entregar ao seu credor, a Sociedade Agrícola e Comercial Piano, Lda., que após cinco anos a venderia à União das Armações Baleeiras das Flores e do Corvo¹²⁷.

As décadas de 50 e 60 do século XX correspondem à época áurea da baleação florentina, alcançando-se, no ano de 1963, o número recorde de 103 cachalotes¹²⁸. Já na década de 70, a emigração, uma sucessão de más campanhas e a crescente dificuldade na venda do óleo no mercado internacional¹²⁹ conduziram ao declínio desta fábrica que viria a encerrar a sua atividade industrial em 1981¹³⁰.

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Ibidem.

¹²⁷ Vieira, L. F. G., 2017: 157.

¹²⁸ Gomes, F. A. N. P., 1977: 668-669.

¹²⁹ *Museu da Ilda das Flores: Núcleo da Fábrica do Boqueirão. Museografia: Projeto.* (março de 2007). Texto policopiado. Museu das Flores.

¹³⁰ Vieira, L. F. G., 2017: 157.



Figura 25: Fábrica da Baleia do Boqueirão. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1970-1974.

A Fábrica da Baleia do Boqueirão, além dos instrumentos de transformação industrial de fabrico nacional, dispunha, ainda, de uma carpintaria para reparação dos botes, um armazém de farinhas e ferraria para a forja ou fundição de metais necessários à produção e manutenção das peças do equipamento industrial e das ferramentas de pesca e desmanche. Além disso, funcionava com energia a vapor e com eletricidade, sendo que o vapor das caldeiras *Babcock & Wilcox* era utilizado nos guinchos que puxavam os cetáceos, pela rampa até ao pátio exterior, mas, também, nas autoclaves, cozedor e secador. Já a eletricidade dava iluminação ao local de trabalho e acionava os motores que moviam o martelo, crivo e outras máquinas. Felizmente, apesar das adversidades, todo este equipamento sobreviveu, tendo sido recuperado e constituindo, atualmente, a base do museu e do seu percurso museológico¹³¹.

Após encerrada a sua atividade foi comprada pela Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, tendo servido, até 1992, de armazém de materiais, oficina de serralharia, mecânica e pintura, à exceção da ala este do edifício. Esta foi cedida pela Câmara

¹³¹ Ibidem.

Municipal ao Museu de Arte e Tradição Popular da ilha, a fim de aí se instalar, posteriormente, a Secção de Artes do Mar. É, também, nesse ano que se dão início aos trabalhos de recuperação da maquinaria, contudo, apesar de uma primeira tentativa de conservação com fins museológicos, a fábrica ficou condenada ao abandono durante mais de uma década¹³². Em 1999 é classificada como Imóvel de Interesse Público, pela Resolução n.º 67/99, de 29 de abril¹³³.

2.3.5. O Ecomuseu Municipal das Artes do Mar: Porto das Lajes das Flores

Finalmente, o último projeto da autoria de João António Gomes Vieira que, apesar de não ter saído do papel, importa mencionar foi o Ecomuseu Municipal das Artes do Mar. Na memória descritiva e justificativa do anteprojecto deste Ecomuseu, que data de 2009, Gomes Vieira começa por apontar as várias razões históricas que justificam a pertinência deste projeto, realçando o facto de este Porto das Lajes das Flores constituir o principal porto de entrada e saída da ilha das Flores, ao longo de meio milénio de história. Destaca, sobretudo, as relações com a frota baleeira americana, já que desempenhou um papel importante no abastecimento de víveres, provisão de água e recrutamento de elementos para integrar as tripulações, mas refere, também, outras comunicações com o exterior como a navegação que cruzava o Atlântico, entre Europa e Américas, as naus da Companhia das Índias Orientais e Ocidentais e o apoio às frotas, ao longo da Epopeia do Bacalhau. A pesca foi, assim, a mais relevante atividade do porto ao longo da sua história, contudo importa, também, mencionar a extração das algas marinhas e uma indústria de conservas de peixe, fabricadas pela Sociedade Corretora, Lda., atividade que, apesar de sazonal, se manteve por cerca de uma década¹³⁴.

A base para a exposição seria o considerável espólio já reunido, até então, por Gomes Vieira que apontava como a principal missão deste Ecomuseu “(...) preservar, manter e divulgar a memória coletiva da localidade como uma riqueza cultural, uma mais-

¹³² “Fábrica da Baleia do Boqueirão”. *Museu das Flores*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/museu/museu-da-fabrica-da-baleia-do-boqueirao/>. Consultado a 2 de janeiro de 2024.

¹³³ Resolução n.º 67/99. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 17 de 29 de abril (Classifica como Imóvel de Interesse Público a Fábrica da Baleia do Boqueirão e respetiva rampa de varagem).

¹³⁴ *Ecomuseu Municipal das Artes do Mar: Porto das Lajes das Flores – Anteprojecto: Memória Descritiva e Justificativa*. (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

valia para o porto e para o concelho com efeitos multiplicadores para o turismo e economia local (...) ¹³⁵.

A baleação, a transformação destes cetáceos pelo processo artesanal, a construção naval e forja de ferreiro, a transformação de pescado para exportação, os transportes marítimos, a apanha de algas marinhas, a marinharia, a navegação astronómica, as artes de pesca artesanal e uma mercearia tradicional seriam os principais temas a serem abordados, segundo este projeto ¹³⁶. Por fim, os imóveis de apoio a este Ecomuseu seriam a já mencionada Casa da Baleia; a Casa do Peixe, uma casa anexa que servia para secar o peixe e fazer conservas; um Armazém para construção e manutenção das embarcações; a Casa dos Botes, utilizada para guardar as embarcações; e o edifício da Loja de Lázaro Inácio dos Anjos, fundada após o final do segundo conflito mundial e ponto de encontro e confraternização de baleeiros ¹³⁷.

¹³⁵ Ibidem.

¹³⁶ *Memorando: Pedido de colaboração na cedência de dois imóveis que pertenceram à faina baleeira do porto das Lajes das Flores.* (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

¹³⁷ *Ecomuseu Municipal das Artes do Mar: Porto das Lajes das Flores – Anteprojeto: Memória Descritiva e Justificativa.* (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

3. Museu das Flores

3.1. Das Casas de Etnografia à Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores: Breve contextualização

Uma análise ao Museu das Flores deve, inevitavelmente, considerar todo o contexto museológico regional, no qual o mesmo se insere.

Segundo o museólogo Luís Menezes: “Só com a institucionalização do regime democrático e a consagração do Estatuto da Autonomia Regional se enceta um processo de criação consistente dos museus no Arquipélago dos Açores, essencialmente por iniciativa do Governo Regional”¹³⁸.

De facto, é após a Autonomia que se começa a verificar a implementação de uma política de valorização e proteção do património cultural açoriano. Por esta altura existiam nos Açores apenas dois museus, um na ilha de São Miguel, em Ponta Delgada, e outro na ilha Terceira, em Angra do Heroísmo¹³⁹.

Já em 1977, pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 21/27¹⁴⁰, é criado o Museu da Horta, na ilha do Faial¹⁴¹. No mesmo ano são criadas as Casas de Etnografia nas ilhas de Santa Maria, Graciosa, Pico, São Jorge, Flores e Corvo, pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 25/77¹⁴². Segundo o mesmo documento, estas Casas de Etnografia são instituições culturais com funções museológicas, nomeadamente a recolha, conservação e exposição de objetos de interesse etnográfico¹⁴³.

Segundo Rui de Sousa Martins, a criação destas Casas de Etnografia nas ilhas que ainda não possuíam qualquer tipo de instituição cultural institucionalizou uma representação “feudalizante” do arquipélago. Isto, porque estas instituições que, apesar de terem funções museológicas, haviam sido negadas ao nome de Museu, ficaram na dependência dos três museus, localizados nos antigos distritos autónomos: Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta. Por exemplo, as Casas de Etnografia das ilhas

¹³⁸ Menezes, 2006: 7.

¹³⁹ Cunha, 2008: 23-24.

¹⁴⁰ Decreto Regulamentar Regional n.º 21/77. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 7 de 18 de julho de 1977 (Criação do Museu da Horta).

¹⁴¹ Sousa, 2009: 51.

¹⁴² Decreto Regulamentar Regional n.º 25/77. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 12 de 14 de outubro de 1977 (Criação nas ilhas de Santa Maria, Graciosa, Pico, S. Jorge, Flores e Corvo de instituições culturais denominadas “Casa de Etnografia”).

¹⁴³ *Ibidem*.

Graciosa e São Jorge estavam na dependência do Museu de Angra, a de Santa Maria dependia do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, e as do Pico, Flores e Corvo estavam subordinadas ao Museu da Horta¹⁴⁴.

Se, por um lado, é evidente que a estrutura que contemplava as Casas de Etnografia ignorou, de forma significativa, a complexa e diversificada realidade cultural de cada uma destas ilhas e criou uma visão patrimonial, essencialmente, popular e rural destas ilhas mais pequenas, talvez por isso esta estrutura nunca se tenha concretizado como estava previsto, a verdade é que este diploma foi um passo importante que conduziu a uma mudança da realidade museológica açoriana. Começa a evidenciar-se uma crescente preocupação governamental, no sentido de proteger o património cultural de ilhas que, ao longo de vários anos, vinham sendo alvo de uma autêntica delapidação do seu património.

Efetivamente, segundo Rui de Sousa Martins: “(...) a estrutura estabelecida foi rapidamente ultrapassada pela dinâmica realidade insular, onde iam surgindo experiências inovadoras”¹⁴⁵. Foi o caso do Museu Etnográfico da Graciosa, do Museu de Arte Sacra, em São Jorge, do Museu dos Baleeiros e do Museu do Vinho, no Pico e do Museu de Arte e Tradição Popular, nas Flores. No Corvo não houve qualquer realização, neste âmbito e de todas as Casas de Etnografia previstas, a única que, efetivamente, se realizou foi a Casa de Etnografia de Santo Espírito, em Santa Maria¹⁴⁶.

Entretanto, a consciência dos problemas etnomuseológicos no arquipélago foi aumentando, sendo que a realização das Semanas de Etnologia do Atlântico contribuíram, em muito, para esta tendência¹⁴⁷. Realizadas em Angra do Heroísmo, em 1986 e 1988, e organizadas pelo Comité Organizador de Festivais Internacionais da Ilha Terceira (COFIT), estas Semanas estavam ligadas ao Festival Internacional de Folclore dos Açores e trouxeram ao arquipélago especialistas nacionais e internacionais. Mesquitela Lima, Henrique Coutinho Gouveia, João Lopes Filho e François Hubert foram alguns dos nomes que fomentaram o debate de importantes questões relacionadas com os museus e o património como, por exemplo, a política regional dos museus, o problema das Casas de

¹⁴⁴ Martins, 1992: 42.

¹⁴⁵ Idem, 1992: 43.

¹⁴⁶ Sousa, 2009: 52-53.

¹⁴⁷ Martins, 1992: 43.

Etnografia e a passagem das mesmas a museus¹⁴⁸. Já em 1987, João Gomes Vieira participou no Seminário Internacional sobre Musealização de Sítios, em Coimbra, promovido pelo Instituto Português do Património Cultural e em 1996 no VII Encontro Nacional de Museologia e Autarquias, organizado pela Câmara Municipal do Seixal¹⁴⁹.



Figura 26: Palácio dos Capitães-Generais, Semanas de Etnologia do Atlântico, organizadas pelo COFIT. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986.

No início da década de 90, a Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC) divulga um novo projeto de legislação que reformula e define uma nova realidade museológica e patrimonial nos Açores. Pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 40/91/A¹⁵⁰ é estabelecido o *Regime Geral dos Museus da Região Autónoma dos Açores*. É, também, este mesmo diploma que cria a Rede Regional de Museus dos Açores. Estes museus, dependentes da DRAC, passam a ser classificados como “Museu Regional”, quando abrangem o património cultural regional, independentemente da sua origem e “Museu de Ilha”, quando, de

¹⁴⁸ “Entrevista com Rui Sousa Martins”. In: *No Mundo dos Museus*. Disponível online em: <https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5882>. Consultado a 12 de setembro de 2023.

¹⁴⁹ Veja-se o Anexo 1: *Curriculum Vitae João António Gomes Vieira*. (21 de novembro de 2017), em anexo.

¹⁵⁰ Decreto Regulamentar Regional n.º 40/91/A. *Diário da República*, 1ª Série-B, nº 271 de 25 de novembro (Regime Geral dos Museus da Região Autónoma dos Açores).

preferência, abarcam aspetos que caracterizam as atividades culturais, económicas e sociais da ilha onde se localizam. Passam, assim, a existir três museus regionais (Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada; Museu de Angra do Heroísmo e Museu da Horta) e cinco museus de ilha (Museu de Santa Maria; Museu da Graciosa; Museu de São Jorge; Museu do Pico e Museu das Flores) que vêm substituir as antigas Casas de Etnografia. Além destas alterações, o Decreto cria, também, extensões dos museus de ilha. Por exemplo, o Museu do Pico tinha como extensões o Museu dos Baleeiros, na vila das Lajes, e o Museu do Vinho, na vila da Madalena, enquanto que o Museu das Flores passava a ter uma extensão na ilha do Corvo. Para Rui de Sousa Martins este facto constituiu “(...) o derradeiro resquício de feudalismo museológico (...)”¹⁵¹. O mesmo autor aponta como principal motivo para a ineficácia desta rede, o afastamento dos Museus de Ilha relativamente ao centro de decisão, situação que os condena a um estado crónico de abandono e que dificulta a resolução dos problemas correntes, contudo ressalva que, apesar das suas limitações, a criação da Rede Regional de Museus constituiu um passo importante, no sentido de criar uma organização museológica, a nível regional¹⁵².

Já em 2000, o Decreto Regulamentar Regional n.º 36/2000/A¹⁵³ procede a uma reorganização dos serviços dependentes da DRAC, incluindo os museus regionais e de ilha. Deste diploma, importa destacar como mudanças mais significativas a criação no Pico de um museu regional, por se considerar que o conjunto das três instituições museológicas existentes na mesma ilha atingia uma dimensão muito superior à dos museus de ilha e a criação do Museu do Corvo que deixaria de estar na dependência do Museu das Flores.

A partir de fevereiro de 2002, os museus da Direção Regional da Cultura dos Açores passam a integrar a Rede Portuguesa de Museus (RPM)¹⁵⁴. Segundo Sílvia Sousa, esta integração trouxe benefícios imediatos, nomeadamente através

¹⁵¹ Martins, 1992: 44.

¹⁵² Ibidem.

¹⁵³ Decreto Regulamentar Regional n.º 36/2000/A. *Diário da República*, 1ª Série-B, nº 282 de 7 de dezembro (Reorganização dos serviços dependentes da Direção Regional dos Assuntos Culturais).

¹⁵⁴ Gonçalves, junho de 2002: 3.

da realização de ações de formação para os técnicos dos museus açorianos e do apoio técnico e científico fornecido pela RPM¹⁵⁵.

Em 2016, pelo Decreto Legislativo Regional n.º 25/2016/A¹⁵⁶, que aprova o Regime Jurídico dos Museus da Região Autónoma dos Açores, é criada e desenvolvida a Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, “(...) um sistema organizado, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus”¹⁵⁷. Esta rede é, atualmente composta por 14 museus (Museu de Angra do Heroísmo; Museu Carlos Machado; Museu Militar dos Açores; Fábrica da Baleia do Porto Pim; Museu das Flores; Museu Francisco de Lacerda; Museu da Graciosa; Museu da Horta; Museu do Pico; Museu Municipal da Ribeira Grande; Museu de Santa Maria; Museu Municipal de Vila Franca do Campo; Museu do Tabaco da Maia; e Ecomuseu do Corvo)¹⁵⁸ e por 3 coleções visitáveis (Museu do Carnaval da Ilha Terceira – Hélio Costa; Museu Vulcano Espeleológico e Casa da Atafona, Memórias da Emigração de José Dimas Ávila)¹⁵⁹. Em fase de acreditação encontram-se a Casa-Museu Cunha da Silveira, em São Jorge, e o Museu da Lagoa¹⁶⁰.

Mais recentemente, em 2020, no Decreto Regulamentar Regional n.º 3/2020/A¹⁶¹, que aprova a orgânica e o quadro de pessoal dirigente dos serviços externos da Direção Regional da Cultura, destacam-se dois novos projetos dependentes da Direção Regional da Cultura: o Ecomuseu do Corvo, localizado na

¹⁵⁵ Sousa, 2009: 57.

¹⁵⁶ Decreto Legislativo Regional n.º 25/2016/A. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 224 de 22 de novembro (Aprova o Regime Jurídico dos Museus da Região Autónoma dos Açores).

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ “Museus”. *Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores*. Disponível online em: <https://www.redemuseuscolecoesvisitaveisacores.pt/museus/>. Consultado a 14 de setembro de 2023.

¹⁵⁹ “Coleções visitáveis”. *Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores*. Disponível online em: <https://www.redemuseuscolecoesvisitaveisacores.pt/colecoes-visitaveis/>. Consultado a 14 de setembro de 2023.

¹⁶⁰ “Manuel Costa Júnior é o novo coordenador da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores”. (10 de julho de 2023). *Rádio Pico*. Disponível online em: <https://www.radiopico.com/noticia/read/16875/manuel-costa-jnior--o-novo-coordenador-da-rede-de-museus-e-colees-visitaveis-dos-aores>. Consultado a 12 de janeiro de 2024.

¹⁶¹ Decreto Regulamentar Regional n.º 3/2020/A. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 18 de 27 de janeiro (Aprova a orgânica e o quadro de pessoal dirigente dos serviços externos da Direção Regional da Cultura).

ilha do Corvo e o Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, na Ribeira Grande, ilha de São Miguel.

Em suma, nesta breve contextualização do percurso dos museus açorianos verificamos que a sua criação está diretamente ligada à institucionalização da Autonomia Regional e às transformações sociais e políticas resultantes deste acontecimento.

Desde as Casas Etnográficas até à Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores foi percorrido um longo caminho, contudo ainda muito há por fazer. Neste sentido, a adesão dos museus da rede da Região Autónoma dos Açores à Rede Portuguesa de Museus e a criação da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores constituíram importantes passos, o primeiro pela formação dirigida aos técnicos dos museus dos Açores e pelo apoio científico e técnico fornecido e o segundo, no sentido de ter criado uma estrutura complementar entre as instituições museológicas regionais, sendo que cada uma delas explora determinados temas da sua história local, oferecendo ao visitante que as percorre uma visão histórica mais alargada, ao nível regional.

Mais recentemente têm surgido novos projetos museológicos como é o caso do Ecomuseu do Corvo e do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas que rompem com o modelo de museu tradicional, enriquecendo o panorama museológico regional.

3.2. O Convento de São Boaventura: Projeto museográfico

Em 2016 é inaugurada a nova museografia do núcleo-sede do Museu das Flores, com um projeto da autoria do Arquiteto Rui Pimentel, no entanto alterado substancialmente pelo Arquiteto Francisco Pimentel, sob supervisão do então Diretor Regional da Cultura, Arquiteto Nuno Lopes. Segundo este projeto, o percurso expositivo inicia-se numa pequena sala de entrada e acolhimento que possui dois painéis que remetem para a designação de ilha das Flores, nome que virá da profusão de flores

amarelas, os cubres (*Solidago sempervirens*), de origem norte-americana, que ocupavam vastas áreas, no verão¹⁶².



Figura 27: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Site oficial do Museu das Flores, 2016.

Numa segunda sala, onde se localizam, também, a receção e Loja de Cultura, os visitantes podem conhecer a evolução urbanística da vila de Santa Cruz, a história do edifício que, construído para ser um Convento, foi, também, Hospital, Escola e, atualmente, Museu e têm, ainda, o primeiro contacto com o tema central deste projeto museológico: a posição geoestratégica da ilha das Flores, no âmbito das dinâmicas do Atlântico, pelo visionamento de um pequeno documentário sobre a implantação, na década de 60 do século XX, de uma estação de rastreio e telemedidas para servir o programa de armamento nuclear francês¹⁶³. Já no claustro, são dadas a conhecer algumas

¹⁶² *Museu das Flores: Projeto Museográfico: Guião*. (2016). Texto policopiado. Museu das Flores.

Este Guião pertence ao espólio documental do Museu das Flores, contudo por ser demasiado extenso, não o incluímos nos anexos deste trabalho.

¹⁶³ Vieira, L. F. G., 2016: 89.

das personalidades mais notáveis da ilha das Flores. São elas, Frei Diogo das Chagas¹⁶⁴, José António Camões¹⁶⁵, José Christiano de Freitas Henrique Júnior¹⁶⁶, Manuel

¹⁶⁴ Frei Diogo das Chagas (Santa Cruz das Flores, c. 1584 – Angra, depois de 1661) era filho do capitão-mor Manuel Mateus Coelho da Costa e Catarina Fraga Rodovalho. Tinha 4 irmãos: Pedro de Fraga Rodovalho (capitão-mor e ouvidor das Flores e Corvo, após a Restauração); o Padre Inácio Coelho (vigário da matriz de Santa Cruz das Flores, durante cerca de três décadas, ouvidor eclesiástico, juiz dos resíduos das Flores e Corvo e padroeiro do convento franciscano fundado nas Flores, em 1641); Maria Coelho Fagundes; e o Frei Mateus da Conceição (primeiro provincial da Província de S. João Evangelista dos Açores). Terá feito os seus primeiros estudos no colégio da Companhia de Jesus ou, eventualmente, com os franciscanos em Angra. Partiu para o Reino em 1612 a fim de ser ordenado sacerdote. Regressou à Terceira dois anos depois, onde cursava Artes na cidade e, em 1616, estudava em Coimbra, certamente Teologia. Regressou em 1620 para exercer o magistério de Teologia nos conventos franciscanos da Terceira e, em 1627, foi feito guardião do convento da Praia. A Frei Diogo das Chagas e ao seu irmão Frei Mateus da Conceição ficou a dever-se a elevação da custódia franciscana dos Açores à categoria de província, separando-se, assim, da Província Franciscana dos Algarves e constituindo-se na Província de S. João Evangelista dos Açores. Em 1646 foi feito vigário provincial dos franciscanos nos Açores, cargo que terá exercido até 1649. Das suas obras, *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores* é a que merece especial destaque (Artur Teodoro de Matos. In: *Enciclopédia Açoriana*).

¹⁶⁵ José António Camões (Fajã Grande/Fajãzinha, 10/11.12.1777 – Ponta Delgada, Flores, 18.1.1827) exposto no lugar da Fajã Grande foi registado como “filho de pais desconhecidos”. Como não tinha nome de família adotou, já na adolescência, o apelido de Camões, em homenagem ao autor de *Os Lusíadas*. Sabe-se que fez grande parte dos seus estudos em Santa Cruz, inicialmente com os frades do convento de São Boaventura e, a partir de 1749, possivelmente, também, com António José Álvares, o primeiro professor régio de Gramática Latina na ilha, tendo concluído a sua formação em Angra. A sua ordenação data de 20 de outubro de 1804. Até ao final desse ano recebeu, ainda, provimento de pregador e confessor geral e, por provisão do capitão-general, conde de S. Lourenço, foi nomeado professor régio de Gramática Latina na cadeira da vila de Santa Cruz das Flores. De regresso à ilha-natal, na primavera de 1805, começou, então, a exercer o cargo de professor até ser nomeado, a 24 de junho de 1807, vigário da paróquia de S. Pedro da freguesia de Ponta Delgada. Num curto espaço de tempo, o padre José António Camões é sucessivamente nomeado procurador da Mitra (1808), ouvidor eclesiástico nas ilhas das Flores e Corvo (em 1810, após eleição), examinador dos eclesiásticos daquelas duas ilhas (1812) e prioste da ilha do Corvo (1813). Foi, também, poeta, tendo escrito os três Sonetos que se lhe conhecem, entre 1821 e 1823. Este sucesso causou-lhe inimizades que o perseguiram. Morreu com apenas 49 anos de idade, mas já cansado, derrotado e abandonado, na freguesia de Ponta Delgada, onde vivera os últimos anos de vida. (Francisco Gomes. In: *Enciclopédia Açoriana*).

¹⁶⁶ José Christiano de Freitas Henrique Júnior (Santa Cruz das Flores, 1832 – Assunção, Paraguai, 1902) emigrou para o Brasil, em 1855, onde se supõe que terá aprendido o ofício de fotógrafo. Foi dono de vários estudos de fotografia no Rio de Janeiro, em Alagoas e, posteriormente, em Buenos Aires, Argentina. Participou, em 1865, na Exposição Internacional do Porto e, no ano seguinte, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, onde lhe é atribuída uma medalha de bronze pelas reproduções fotográficas das gravuras de *Os Lusíadas*. Foi também vencedor de várias medalhas de ouro na Exposição Nacional de Córdoba (1871) e na Exposição Científica de Buenos Aires. Evidenciou-se nas fotografias de escravos das ruas do Rio de Janeiro, feitas em estúdio, e nas fotografias urbanas de paisagem e com carácter documental da Argentina, onde são colocadas pessoas, imóveis, no campo da imagem, com alguma teatralidade. No fim da sua vida, dedica-se à agricultura, registando, no Brasil, uma patente da invenção de um processo de fabrico de vinho de cana (Manuel Magalhães. In: *Revista CulturAçores*, julho-dezembro, n. °1, pp. 43-57).

Constantino Augusto Teófilo Ferreira¹⁶⁷, Roberto de Mesquita¹⁶⁸, Alfredo Luís¹⁶⁹ e Pedro da Silveira¹⁷⁰. Ainda no claustro, uma maquete transmite informação sobre a evolução

¹⁶⁷ Manuel Constantino Augusto Teófilo Ferreira (Santa Cruz das Flores, 14.04.1840 – Lisboa, 12.12.1894) “De uma família modesta das Flores saiu da ilha quando tinha 16 anos empregando-se primeiro como caixeiro e depois como tipógrafo do jornal *A Persuasão*, de Francisco Maria Supico, na ilha de S. Miguel. Paralelamente estudou no liceu da cidade de Ponta Delgada, onde travou amizade com Teófilo Braga e com ele fundou o *Meteoro*. Foi nomeado professor de instrução primária na Ribeira Grande (1860) e prosseguiu o seu trabalho como jornalista, no *Estrela Oriental*, no *Pirilampo*, e em *A Missão* e fundou com Supico o *Forum*. Em 1868 transferiu-se para Lisboa, para frequentar a Escola Naval da Marinha, continuando como professor em Santa Catarina e Santa Isabel. Matriculou-se na Escola Médica de Lisboa, cujo curso terminou em 1878 com uma tese *Mania Puerperal*. Foi eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa, encarregado dos pelouros da saúde, sanidade e ensino, publicando dois relatórios, um sobre a fazenda municipal e outro sobre os cemitérios da capital. Continuou como jornalista fundando o jornal *Ensino*, que pugnava pelo desenvolvimento da instrução, e em 1880 assistiu, como comissário do governo português, ao Congresso do Ensino em Bruxelas, fazendo nessa altura uma viagem de estudo pela Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça e França. A sua ação no campo do ensino em Lisboa foi notável, nomeadamente com a inauguração da primeira escola primária superior para o sexo masculino, «Escola Rodrigues Sampaio»; criação de uma outra do sexo feminino, Escola Maria Pia; a criação da primeira escola infantil pelo sistema Froebel e a inauguração do primeiro museu pedagógico em Portugal.

Foi eleito deputado nas listas do partido regenerador pelo círculo da Horta para a legislatura de 1890, batendo-se no parlamento por questões de interesse fundamental do seu círculo eleitoral, nomeadamente o cabo submarino, faróis e navegação intercontinental, tendo publicado dois dos seus discursos.

Foi médico de várias associações e da Misericórdia de Lisboa e dirigiu a Escola Normal de Lisboa” (José Guilherme Reis Leite. In: *Enciclopédia Açoriana*).

¹⁶⁸ Roberto de Mesquita (Santa Cruz das Flores, 19.06.1871 – 31.12.1923) Fez estudos liceais na Horta. Veio depois a ingressar na carreira da Fazenda Pública. Fez a sua estreia literária, publicando n’ *O Amigo do Povo*, de Santa Cruz das Flores, um soneto sob o pseudónimo Raul Montanha. A partir daí, foi dando a conhecer dispersamente os seus poemas, a maioria na imprensa regional (*O Açoriano*, *A Ilha das Flores*, *Revista Faialense*, *O Arauto*, *A Actualidade*), mas, também, nacional em *Ave Azul* e *Os Novos*, revista que deu expressão mais significativa à geração simbolista portuguesa. A edição em livro dos seus poemas foi projeto acalentado que organizou, intitulado-o *Almas Cativas*. Morreu, no entanto, sem realizar o projeto e, só em 1931, por iniciativa familiar, apoiada por Marcelino Lima, a obra surgiu, sendo considerada um dos mais reputados títulos da Açorianidade (Maria do Céu Fraga. In: *Enciclopédia Açoriana*).

¹⁶⁹ Alfredo Luís (Fajãzinha, 1902 – Los Baños, Califórnia, 1977) “Reconhecido como Alfred Lewis, que pelo seu trabalho literário se distinguiu na Califórnia e nos Açores. Muito pobres eram os seus pais, José António Luís – baleeiro e mineiro que já conhecia os EUA – e Ana Luísa da Conceição, que quando Alfredo completou com muito proveito os estudos disponíveis na ilha, venderam por 7 águias americanas a sua relva na Fajãzinha, para lhes permitir realizar o seu sonho: apanhar o barco e o comboio e se juntar ao irmão mais velho, na Califórnia. Desembarcou em Providence em 1922 e, depois de atravessar a nação de comboio, com 19 anos e 75 cêntimos, chegou à Califórnia, aonde (...) de apanhador de batatas, lavador de pratos, empregado de oficina de jornal, notário público, autor de romances, poeta, correspondente de jornais, juiz municipal, agente de seguros e agente de imobiliários, venceu na vida e conseguiu distinguir-se e imortalizar-se. Tinha publicado poesias nos jornais das Flores antes da emigração e, ao chegar aos EUA, formou-se em direito e revelou-se bem cedo como assíduo colaborador na imprensa americana de língua portuguesa. O sucesso chegou quando, em 1951 e como novelista, Alfredo Luís fizera publicar em Nova Iorque e Toronto o livro *Home is an Island*, que reconstrói a sua infância na Fajãzinha antes da partida e que foi então considerado – pelo New York Times – como uma das melhores obras dos últimos anos, e mais tarde como obra fundadora do romance luso-americano, tendo cativado pela primeira vez o público da língua inglesa” (Pierluigi Bragaglia. In: *Ilha das Flores*, 2009: 139).

¹⁷⁰ Pedro da Silveira (Fajã Grande, 05.09.1922 – Lisboa, 13.04.2003) “Poeta, investigador histórico e literário, tradutor, etnógrafo. Nos anos 40 do século XX, na cidade de Ponta Delgada, transformou o jornal *A Ilha* num polo aglutinador de jovens intelectuais; neste jornal divulgou a moderna literatura caboverdiana (...). Em 1951, Pedro da Silveira fixou residência em Lisboa, tendo exercido aí várias atividades e reformando-se em 1992 como diretor de serviços da Biblioteca Nacional. Redator da revista *Seara Nova* até 1974, deixou colaboração dispersa pela imprensa nacional e estrangeira (...). A sua *Antologia de Poesia Açoriana* do século XVII a 1975 (...) reúne um precioso manancial de informação

demográfica e agrícola da ilha. Esta é enquadrada por alfaias de cultivo da terra, mostrando-se, também, o contributo da emigração para o avanço tecnológico da agricultura local. Nos espaços seguintes, cozinha e refeitório, foi instalada uma mostra de têxteis, que, atualmente, não se encontra em exposição, pois não estão reunidas as condições necessárias em termos de conservação, assim como utensílios relacionados com a produção de queijo e manteiga, atividades essenciais à subsistência, durante o século XX¹⁷¹.



Figura 28: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Povoamento e Agricultura. Fotografia de António Araújo, 2016.

histórica e biobibliográfica; o extenso verbete «Açores» no *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, de João José Cochofel, constitui uma excelente amostra do que viria a ser a História da Literatura Açoriana, que andava a preparar quando faleceu (Urbano Bettencourt. In: *Enciclopédia Açoriana*).

¹⁷¹ Vieira, L. F. G., 2016: 89.



Figura 29: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Emigração e a sua Influência. Fotografia de António Araújo, 2016.

No segundo piso é abordado o importante papel das Flores como ponto de apoio das viagens de regresso à Europa. Devido ao regime de circulação de ventos e correntes do Atlântico Norte, por essas alturas, os ventos de Oeste conduziam as frotas aos portos peninsulares. A ilha das Flores era, também, a primeira terra que se avistava, após semanas ou meses de navegação e que podia fornecer água ou géneros que, entretanto, se haviam esgotado. Assim, estão expostos, primeiramente, alguns produtos de alto valor comercial que, à época, passavam ao largo da ilha como a pimenta preta, a canela, o tabaco, o ouro e o milho, que acabaria por revolucionar a dieta açoriana, no século XIX.

Entretanto, “A cobiça daqueles que contestavam o monopólio ibérico dos produtos coloniais levou-os a emboscar os navios de Portugal e Espanha nos mares ocidentais, chegando a queimar e saquear as povoações, mas também a estabelecer relações comerciais pacíficas para conseguirem o refresco essencial à manutenção das tripulações no mar por largos períodos de tempo”¹⁷². Para servir de suporte a este tema do corso e pirataria, estão expostos um conjunto de instrumentos náuticos e escultura religiosa, assim como painéis informativos.

¹⁷² Idem: 90.



Figura 30: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Flores – Um Local de Passagem Marítima. Fotografia de António Araújo, 2016.



Figura 31: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Flores – Um Local de Passagem Marítima. Fotografia de António Araújo, 2016.

Por fim apresenta-se a utilização do mar pelos locais, através de uma lancha e de artes de pesca tradicional. O tema é acompanhado por uma excelente coleção de objetos utilitários feitos em dente e osso mandibular de cachalote. O percurso termina com o tema dos naufrágios, já que constituíram, também, uma forma de apropriação do mar, por meio da reutilização dos salvados, provenientes dos inúmeros naufrágios ocorridos nas costas florentinas. Destes, o mais emblemático terá sido o *Slavónia*, paquete inglês, encalhado em 1909. Ao visitante é, também, oferecida a possibilidade de observar e admirar várias peças do seu mobiliário e baixela¹⁷³ e, ainda, interagir com um ecrã que disponibiliza informação datada, acerca dos vários naufrágios que ocorreram, ao longo das costas florentinas, sinalizados numa maquete, e visualizar um filme sobre o naufrágio do *Slavónia*, produzido por dois ingleses que visitaram a ilha das Flores, guiados por Pierluigi Bragaglia



Figura 32: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, O Mar e a Pesca. Fotografia de António Araújo, 2016.

¹⁷³ Ibidem.



Figura 33: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, A Arte em Osso de Baleia. Fotografia de António Araújo, 2016.



Figura 34: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Naufrágios e Salvados. Fotografia de António Araújo, 2016.

Segundo Francisca Hernández Hernández, ao elaborar qualquer projeto museológico é imprescindível ter em conta a programação do museu, quer se trate de um museu criado de raiz ou de um já existente. O projeto deve, ainda, ser elaborado, preferencialmente, por uma equipa de especialistas em áreas diversas (museólogos, arquitetos, economistas, designers, etc.) e deve ter em conta vários fatores.

Em primeiro lugar, a arquitetura e os recursos técnicos, sendo, neste caso, fundamental conhecer a superfície total do edifício, a distribuição dos espaços, a sua altura e flexibilidade interna, permitindo o acesso e a livre circulação por todo o museu, assim como as instalações dos sistemas de climatização, segurança e iluminação.

Em segundo lugar, deve ter-se em conta todo o equipamento, que inclui o mobiliário, os acessórios ou aparatos técnicos, os meios audiovisuais, os sistemas de sinalização, os meios de transporte, a divulgação, a manutenção, etc. Além destes fatores é, ainda, importante conhecer as coleções, principalmente no que diz respeito ao número e natureza das mesmas, à sua importância e diversidade, aos modos de exposição e reservas, à circulação das peças dentro do edifício e à sua localização preferencial.

Importa, finalmente, ter em consideração o funcionamento do museu, nomeadamente a natureza das atividades e diferenciação das mesmas, o acesso e circulação de pessoas, a frequência de visitantes, o horário de abertura ao público e do pessoal do museu e a organização e gestão do mesmo¹⁷⁴.

Presentemente, o Museu das Flores enfrenta algumas dificuldades decorrentes, não só, mas também, de algumas limitações do projeto em questão.

Primeiramente, e como já foi referido, na secção dos têxteis não é possível ao visitante fazer uma leitura coerente da narrativa exposta, uma vez que, por não terem sido reunidas as condições de conservação necessárias, nomeadamente a instalação de uma vitrine hermeticamente isolada, os mesmos, à exceção do dia da inauguração, não foram mais expostos ao público.

Seguidamente, em termos funcionais, este projeto omitiu vários elementos essenciais ao bom funcionamento de qualquer museu. Não foi criada uma sala de exposições de curta duração designada para o efeito, sendo que estas, assim como as atividades de serviço educativo, se realizam, de momento, na nave da Igreja. Não foram, igualmente, criados gabinetes destinados aos serviços administrativos, nem à direção, encontrando-se, ambos, circunscritos ao espaço da pequena Sacristia.

¹⁷⁴ Hernández-Hernández, 1994: 90-101.

Importa, também, destacar que o Museu das Flores possui uma coleção vasta e riquíssima, contudo, por se ter optado por uma temática específica na elaboração deste projeto museográfico, neste caso, a posição geoestratégica da Ilha das Flores, no âmbito das dinâmicas do Atlântico, a exposição de longa duração apresenta apenas uma ínfima parte da mesma, ocultando uma parte significativa da rica coleção do museu. A solução reside, não só, mas, essencialmente, na realização de exposições temporárias que permitam a rotatividade do espólio, contudo é preciso que se superem as limitações anteriormente referidas e que se criem as condições necessárias para o efeito. Só assim se poderá oferecer aos visitantes uma experiência mais enriquecedora, promovendo um maior entendimento da riqueza e diversidade da coleção do Museu das Flores.

Além destas limitações, a ausência de um edifício de reservas para armazenar e preservar, adequadamente, todas as peças que não fazem parte da exposição de longa duração, assim como a carência de pessoal qualificado para o exercício das suas funções têm sido, talvez, dois dos maiores desafios com que este museu se tem deparado. As reservas encontram-se divididas por vários espaços da ilha, situação que, não só dificulta a gestão do próprio espólio, como pode, a longo prazo, ter sérias implicações para as coleções, em termos de conservação e segurança. Relativamente aos recursos humanos, presentemente, o quadro de pessoal do museu é composto por nove profissionais, nomeadamente: três técnicos superiores, um dos quais a exercer funções de direção, dois assistentes operacionais e quatro assistentes técnicos, distribuídos pelo núcleo-sede, localizado no Convento de São Boaventura e pelo núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão.

Finalmente, a ausência de um plano de manutenção dos dois edifícios, bem como a carência de equipamentos como os microfones, as câmaras de vídeo, os gravadores de áudio ou os scanners, fundamentais, por exemplo para a realização das recolhas de património cultural imaterial ou para as digitalizações de documentação, constituem outras das dificuldades que comprometem o bom funcionamento do museu e que importa superar.

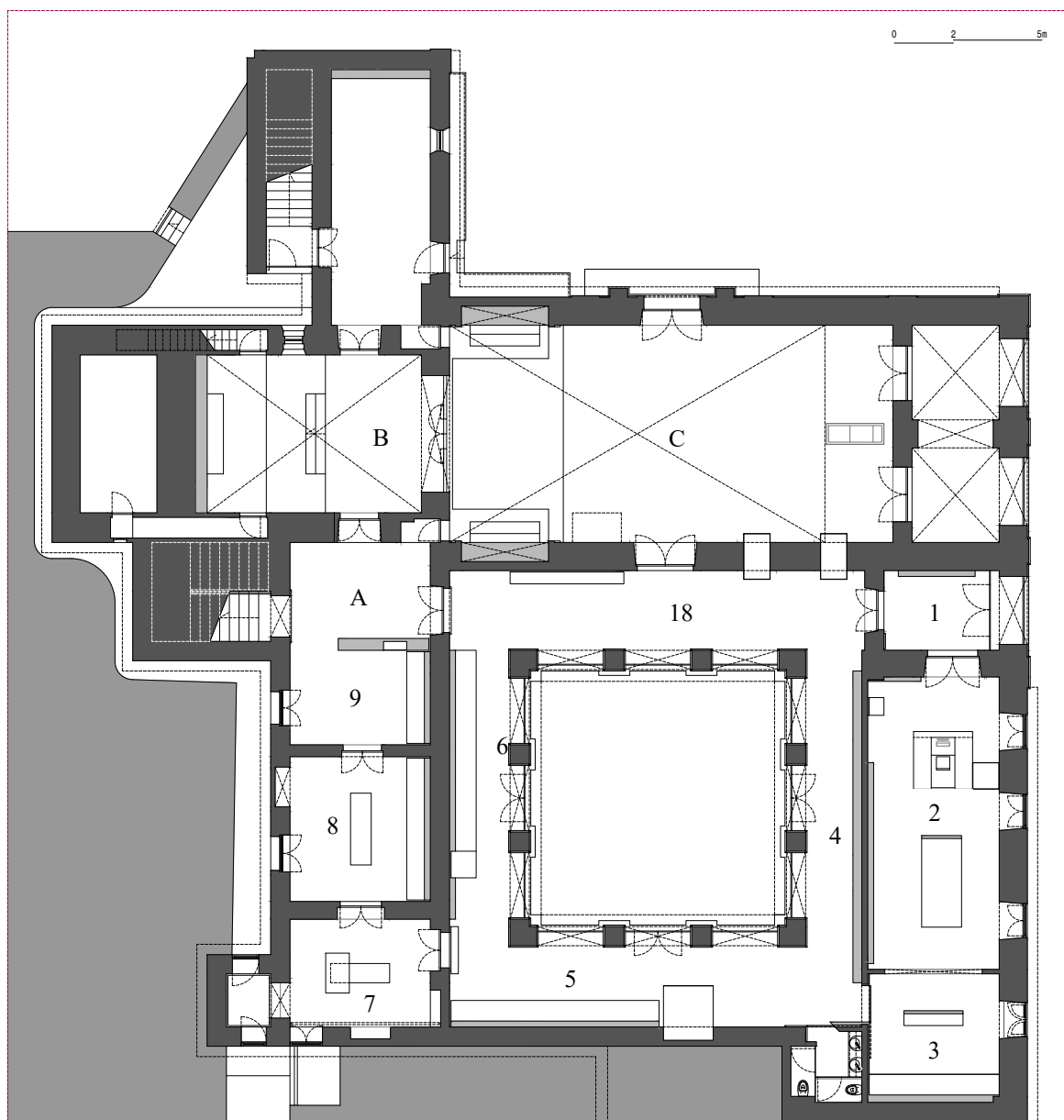


Figura 35: Percurso expositivo do Museu das Flores (Piso 0): 1. A Ilha; 2. De Convento a Museu e a Evolução de Santa Cruz; 3. Testemunhos da Presença Francesa; 4. Personalidades Marcantes da Cultura Florentina; 5. Povoamento e Agricultura; 6. Emigração e a sua Influência; 7. Tecelagem e Olaria; 8. Leite e Derivados – Produção Artesanal; 9. Leite e Derivados – Produção Industrial; A. Acesso ao piso superior / Outras Visões; B. Capela-mor da Igreja; C. Nave da Igreja – Sala de exposições de curta duração; 18. Os Santos Fundacionais. (Planta: Francisco Pimentel – DRC).

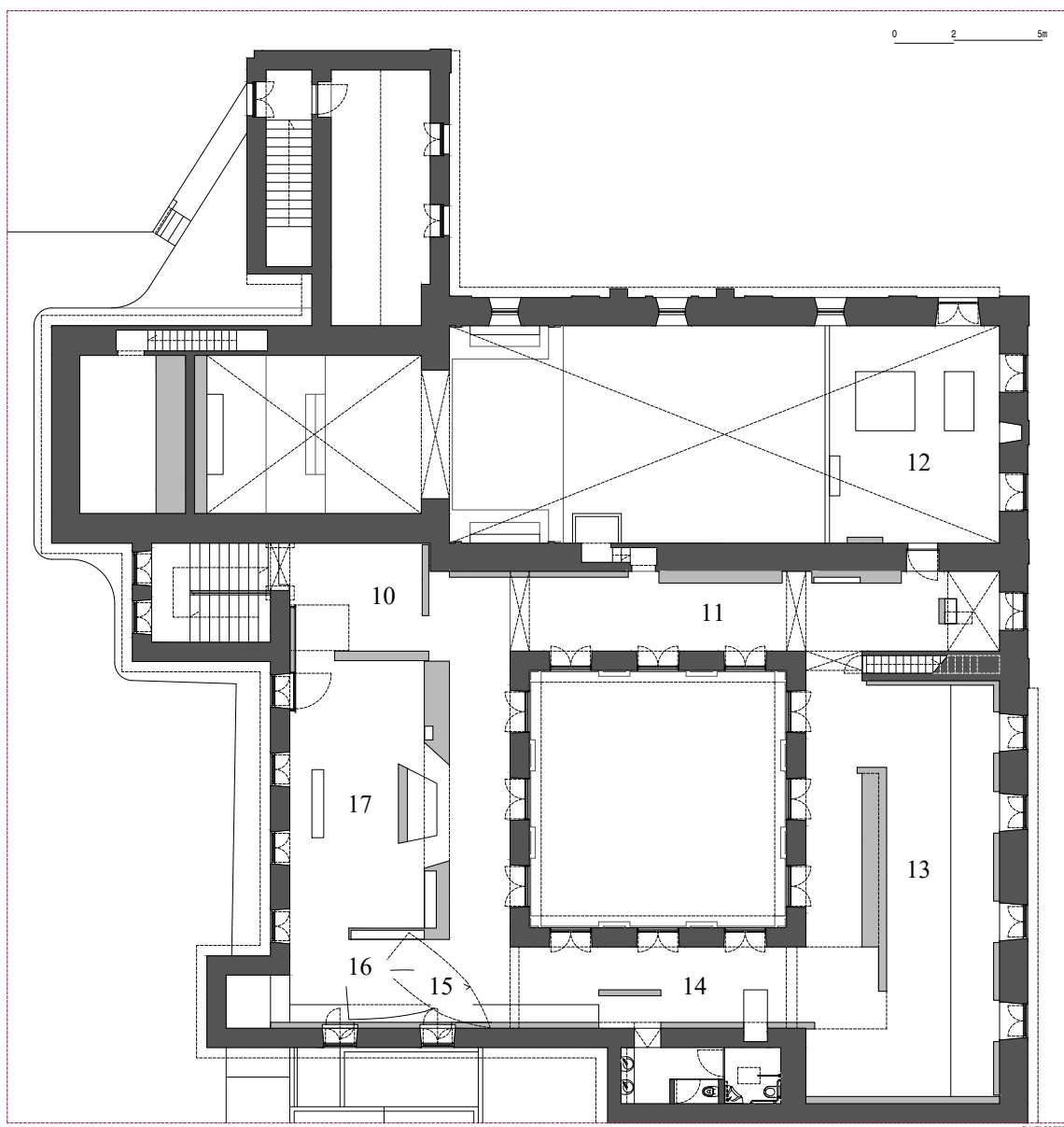


Figura 36: Percurso expositivo do Museu das Flores (Piso 1): 10. Mar Atlântico; 11. Flores – Um Local de Passagem Marítima; 12. Os Náufragos e a Fé; 13. Corsários e Piratas; 14. Montante – a Arte da Esgrima; 15. O Mar e a Pesca; 16. A Arte em Osso de Baleia; 17. Naufrágios e Salvados. (Planta: Francisco Pimentel – DRC).

3.3. A Fábrica da Baleia do Boqueirão: Projeto museográfico



Figura 37: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão. Site oficial do Museu das Flores, 2021.

Em 2007 surge um novo projeto de musealização para a Fábrica da Baleia do Boqueirão, também, da autoria do Arquiteto Rui Pimentel¹⁷⁵. Este “(...) inclui a recuperação da maquinaria e a reabilitação do edifício, tendo sido adicionado um segundo piso na ala oeste e uma cobertura de uma área adjacente, que era originalmente a céu aberto. As manutenções da cobertura original, das paredes de alvenaria e das estruturas de betão originais, assim como dimensão da maquinaria aqui instalada, remete imediatamente a imaginação do visitante para os dias de trabalho na fábrica e para os tempos em que a caça à baleia fazia parte do quotidiano da ilha”¹⁷⁶.

Segundo este projeto, na antiga área de produção de farinhas, fica localizada a entrada, zona de acolhimento de visitantes, bilheteira e loja. O início do percurso expositivo corresponde à primeira etapa de todo o processo da pesca à baleia: a vigia. Neste espaço de vigia, o próprio visitante pode desempenhar a tarefa de observação do mar, procurando a presença de cetáceos e a sua identificação.

¹⁷⁵ *Museu da Ilha das Flores: Núcleo da Fábrica do Boqueirão. Museografia: Projeto.* (março de 2007). Texto policopiado. Museu das Flores.

¹⁷⁶ “Fábrica da Baleia do Boqueirão”. *Museu das Flores*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/museu/museu-da-fabrica-da-baleia-do-boqueirao/>. Consultado a 2 de janeiro de 2024.



Figura 38: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, A vigia. Fotografia de Susana Soares, 2021.

A esta primeira etapa, segue-se a pesca à baleia, que se desenvolve em sete fases diferentes: o arriar dos botes, a aproximação ao animal, o “trancar” do cachalote, a perseguição, a morte, o reboque para o varadouro e a varagem¹⁷⁷. Todo este processo é evidenciado no decurso do percurso expositivo e complementado com a exposição de fotografias de tripulações florentinas que ilustram estas diversas etapas, bem como objetos originais utilizados na pesca, nomeadamente o arpão, a selha com a linha¹⁷⁸ e a lança. Podem, ainda, observar-se dois botes: um restaurado com a respetiva palamenta e vela armada, o *S. Cristo*, acompanhado de uma maquete de uma lancha baleeira, e outro utilizado num espetáculo multimédia, o *S. Roiz*, que representa o “trancar” do cachalote, permitindo ao visitante perceber um dos momentos-chave da pesca à baleia¹⁷⁹.

¹⁷⁷ *Museu da Ilha das Flores: Núcleo da Fábrica do Boqueirão. Museografia: Projeto.* (março de 2007). Texto policopiado. Museu das Flores.

¹⁷⁸ Cabo feito em cânhamo, tradução literal do inglês *line*.

¹⁷⁹ *Ibidem*.



Figura 39: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, A pesca. Fotografia de Susana Soares, 2015.

Ao longo do percurso expositivo, pode, também, observar-se uma cronologia que se inicia no mais antigo testemunho conhecido da pesca à baleia, as gravuras de Bangu Dae, na região de Ulsan, no Sudeste da Coreia, e termina no início do século XXI, em que só o Japão, a Noruega e a Islândia mantêm uma atividade de baleação industrial ativa, sendo que todos os outros países abandonaram a pesca à baleia, optando pela proteção destes cetáceos¹⁸⁰. Foi, também, reconstituída uma oficina de carpintaria e ferraria, onde se encontram expostos os equipamentos originais retirados da fábrica e criado um espaço dedicado à memória dos baleeiros florentinos que embarcaram nas baleeiras americanas e aos que localmente corporizaram a faina¹⁸¹, com fotografias e pequenos depoimentos em vídeo.

¹⁸⁰ Ibidem.

¹⁸¹ Vieira, L. F. G., 2017: 157.



Figura 40: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Os baleeiros florentinos. Fotografia de Susana Soares, 2021.

Apesar de tudo, não existiram muitos acidentes graves e fatais. Os quatro acidentes mortais registados, nas Flores e no Corvo estão reproduzidos em jornais da época¹⁸².

“Caçados desde a pré-história os grandes cetáceos foram protagonistas de inúmeras histórias que ao longo dos tempos se consolidaram no imaginário coletivo tanto no universo das fabulações fantásticas como no domínio do conhecimento empírico transmitido de geração em geração (...)”¹⁸³. Deste modo, surgem ao longo do percurso expositivo várias representações iconográficas que ilustram o universo fantástico relacionado com os grandes cetáceos, ao longo dos tempos, nomeadamente um episódio bíblico, em banda desenhada, intitulado *Jonas e a Baleia*; um episódio de *As aventuras de Pinóquio*, escrita em 1883 por Carlo Collodi, no qual intervém uma baleia; *Moby Dick*, um romance do autor americano Herman Melville, originalmente publicado em 1851, e,

¹⁸² *Museu da Ilha das Flores: Núcleo da Fábrica do Boqueirão. Museografia: Projeto.* (março de 2007). Texto policopiado. Museu das Flores.

¹⁸³ *Ibidem.*

finalmente, um espaço representativo de alguns autores açorianos que escreveram sobre a baleação, designadamente Vitorino Nemésio, Dias de Melo e os poetas florentinos Roberto de Mesquita e Pedro da Silveira¹⁸⁴.



Figura 41: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Moby Dick. Fotografia de Susana Soares, 2021.

Num pequeno auditório encontra-se, atualmente, em exibição um excelente filme da autoria de Francis Lamolère, filmado em situação real, sem recurso a qualquer tipo de encenação, nas vigias, nos botes e na fábrica. Segue-se um espaço dedicado ao culto religioso com objetos originais ligados ao mesmo, como as bandeiras, os estandartes, as imagens, etc., fotografias das cerimónias em honra de S. Pedro, padroeiro das gentes do mar, e bênção das embarcações baleeiras na ilha das Flores¹⁸⁵.

A terceira e última etapa corresponde à transformação. Estão, deste modo, expostas várias amostras de produtos extraídos do cachalote, em ligação com uma área

¹⁸⁴ Ibidem.

¹⁸⁵ Ibidem.

onde se desenvolve o serviço educativo. Na mesma área encontra-se uma exposição de documentos relativos à atividade comercial da Fábrica do Boqueirão, assim como embalagens de produtos originários de diversos países, utilizando na sua composição óleo de cachalote ou outras substâncias resultantes da transformação industrial dos grandes cetáceos, ilustrativos da dimensão internacional desta atividade¹⁸⁶. Após explicitados alguns aspetos acerca da composição e propriedades do óleo do cachalote, são, também, expostas várias amostras de produtos fabricados, utilizando substitutos de origem vegetal ou sintetizados, uma necessidade que surge após a proibição da pesca à baleia ¹⁸⁷.



Figura 42: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Comércio. Fotografia de Susana Soares, 2021.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem.

Seguem-se as últimas etapas do processo de transformação: o desmanche (com uma reprodução de um cachalote em tamanho real que se encontra em frente ao edifício, ao ar livre, proporcionando aos visitantes perceberem a verdadeira dimensão do animal e simulando-se, na porta de entrada da Sala dos Autoclaves, a cena do desmanche do cachalote); a obtenção do óleo (com uma plataforma na parte superior da Sala dos Autoclaves, onde se encontram as bocas de alimentação, permitindo ao visitante assistir, através da presença de modelos à escala natural, ao despejar dos toucinhos dentro dos autoclaves e à subida, através de um guincho, dos baldes com o toucinho enviados do piso inferior). A visita continua na Sala das Caldeiras onde se localizam as duas caldeiras *Babcock & Wilcox*, respetivamente de 1905 e 1922, e termina na Casa das Farinhas, onde o visitante pode observar os vários equipamentos expostos, nomeadamente os grandes ventiladores, assim como os moinhos de carne. Ainda nesta área, no depósito de farinhas, um modelo à escala natural simula a operação de ensacamento e pesagem¹⁸⁸.



Figura 43: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Energia – caldeiras. Fotografia de Susana Soares, 2021.

¹⁸⁸ Ibidem.



Figura 44: Percurso expositivo do Museu das Flores: Núcleo da Fábrica do Boqueirão: 1. A vigia; 2. A pesca; 3. A pesca (Espaço multimédia); 4. Carpintaria; 5. A pesca à baleia no mundo; 6. Os baleeiros florentinos; 7. O acidente; 8. Jonas e a Baleia; 9. Pinóquio; 10. Moby Dick; 11. Auditório; 12. O culto religioso; 13. As crenças; 14. Produtos extraídos do cachalote; 15. Utilização dos produtos; 16. Comércio; 17. Composição e propriedades; 18. Produtos de substituição; 19. Serviço educativo; 20. Biologia do cachalote; 21. História da Fábrica; 22. O desmanche; 23. Os autoclaves; 24. A energia – caldeiras; 25. As farinhas. (Perspetiva axonométrica: Rui Flunser Pimentel)¹⁸⁹.

¹⁸⁹ O proposto não corresponde ao projeto executado. Alteramos as legendas de acordo com o projeto atual.

A inauguração do museu teve lugar em 2015, sob a tutela da empresa Ilhas de Valor S. A. Em junho de 2021, a Fábrica da Baleia do Boqueirão é transferida do património da empresa pública regional Ilhas de Valor, S. A. para o património direto da Região, sob gestão da Secretaria Regional da Cultura, da Ciência e Transição Digital e ficando afeta à Direção Regional da Cultura¹⁹⁰ e desde outubro de 2023 passa a integrar a Rede Portuguesa de Turismo Industrial de Portugal¹⁹¹.

Tal como refere Luís Filipe Gomes Vieira, com este projeto: “Houve a intenção de criar uma exposição que não abdica do seu conteúdo científico, mas apresentando-a de uma forma didática e apelativa, recorrendo-se às novas tecnologias de informação”¹⁹².

De facto, cada projeto museográfico possui características únicas que conferem a cada museu a sua própria identidade. A singularidade deste projeto reside, em primeiro lugar, na temática abordada: a pesca da baleia, um importante e relativamente recente capítulo da história florentina. Além disso, o facto de o museu se inserir no próprio local onde tudo acontecia, a Fábrica da Baleia do Boqueirão, e de o percurso expositivo seguir todas as etapas do processo da pesca à baleia, desde a vigia até ao processo de transformação, remete o visitante para os tempos em que se pescavam baleias, fazendo-o, tal como referia João Gomes Vieira, no primeiro projeto de musealização desta fábrica, de 1984: “(...) reviver a cultura no seu ambiente próprio”¹⁹³. Outros dos elementos importantes deste projeto que se devem destacar são os recursos digitais que tornam toda a experiência do visitante mais dinâmica e atrativa, a existência de espaços para crianças, assim como a preocupação com as questões de acessibilidade e sustentabilidade. A única lacuna identificada neste projeto foi a infeliz demolição de uma pequena casa anexa onde vivia o encarregado da fábrica e a sua família. Este espaço deveria ter sido, igualmente, recuperado e poderia ter sido mobilado com os móveis que estavam patentes na Casa-Museu Pimentel de Mesquita, facultando aos visitantes uma espécie de reserva visitável,

¹⁹⁰Decreto Legislativo Regional n.º 15-A/2021/A. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 85 de 31 de maio (A antiga Fábrica da Baleia do Boqueirão é transferida, do património da empresa pública regional Ilhas de Valor, S. A., para o património direto da Região, sob gestão da Secretaria Regional da Cultura, da Ciência e Transição Digital, ficando afeta à Direção Regional da Cultura).

¹⁹¹ “Berta Cabral desafia indústrias vivas dos Açores a integrem Rota de Turismo Industrial de Portugal”. *Governo dos Açores*. Disponível online em: <https://portal.azores.gov.pt/web/comunicacao/news-detail?id=12449550>. Consultado a 11 de janeiro de 2024.

¹⁹² Vieira, L. F. G., 2017: 157.

¹⁹³ *Formulário-tipo para pedido de apoio a projeto-piloto de conservação e de promoção do património arquitetónico comunitário*. (1991). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

onde poderiam ver de perto parte do espólio que atualmente não se encontra acessível ao público.

Quanto à participação de João Gomes Vieira nestes dois projetos mais recentes, sabemos que o mesmo acompanhou o seu desenvolvimento, no entanto o seu envolvimento foi mais distante, uma vez que, nesta altura, a sua atenção estava mais voltada para a investigação e produção escrita.

3.4. A missão e a vocação

O Museu das Flores tem como missão promover a recolha, investigação, conservação e divulgação das peças relativas à história da ilha das Flores, contribuindo para a preservação da memória coletiva das suas gentes; manter atualizada uma museografia didática e apelativa para que possa exercer o seu papel de mediador cultural e potenciar um melhor interesse e compreensão por parte dos públicos, em especial a comunidade envolvente; dar prioridade à conservação das espécies que constituem o conjunto dos bens que o museu tem à sua guarda; assegurar o enriquecimento do seu acervo de acordo com a coerência histórica, sociológica, antropológica e estética, através de uma recolha seletiva e criteriosa; contribuir para o desenvolvimento cultural da comunidade, através de um projeto de identidade tecido à volta das coleções; proporcionar à comunidade um local de discussão e reflexão do passado, presente e futuro.

Além disso, tem como vocação a recolha de objetos etnográficos, artísticos e documentação considerados importantes para a compreensão da vivência dos florentinos na sua relação com o mundo¹⁹⁴.

3.5. O Regulamento Interno

O Museu das Flores dispõe de um Regulamento Interno, aprovado pela Secretaria Regional da Educação e Cultura e publicado a 11 de março de 2016, pela Portaria n.º 26/2016¹⁹⁵. Este documento apresenta um conjunto de normas relativas à sede, núcleos e

¹⁹⁴ Regulamento de Política de Incorporações do Museu das Flores. (2019). *Secretaria Regional da Cultura – Direção Regional da Cultura*.

¹⁹⁵ Portaria n.º 26/2016. *Jornal Oficial* de 11 de março (Aprova o regulamento de organização interna e funcionamento do Museu das Flores).

dependências; à organização; ao horário de abertura; às taxas de ingresso; aos espaços disponíveis e respetiva capacidade; às modalidades de ingresso; aos preços para execução, reprodução e empréstimo de imagens; aos preços para filmagens ou execução de gravações vídeo no espaço museológico; e aos preços para cedência de instalações e equipamentos.

3.6. O espólio

Tratando-se de um museu de território que pretende retratar a vida daqueles que por cá viveram, a maioria do espólio do Museu das Flores é constituído por coleções particulares depositadas que remontam a meados da década de 60 do século XX e que se prolongam até por volta de 1980-1985. A sua abrangência cronológica situa-se entre os séculos XVII a XX. São essencialmente de temática etnográfica com destaque para a tecelagem, os laticínios, a agricultura, a pecuária, a cerâmica, a pesca, a baleação, a navegação, o *scrimshaw* e a arte sacra. O núcleo-sede, como já vimos, encontra-se instalado no Convento de São Boaventura, espaço onde está centralizada a gestão administrativa dos dois núcleos. A área expositiva distribui-se pelos dois pisos do edifício, sendo que ao espaço da Nave da Igreja corresponde, atualmente, a sala de exposições de curta duração. No núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão reúnem-se os objetos ligados à pesca da baleia.

Com base no plano geral de classificação, de natureza funcional, do Thesaurus para acervos museológicos¹⁹⁶ elaboramos uma estrutura de classificação¹⁹⁷ dos bens culturais pertencentes ao Museu das Flores e inventariados no CCM (Catálogo Coletivo de Museus – Património Museológico Açores). Por sua vez, a definição desta estrutura deu origem ao gráfico seguinte que representa o número de peças, por áreas temáticas, num total de 1633 peças do Museu das Flores, inventariadas em CCM. Este número corresponde, aproximadamente, ao número total de peças à guarda do Museu. Por inventariar estão, essencialmente, espólio fotográfico e um depósito recebido recentemente.

¹⁹⁶ Ferrez&Bianchini, 1987: 3-11.

¹⁹⁷ Veja-se o Apêndice 1.

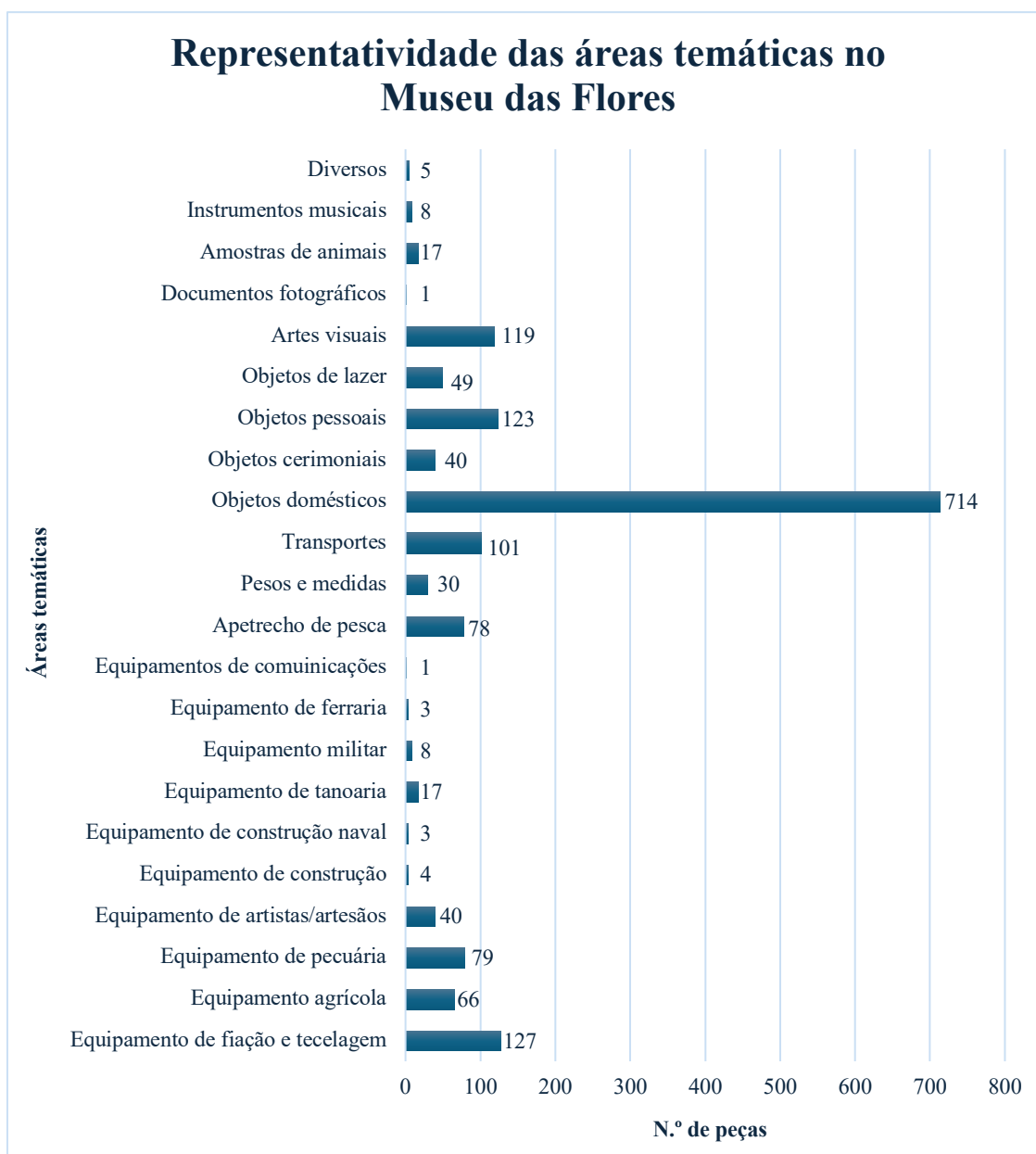


Figura 45: Representatividade das áreas temáticas do Museu das Flores. Elaborada pela autora, 2024.

3.7. A política de incorporação de bens

O espólio do Museu das Flores é vasto e diverso e resulta de uma junção de depósitos, aquisições e doações, embora as coleções particulares depositadas constituam a sua maioria.

O museu prossegue uma política de incentivo, quer à doação, quer ao depósito de peças relacionadas com as coleções existentes, procurando, por um lado, suprir lacunas e, por outro, torná-lo mais rico e contextualizado.

Importa, no entanto, ter em conta os requisitos e condicionantes à incorporação ou depósito de bens no museu. Em termos de requisitos, segundo o Regulamento de Incorporações do Museu das Flores, todas as peças a incorporar ou cujo depósito se proponha devem ter em conta a vocação e missão do museu; o enquadramento temático e cronológico das coleções do museu; e o estado de conservação do bem e a garantia de que na instituição existem as condições necessárias (recursos humanos, materiais e financeiros) que assegurem a sua salvaguarda e proteção. Quanto às condicionantes, a incorporação ou depósito de bens deve constituir-se como mais-valia patrimonial para o museu; resultar da comprovação da existência legal dos bens; e proceder de um histórico de comercialização lícita e não violação das leis em vigor.

3.8. O registo e o inventário

Uma das principais e mais importantes funções de um museu é o registo e inventário, pois trata-se de uma ferramenta essencial para a boa gestão do seu acervo. Além de uma importante ferramenta de gestão, o inventário facilita o estudo das coleções, contribuindo, conseqüentemente, para a produção de conhecimento acerca das mesmas, para a sua conservação, segurança e divulgação.

As coleções do Museu das Flores estão registadas e inventariadas no Livro do Tombo e em fichas de trabalho individual para cada objeto. Existe, ainda, um Livro de Depósitos, onde estão registadas todas as peças depositadas no Museu das Flores.

Posteriormente, as coleções foram inventariadas e informatizadas no programa Docbase e, desde 2019, fez-se a sua transição total para o CCM, uma aplicação para a gestão e divulgação de acervos museológicos, que reúne acervos de várias instituições da Região Autónoma dos Açores, designadamente dos Museus públicos – Museus Regionais e Museus de Ilha, assim como outras entidades. Através desta plataforma digital é possível aceder à informação essencial sobre diversos bens patrimoniais dos museus e coleções visitáveis dos Açores, sendo que a base de dados se encontra em constante crescimento e enriquecimento, através do trabalho e empenhamento das entidades detentoras que trabalham no sentido melhorar o acesso dos cidadãos ao valioso património cultural dos Açores¹⁹⁸.

¹⁹⁸ “Acerca”. *Catálogo Coletivo Museus – Património Museológico Açores*. Disponível online em: <https://ccmuseus.azores.gov.pt/index.php/About/Index>. Consultado a 27 de fevereiro de 2024.

3.9. A conservação e a segurança

Os bens culturais expostos em museus estão, diariamente, sujeitos a uma série de riscos que é necessário prevenir. Contudo, regra geral, só se tomam as devidas medidas de proteção, após o surgimento de algum tipo de problema.

A adequada conservação e segurança das coleções de um museu deve ser, assim, uma das principais preocupações dos seus profissionais. Neste contexto, a conservação preventiva assume um papel fulcral, já que consiste, sobretudo, em primeiro lugar, em diagnosticar as causas de deterioração e, em segundo lugar, em erradicar ou minimizar estas causas, contribuindo para evitar grandes intervenções.

Segundo Hernández Hernández, a conservação preventiva das coleções de um museu depende, fundamentalmente, da composição atmosférica, do grau de humidade, da temperatura e da iluminação, entre outros elementos. Deve, por isso, manter-se, sempre, um ambiente constante, sobretudo sem alterações bruscas, sendo que uma boa climatização deve consistir em regular a humidade relativa e a temperatura e em controlar a poluição atmosférica e a iluminação. É, assim, fundamental conhecer o clima do lugar onde se localiza o museu, visto que as variações climáticas que ocorrem no exterior têm repercussões no interior do museu¹⁹⁹.

Quanto à segurança, constata-se que a maioria dos problemas de segurança dos museus são consequência da estrutura dos edifícios e dos materiais empregues na sua construção. Por outro lado, antes de se adotar qualquer sistema de proteção num museu é importante realizar, previamente, uma análise da situação. Tal análise deve consistir num estudo geral do edifício, no controlo das coleções, mediante a elaboração completa de inventários e um conhecimento exato do movimento das mesmas, assim como o controlo do pessoal interno do museu e dos seus visitantes. Relativamente aos roubos, existem algumas medidas que se devem tomar, a fim de os evitar, nomeadamente o controlo do acesso e saída de visitantes; evitar a acessibilidade do público a zonas restritas do museu; meios humanos de vigilância; proteção física e eletrónica das peças; supervisão do equipamento de mãos dos visitantes; flexibilidade de adaptação dos meios de proteção a uma nova configuração espacial e de distribuição de peças, entre outros. Contra os incêndios, a proteção deve contemplar três áreas distintas: a segurança das pessoas; a proteção dos bens culturais; e a atuação depois de um incêndio, através da deteção, reação

¹⁹⁹ Hernández-Hernández, 1994: 163.

e intervenção, propriamente dita. De um modo geral, só a ação coordenada e conjunta de vigilância humana e medidas físicas e eletrónicas é uma garantia de que se está a cumprir com o legado de conservar, disfrutar e transmitir o património cultural²⁰⁰.

No Museu das Flores a política de conservação tem sido de natureza preventiva, tendo em vista a diminuição ou eliminação dos fatores que possam colocar em risco as suas coleções. Apesar de não existir um plano formal de conservação preventiva, têm sido realizadas, nos dois núcleos, periodicamente, ações de conservação preventiva (aplicação de limpa-metais no latão, bronze e cobre; aplicação de neutralizante de ferrugem, matérias gordas e microcera no ferro; aguarrás e óleo de linhaça nas madeiras; aplicação de inseticida e fungicida para tratamento contra os ataques produzidos por insetos xilófagos e térmitas nas madeiras, assim como nos têxteis e papel). Além destas medidas, na casa-forte encontra-se, essencialmente, o espólio fotográfico e documental. Este local permite a segurança e controlo de humidade e luz solar.

Relativamente à segurança existem, também, adequados sistemas de proteção contra incêndios e intrusão.

3.10. A investigação, os serviços educativos e a comunicação

Nos últimos anos, temos vindo a assistir a uma evolução do conceito de “Museu”, que se refletiu, principalmente numa grande renovação do seu papel na sociedade.

Segundo a nova definição de “Museu”, aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), em Praga, a 24 de agosto de 2022, com 92% dos votos dos participantes na Assembleia Geral extraordinária: “Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”²⁰¹.

Efetivamente, esta nova designação junta todos os ingredientes para o bom funcionamento de um museu, oferecendo a expectativa de uma maior abertura destes

²⁰⁰ Idem, 1994: 163-185.

²⁰¹ “Nova definição de Museu. *ICOM – International Council of Museums Portugal*. Disponível online em: <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>. Consultado a 29 de fevereiro de 2024.

espaços à sociedade e reconhecendo a importância que, cada vez mais, assumem, além das tradicionais funções de qualquer museu (pesquisar, colecionar, interpretar, expor, etc.) as questões da inclusão, da participação da comunidade e da sustentabilidade.

Além disso, estas instituições culturais têm um papel fundamental nos campos da educação e investigação. Não será por acaso que o tema do Dia Internacional dos Museus deste ano, comemorado todos os anos, desde 2020, seja, precisamente: “Museus, Educação e Investigação”, realçando a importância dos museus como centros educativos dinâmicos que fomentam a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico e reconhecendo, também, o seu relevante contributo para a investigação, proporcionando uma plataforma para a exploração e divulgação de novas ideias. Esta iniciativa tem apoiado um conjunto de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas que este ano se centram na educação e qualidade, assegurando uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; e na indústria, inovação e infraestruturas, construindo infraestruturas resilientes e promovendo a industrialização inclusiva e sustentável e fomentando a inovação²⁰².

Finalmente outra das funções fulcrais num museu, mas que habitualmente tem sido relegada a favor das funções tradicionais, é a comunicação, uma ferramenta central em tudo aquilo que o museu faz (estudo, investigação, conservação, interpretação, valorização, programação, exposição, etc.). Os museus devem ser instituições comunicadoras, em permanente diálogo e interação com os seus diferentes públicos e com a comunidade onde se inserem, mas para conseguir atingir este patamar há, ainda, muito trabalho a fazer. É necessário que se atualizem as práticas, que se invista nas programações e na divulgação, que se criem novos mecanismos de comunicação com a comunidade, que se criem conteúdos inovadores e atrativos e que se estabeleçam diferentes parcerias²⁰³.

Relativamente à investigação o Museu das Flores tem, desde 2018, entre mãos, o projeto: “O que fomos e o que somos: A ilha das Flores vista à luz da demografia histórica”, em colaboração com a Professora catedrática aposentada Maria Norberta Amorim, pioneira, em Portugal, na área da Demografia Histórica e criadora de um método

²⁰² “Museus, educação e investigação. Dia Internacional dos Museus 2024”. *ICOM – International Council of Museums Portugal*. Disponível online em: <https://icom-portugal.org/2024/01/29/museus-educacao-e-investigacao-dia-internacional-dos-museus-2024/>. Consultado a 29 de fevereiro de 2024.

²⁰³ “Comunicar é a vocação do museu”. *Speaker’s Corner*. Disponível online em: <https://www.patrimonio.pt/post/comunicar-é-a-vocação-do-museu>. Consultado a 29 de fevereiro de 2024.

próprio de reconstituição de famílias/paróquias, mediante uma base de dados que cruza os registos de batizados, casamentos e óbitos de uma determinada comunidade. No caso do Museu das Flores, a comunidade alvo é a do concelho de Santa Cruz das Flores.

Quanto à programação dos serviços educativos, importa destacar a série “A minha Família vai ao Museu”, iniciada em março de 2023 e que, até ao momento, já conta com sete atividades distintas²⁰⁴. Estas atividades têm feito sucesso entre as crianças, oferecendo-lhes a oportunidade de participar em oficinas de ciência, leituras educativas, atividades de expressão plástica, entre outras, que cumprem não só com a importante missão educativa destes serviços, como, também, estimulam a imaginação, a criação artística e o espírito crítico e têm alertado para a importância de temas como, por exemplo, a proteção ambiental, a sustentabilidade e a salvaguarda do nosso património.

No tocante à comunicação, é, essencialmente, através da página oficial de Facebook e do site oficial do Museu das Flores que esta instituição divulga e promove os seus principais eventos e atividades, com destaque para os concertos, representações teatrais, conferências, colóquios, palestras, caminhadas, exibição de filmes, apresentações de livros, entre outros.

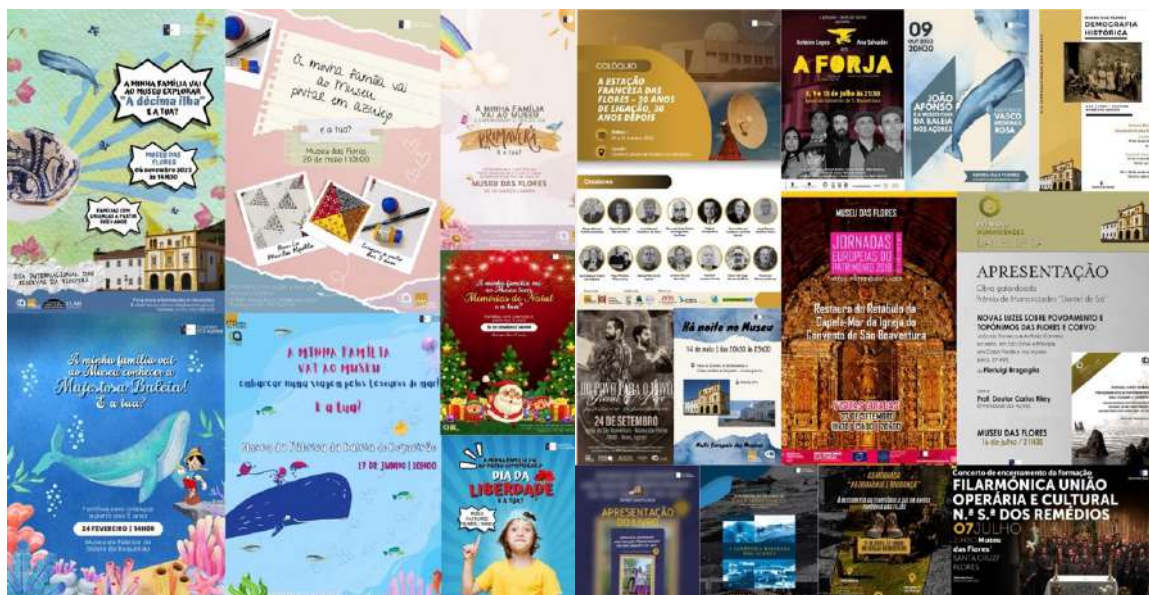


Figura 46: Museu das Flores: Divulgação do serviço educativo e outros eventos. Site oficial do Museu das Flores, 2024.

²⁰⁴ 1) A minha Família vai ao Museu comemorar o início da Primavera! E a tua? (25 de março de 2023); 2) A minha Família vai ao Museu comemorar o Dia da Liberdade! E a tua? (25 de abril de 2023); 3) A minha Família vai ao Museu pintar em azulejo! E a tua? (20 de maio de 2023); 4) A minha Família vai ao Museu embarcar numa viagem pelos tesouros do mar! E a tua? (17 de junho de 2023); 5) A minha Família vai ao Museu explorar ‘A décima ilha’. E a tua? (4 de novembro de 2023); 6) A minha Família vai ao Museu tecer memórias de Natal! E a tua? (16 de dezembro de 2023); 7) A minha Família vai ao Museu conhecer a Majestosa Baleia! E a tua? (24 de fevereiro de 2024).

3.11. As exposições temporárias

Outro meio de comunicação de grande importância para os museus são as exposições temporárias, já que desempenham um papel fundamental na dinamização da programação destes espaços, assegurando, não só a renovação do interesse dos seus públicos, mas, também, a atração de novos públicos.

Mais uma vez, esta é uma atividade que deve ser programada por uma equipa interdisciplinar, que define cada uma das áreas de trabalho, coordenadas por um responsável. Durante a etapa preparatória deve ser elaborado um , onde estão identificadas cada uma das etapas a seguir, assim como as pessoas que intervêm em cada uma delas, devendo todo este processo cumprir uma série de normas específicas, em termos de acondicionamento, transporte, montagem, conservação, segurança, etc., a fim de assegurar a proteção de todos os bens²⁰⁵.

O Museu das Flores tem realizado exposições temporárias, não só no núcleo-sede, como, também, em outros espaços da ilha, mediante parcerias que tem estabelecido, com a Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, com a Ouvidoria Eclesiástica da Ilha das Flores, com a Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, entre outras. Neste âmbito podem destacar-se as exposições itinerantes, como é o caso da mostra itinerante “Craig Mello, Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia, 2006”²⁰⁶; da exposição “O Ecrã no Peito” do pintor João Queiroz²⁰⁷; da exposição “Natália Correia – A Feiticeira

²⁰⁵ Hernández-Hernández, 1994: 154.

²⁰⁶ Uma iniciativa da Presidência do Governo, através da Coordenação dos Palácios e da Direção Regional da Cultura, com a colaboração das Direções Regionais da Ciência, Tecnologia e Comunicações, dos Equipamentos e dos Transportes Terrestres, da Habitação e da Educação e Formação, que surge na sequência da visita aos Açores, em julho de 2009, do Professor Craig Mello, a convite da Presidência do Governo Regional e que tem como objetivo principal dar a conhecer os aspetos da vida e obra do laureado, bem como sensibilizar e motivar o interesse dos jovens pelo conhecimento científico. Veja-se: “Mostra Itinerante Craig C. Mello, Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia no Museu das Flores”. *Museu das Flores - Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/4/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²⁰⁷ Uma iniciativa da Presidência do Governo, através da Direção Regional da Cultura que consiste numa mostra constituída por um conjunto de obras do pintor João Queiroz, mais precisamente uma série de desenhos a carvão e duas pinturas sem título, realizadas no final da década de noventa, acompanhada pela publicação de um catálogo que apresenta e contextualiza a obra de João Queiroz como uma das mais singulares no panorama da pintura portuguesa. Veja-se: “Exposição O Ecrã no Peito no Museu das Flores”. *Museu das Flores - Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/6/>. Consultado a 4 de março de 2024.

Cotovia”²⁰⁸; da exposição “Dinossáurios”²⁰⁹; e da exposição “Os Heróis dos Capelinhos”²¹⁰. Além destas, têm-se realizado diversas exposições fotográficas²¹¹, de pintura²¹² e ilustração científica²¹³, no Centro Cultural de Santa Cruz das Flores, em parceria com a Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, e com a Ouvidoria Eclesiástica da Ilha das Flores, em colaboração com a qual se organizaram as exposições “A Arte Sacra das Paróquias da Ilha das Flores”²¹⁴ e “O Culto Mariano na Ilha das Flores”²¹⁵. Foram, ainda, realizadas, em tempos de pandemia, três exposições virtuais,

²⁰⁸ Organizada pela Direção Regional da Cultura e seus Serviços Externos, no âmbito das comemorações regionais do 90.º aniversário de nascimento e 20.º da morte de Natália Correia, a exposição reuniu quatro peças emblemáticas do universo literário e artístico da escritora, nomeadamente a pintura “Auto-retrato”, realizada por Natália Correia, em 1965, o seu busto em gesso, da autoria de Júlio de Sousa, um Prato da Irmandade da Segunda-Feira do Espírito Santo das Ribeiras e a sua máquina de escrever, procedendo-se, assim, a uma interessante abordagem à vida e obra desta escritora. Veja-se: “Museu das Flores recebe Exposição Natália Correia – A Feiticeira Cotovia”. *Museu das Flores - Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/9/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²⁰⁹ Uma exposição de réplicas de fósseis de dinossáurios pertencentes ao Museu de Angra do Heroísmo e coorganizada pelos Museus de Angra do Heroísmo e Flores, com a colaboração da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores e o Grupo Susiarte/Expert, dedicada, especialmente, ao público infantojuvenil. Veja-se: “Dinossáurios no museu das Flores”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/30/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²¹⁰ Uma exposição itinerante e digitalmente interativa do Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores, sobre o Vulcão dos Capelinhos, em comemoração dos 65 anos desde a sua erupção, homenageando os heróis a esta associados. Veja-se: “Exposição os Heróis dos Capelinhos”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/106/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²¹¹ É o caso de “Paisagens da Ilha das Flores” de Cläre Althoff Wildermann; “Visões: O interior do olho humano; “Oásis by Nuno Sá – Wildlife Photography – a incrível vida marinha do mar dos Açores”; “Na Rota das Grandes Manchas”; e “Aquedutos. Água e Arqueologia”. Veja-se: “Exposições”. *Museu das Flores*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/exposicoes/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²¹² No caso da exposição de pintura de Henning Von Gierke, “A Mudança Constante”. Veja-se: “A Mudança Constante – Exposição de pintura de Henning Von Gierke”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/111/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²¹³ Tal como a exposição “Retratos de Meros” da autoria de João Pedro Barreiros. Veja-se: “Exposição de Ilustração Científica: Retratos de Meros”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/101/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²¹⁴ Uma exposição de arte religiosa que reuniu uma peça considerada representativa do património artístico ou histórico de cada paróquia, de forma a criar um conjunto coerente e representativo do viver religioso das suas gentes. Veja-se: “A Arte Sacra das Paróquias da Ilha das Flores”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/58/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²¹⁵ Uma exposição inaugurada no mês de maio de 2021, mês dedicado a Nossa Senhora, uma imagem presente nas suas diversas evocações em todas as igrejas da ilha das Flores. Num ano atípico, em que praticamente não existiram eventos religiosos, o Museu das Flores e a Ouvidoria das Flores acharam por bem assinalar a data com a referida exposição, contribuindo para a divulgação do culto mariano na Ilha das Flores. Veja-se: “O Culto Mariano na Ilha das Flores”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/75/>. Consultado a 4 de março de 2024.

sendo que uma delas se tratou de uma exposição coletiva: a exposição “A água”²¹⁶, organizada pela Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, que reuniu numa exposição virtual e num catálogo digital, as exposições temporárias que cada um dos seus parceiros havia preparado, de um extremo ao outro do arquipélago, sobre o tema comum: Água. Das duas restantes, uma delas, intitulada “Marfim do Mar”²¹⁷, foi dedicada ao tema da arte baleeira, reunindo vários objetos em osso mandibular e dente de cachalote do acervo do Museu das Flores e a outra exibiu uma mostra fotográfica²¹⁸ de dois edifícios emblemáticos da Ilha das Flores: o Convento de São Boaventura e a Fábrica da Baleia do Boqueirão, dois excelentes exemplos de reabilitação e posterior devolução à comunidade, com propósitos completamente diferentes dos pressupostos subjacentes à sua construção, mas respeitando, em absoluto, a integridade arquitetónica dos imóveis.

Em 2022, para celebrar, por um lado, as Jornadas Europeias do Património 2022 e, por outro, o Centenário do escritor florentino Pedro da Silveira (1922-2022), foi inaugurada a Exposição REVELAR²¹⁹, que corresponde à II Estação do Ciclo de Exposições Lugares do Sagrado, na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios da Fajãzinha. A exposição reuniu um conjunto de bens patrimoniais, móveis e integrados, disponibilizando ao visitante conhecimento sobre uma herança cultural que nos é comum: as expressões artísticas resultantes das práticas espirituais religiosas. Neste âmbito, foi, ainda, lançado um catálogo e uma visita virtual.

Importa, finalmente, referir outras três exposições temporárias organizadas pelo Museu das Flores e expostas no Convento de São Boaventura. Uma primeira, intitulada “Marfim do Mar: Scrimshaw”²²⁰ que ilustra a evolução do *scrimshaw*, ao longo de um século e meio, por meio de um conjunto de peças da coleção João A. Gomes Vieira, depositada no Museu das Flores. A segunda em torno do tema da água, “Flores: Uma Ilha

²¹⁶ Veja-se: “A água”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/66/>. Consultado a 4 de março de 2024.

²¹⁷ Veja-se: “Dia Internacional dos Museus – Marfim do Mar”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/67/>. Consultado a 5 de março de 2024.

²¹⁸ Veja-se: “Dia Internacional dos Monumentos e Sítios 2021”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/74/>. Consultado a 5 de março de 2024.

²¹⁹ Veja-se: “Jornadas Europeias do Património de 2022 – Exposição REVELAR – II Estação do Ciclo de Exposições Lugares do Sagrado”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/110/>. Consultado a 5 de março de 2024.

²²⁰ Veja-se: “Marfim do Mar – Scrimshaw”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/41/>. Consultado a 5 de março de 2024.

de Água”²²¹, procedendo a uma abordagem, a partir das coleções do Museu das Flores, da questão da água e seus problemas na Ilha das Flores, nomeadamente todo o processo de transporte, armazenagem e utilização da água. Mais recentemente, inserida na programação do Colóquio “A Estação Francesa das Flores – 30 anos de ligação, 30 anos depois”²²², surge a exposição com o mesmo nome, que aborda a história da ilha nos anos 60, a sua relevância geoestratégica, o acordo Luso-Francês e a sua influência, a presença francesa e, em especial, a despedida marcante, após três décadas de ligação. O visitante tem, ainda, a oportunidade de assistir ao documentário “Opération Hortensia”, uma produção do Serviço de Cinema do Exército Francês.



Figura 47: Museu das Flores: Divulgação de exposições temporárias. Site oficial do Museu das Flores, 2024.

²²¹ Veja-se: “Dia Internacional dos Monumentos e Sítios 2022”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/95/>. Consultado a 5 de março de 2024.

²²² Veja-se: “Exposição A Estação Francesa das flores – 30 Anos de Ligação, 30 Anos Depois”. *Museu das Flores – Exposições*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/conteudos/144/>. Consultado a 5 de março de 2024.

Considerações Finais

O estudo de caso centrado em João António Gomes Vieira, colecionador, fundador e primeiro diretor do Museu das Flores, mostrou-se fundamental para o conhecimento desta notável figura que deixou uma marca indelével no panorama cultural florentino.

Desde as suas raízes, passando pelo surgimento da paixão pela museologia, nos tempos de liceu, pelas diversas fases e condicionantes do processo colecionístico, por toda a rede de relacionamentos pessoais e institucionais que estabeleceu nas esferas locais, regionais, nacionais e internacionais, assim como por toda a obra que nos legou, em termos de produção escrita e projetos museológicos pelos quais foi responsável, foi possível traçar o perfil de Gomes Vieira como um colecionador apaixonado e extremamente dedicado à preservação, estudo e divulgação do património cultural florentino.

A coleção João António Gomes Vieira surge em finais da década de 50, inícios da década de 60, inicialmente com a intenção de criação de um “museu baleeiro” e, depois, com o objetivo de moderação e contenção de um processo de autêntica delapidação do património cultural florentino. A coleção vai, assim, crescendo a um ritmo rápido e constante, sem grandes preocupações em termos de seleção, acumulando-se, primeiro numa sala da Federação de Municípios das Flores, onde Gomes Vieira trabalhava, depois na Casa-Museu Pimentel de Mesquita, terminando, finalmente, no Convento de São Boaventura, após a sua desocupação.

Com uma carreira administrativa, no decurso da qual desempenhou diversos cargos, foi nomeado, em 1991, para exercer uma comissão de serviço na qualidade de diretor do Museu das Flores. Manteve estas funções durante cerca de uma década, após a qual requereu a aposentação. Ao longo destes anos dividiu a sua vida entre a carreira administrativa e o fascínio pelo universo marítimo. Participou em inúmeros seminários, exposições, encontros de museologia e eventos de carácter etnográfico, a nível nacional e internacional.

No período que se seguiu à aposentação iniciou uma incansável investigação e publicou diversas obras que representaram um notável esforço e contributo para a preservação e divulgação do património cultural açoriano, principalmente no que diz respeito às memórias do mar e da baleação, seus temas de eleição. Recebeu duas

condecorações, o Grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras da República Francesa, em 1993, e, em 2012, o Grau de Comendador da Ordem Infante D. Henrique.

Da sua paixão pela etnografia marítima, por um lado, e, por outro, da sua ação decisiva perante o já referido rápido processo de alienação de bens culturais, motivado, quer pela questão da emigração, quer pelo interesse da comunidade de franceses instalados na base de rastreio e telemedidas da ilha das Flores, nasceu o Museu das Flores, primeiro instalado na Casa-Museu Pimentel de Mesquita, inaugurada em 1986, transitando, em 1993, para o Convento de São Boaventura com o intuito de poder acolher todas as coleções reunidas até então.

Volvidos cerca de trinta anos e com mais um núcleo museológico, desde 2021, o da Fábrica da Baleia do Boqueirão, o atual Museu das Flores enfrenta novos desafios. Numa época em que, cada vez mais, o museu busca o seu lugar na sociedade é necessário que se reformulem os sentidos da sua própria existência. Questões como as restrições de orçamentos, a necessidade de acompanhar a rápida evolução da tecnologia e de atrair e envolver novos públicos são alguns dos principais desafios que os museus enfrentam no mundo atual.

No caso do Museu das Flores, antes demais, existem dois desafios sérios que requerem atenção imediata. Falamos da escassez de recursos humanos e da ausência de um edifício para armazenar as reservas. Só assim se poderá garantir uma gestão eficiente da instituição, cumprindo com aquela que deve ser a sua missão fundamental: a de preservar e divulgar o património cultural.

Como já havíamos referido no início deste trabalho, temos vindo a assistir a uma certa tendência de obscurecimento da memória sobre as principais personalidades ligadas à museologia açoriana, assim como do papel relevante que desempenharam nas instituições que integraram e da bibliografia que produziram. Deste modo, um estudo centrado no Museu das Flores e na vida e obra de João António Gomes Vieira, seu mentor e primeiro diretor, era uma lacuna que importava preencher.

No Museu das Flores, cada peça, livro ou documento que colecionou e que hoje fazem parte do valioso espólio que nos legou representa um testemunho tangível da sua paixão, dedicação e contributo fundamental para a preservação, estudo e divulgação do património cultural açoriano.

Dar a conhecer a sua história e preservar e divulgar o seu legado às gerações presentes e futuras, mantendo viva a sua memória foram os principais objetivos deste trabalho.

O acompanhamento das diversas etapas do seu percurso pessoal e profissional possibilitou uma maior compreensão da própria trajetória do Museu das Flores, da sua história e museologia. O conhecimento das heranças do passado será sempre a melhor ferramenta para compreendermos e enfrentarmos os desafios do presente, além de nos ajudar a perspetivar o futuro de forma mais informada e consciente. Esse futuro deverá honrar aqueles que nos precederam e inspirar os que virão depois de nós. Que o futuro do Museu das Flores seja capaz de honrar a memória de João António Gomes Vieira e que o seu legado continue a inspirar gerações. Que a sua visão e paixão pelo património cultural florentino continuem a guiar os esforços do museu, garantindo que a sua memória perdure, ao longo dos tempos. Que na sua história saibamos encontrar a bússola que permitirá ao museu navegar pelos mares turbulentos do presente, traçando a rota para um futuro mais próspero.

Fontes e Bibliografia

Fontes:

Arquivo Documental do Museu das Flores.

Breve nota curricular. (s.d.) Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Breve resumo da longa história do Museu mais ocidental da Europa. (s.d.). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

“Breve resumo histórico do Museu de Arte e Tradição Popular da Ilha das Flores”. (1984). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Casa Museu Pimentel de Mesquita. (1996). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Curriculum Vitae João António Gomes Vieira. (21 de novembro de 2017). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Ecomuseu Municipal das Artes do Mar: Porto das Lajes das Flores – Anteprojeto: Memória Descritiva e Justificativa. (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Formulário-tipo para pedido de apoio a projeto-piloto de conservação e de promoção do património arquitetónico comunitário. (1991). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

João de Ti Ana. (2013). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Memorando: Pedido de colaboração na cedência de dois imóveis que pertenceram à faina baleeira do porto das Lajes das Flores. (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Museu da Ilha das Flores: Núcleo da Fábrica do Boqueirão. Museografia: Projeto. (março de 2007). Texto policopiado. Museu das Flores.

Museu das Flores Convento de São Boaventura. Museografia: Estudo prévio. (junho de 2007). Texto policopiado. Museu das Flores.

Museu das Flores: Projeto Museográfico: Guião. (2016). Texto policopiado. Museu das Flores.

“O pioneirismo da ilha das Flores na baleação açoriana”. (1999). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Programação de uma exposição sobre a tecnologia do linho e da lã na Ilha das Flores. (1986). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Proposta de montagem de montagem museológica. (1993). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Protocolo estabelecido entre a Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores, a Secretaria Regional da Educação e Cultura e a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais. (1986). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Relatório de Actividades de Defesa do Património Cultural da Ilha das Flores. (1978). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Relatório de Actividades de Defesa do Património Cultural da Ilha das Flores. (1979). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Relatório sumário de uma deslocação à cidade de New Bedford, Mass. 17-08 a 22-09-2009. (2009). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

Texto justificativo da Condecoração, lido pelo Chefe de Gabinete do Representante da República. (2012). Texto policopiado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.

VIEIRA, João António Gomes. (1991). *Homens, Baleias, Embarcações*. Biscarrosse: CEL.

VIEIRA, João António Gomes. (Junho-Dezembro 1992). “Contribuição para um Projecto de Salvaguarda e Utilização Museológica da Fábrica da Baleia da Ilha das Flores”. In: *Património e Museus Locais*. N.º1/2 – II Série.

VIEIRA, João António Gomes. (1996). “A Baleação e a Identidade Cultural Duma Ilha: O projeto de recuperação da Fábrica Baleeira do Boqueirão – Um modelo museológico inserido em realidades locais”. In *Cadernos de Sociomuseologia*. N.º8. pp. 95-107.

VIEIRA, João António Gomes. (1996). “A Ilha e o Mar que a Abraça: As Sete Preocupações do Museu das Flores / Proposta para o Museu das Flores”. In *1.º Encontro das Instituições Museológicas dos Açores*. Ponta Delgada: Museu Carlos Machado.

VIEIRA, João António Gomes. (1999). *Marfins do Mar: uma forma de artesanato de bordo*. Lisboa: Edição do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

VIEIRA, João António Gomes. (2002). *O Homem e o Mar: Embarcações dos Açores*. Lisboa: Intermezzo-Audiovisuais, Lda.

- VIEIRA, João António Gomes. (2003). *O Homem e o Mar: Artistas Portugueses do Marfim e do Osso dos Cetáceos – Açores e Madeira – Vidas e Obras*. Prefácio de Fernando António Batista Pereira. Lisboa: Intermezzo-Audiovisuais, Lda.
- VIEIRA, João António Gomes. (2004). *O Homem e o Mar: Os Açorianos e a Pesca Longínqua nos bancos da Terra Nova e Gronelândia*. Lisboa: Intermezzo-Audiovisuais, Lda.
- VIEIRA, João António Gomes. (2005). *Família Dabney 1804/1892: A Memória de um legado*. Prefácio de Ana Paula Marques. Lisboa: Intermezzo-Audiovisuais, Lda.
- VIEIRA, João António Gomes. (2006). *O Homem e o Mar: Os Açorianos e as Pescas 500 Anos de Memória*. Lisboa: Intermezzo-Audiovisuais, Lda.
- VIEIRA, João António Gomes. (2007). *O Homem e o Mar: A Participação Portuguesa (Açorianos e Cabo-verdianos) na Baleação Americana*. Lisboa: MEDIALAND, Lda.
- VIEIRA, João António Gomes. (2008). *O Homem e o Mar: Portos e Marinas do Arquipélago dos Açores – passado, presente e futuro*. Lisboa: MEDIALAND, Lda.
- VIEIRA, João António Gomes. (2009). *O Homem e o Mar: Transportes Marítimos no Arquipélago dos Açores: 500 Anos de Memória*. Texto policopiado, não editado. Espólio João António Gomes Vieira, Museu das Flores.
- VIEIRA, João António Gomes., DEBRUGE, Jean-Marie., & GUILLON, Georges. (s.d.) *Imagens sagradas da ilha das Flores*. Biscarrosse: Centre d' Essais des Landes.
- VIEIRA, João António Gomes. (2016). “Memória dum Florentino, Antigo Aluno do Liceu da Horta”. In: *No tempo do liceu: Memórias autobiográficas*. Horta: Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta. pp. 123-139.

Legislação:

- Decreto Regulamentar Regional n.º 21/77. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 7 de 18 de julho de 1977 (Criação do Museu da Horta).
- Decreto Regulamentar Regional n.º 25/77. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 12 de 14 de outubro de 1977 (Criação nas ilhas de Santa Maria, Graciosa, Pico, S. Jorge, Flores e Corvo de instituições culturais denominadas “Casa de Etnografia”).
- Decreto Regulamentar Regional n.º 40/91/A. *Diário da República*, 1ª Série-B, n.º 271 de 25 de novembro (Regime Geral dos Museus da Região Autónoma dos Açores).
- Decreto Regulamentar Regional n.º 36/2000/A. *Diário da República*, 1ª Série-B, n.º 282 de 7 de dezembro (Reorganização dos serviços dependentes da Direção Regional dos Assuntos Culturais).

Decreto Regulamentar Regional n.º 13/2001/A. *Diário da República*, 1ª Série-B, n.º 258 de 7 de novembro (Reorganiza os serviços externos da Direção Regional da Cultura).

Portaria n.º 26/2016. *Jornal Oficial* de 11 de março (Aprova o regulamento de organização interna e funcionamento do Museu das Flores).

Decreto Legislativo Regional n.º 25/2016/A. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 224 de 22 de novembro (Aprova o Regime Jurídico dos Museus da Região Autónoma dos Açores).

Regulamento de Política de Incorporações do Museu das Flores. (2019). *Secretaria Regional da Cultura – Direção Regional da Cultura*.

Decreto Regulamentar Regional n.º 3/2020/A. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 18 de 27 de janeiro (Aprova a orgânica e o quadro de pessoal dirigente dos serviços externos da Direção Regional da Cultura).

Decreto Legislativo Regional n.º 15-A/2021/A. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 85 de 31 de maio (A antiga Fábrica da Baleia do Boqueirão é transferida, do património da empresa pública regional Ilhas de Valor, S. A., para o património direto da Região, sob gestão da Secretaria Regional da Cultura, da Ciência e Transição Digital, ficando afeta à Direção Regional da Cultura).

Despacho n.º 1409/2022. *Jornal Oficial*, 2ª Série, n.º 133 de 13 de julho de 2022 (Classifica, como património baleeiro regional, o conjunto arquitetónico da antiga Fábrica da Baleia das Lajes das Flores).

Resolução n.º 98/80. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 31 de 16 de setembro (Classifica como Imóvel de Interesse Público a Igreja e Claustro do Convento Franciscano de S. Boaventura).

Resolução n.º 67/99. *Jornal Oficial*, 1ª Série, n.º 17 de 29 de abril (Classifica como Imóvel de Interesse Público a Fábrica da Baleia do Boqueirão e respetiva rampa de varagem).

Imprensa:

“A inaugurar brevemente: Museu etnográfico da ilha das Flores”. (3 de setembro de 1986). In: *Açoriano Oriental*, n.º 8907.

“Encarada nas FLORES a montagem de um museu baleeiro”. (26 de agosto de 1978). In: *Diário Insular*, n.º invisível.

“Inaugurado o Museu das Flores”. (25 de novembro de 1993). In: *As Flores*, n.º 431.

“João Vieira e o Museu das Flores: Os franceses levam tudo consigo...”. (12 de setembro de 1990). In: *O Jornal 7*, n.º invisível.

MEGA FERREIRA, António. (11 a 17 de dezembro de 1984). “Fragmentos de um diário açoriano”. In: *JL jornal de letras, artes e ideias*, ano IV, n.º 127, pp. 32-36.

“Memória das baleias na ilha das Flores”. (1986). In: *JN*, número invisível.

Bibliografia:

“Acerca”. *Clube Naval de Lajes das Flores*. Disponível online em:

<https://cnlf.pt/acerca/>. Consultado a 27 de outubro de 2023.

AMARAL, Maria Regina. (1922). “O Convento de São Boaventura em Santa Cruz das Flores”. In: *Insulana: Orgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada*. Ponta Delgada: Instituto Cultural. Vol. 48. pp. 121-138.

“Ao encontro dos nossos oradores 0.3”. (8 de fevereiro de 2015). Disponível online em:

<https://encontrosdocumentais.blogs.sapo.pt/ao-encontro-dos-nossos-oradores-0-3-6300>.

Consultado a 28 de junho de 2023.

ARRUDA, Luís M. (2003). “Dionísio, Manuel”. In: *Enciclopédia Açoriana*.

“Berta Cabral desafia indústrias vivas dos Açores a integrarem Rota de Turismo Industrial de Portugal”. *Governo dos Açores*. Disponível online em:

<https://portal.azores.gov.pt/web/comunicacao/news-detail?id=12449550>. Consultado a

11 de janeiro de 2024.

BETTENCOURT, Urbano. (s.d.). “Pedro da Silveira”. In: *Enciclopédia Açoriana*.

CARVALHO, Ana. (2013). “Entrevista com Rui Sousa Martins”. In: *No Mundo dos Museus*. Disponível online em: <https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5882>.

Consultado a 14 de setembro de 2023.

COELHO, Ana. (jan.-fev. 2005). “Museus dos Açores: Museu das Flores: onde o mar e a arte se agregam”. In: *Açorianíssima*. Ponta Delgada: Açorianíssima, Publicações e Artes Gráficas, Lda. pp. 17-19.

“Coleções visitáveis”. *Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores*. Disponível online em: <https://www.redemuseuscolecoesvisitaveisacores.pt/colecoes-visitaveis/>.

Consultado a 14 de setembro de 2023.

CUNHA, Jorge António M. Borges e. (2008). *O Museu da Ilha Graciosa no contexto da nova museologia açoriana (1977/2008)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Dissertação de Mestrado.

CYMBRON, José Carlos de Magalhães. (2021). *Os Franceses nos Açores (1964-1994)*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.

“Entrevista com Rui Sousa Martins”. In: *No Mundo dos Museus*. Disponível online em: <https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5882>. Consultado a 12 de setembro de 2023.

“Fábrica da Baleia do Boqueirão”. *Museu das Flores*. Disponível online em: <http://www.museu-flores.azores.gov.pt/museu/museu-da-fabrica-da-baleia-do-boqueirao/>. Consultado a 2 de janeiro de 2024.

FERREZ, Helena Dodd. & BIANCHINI, Maria Helena S. (1987). *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Secretaria do Património Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos. 1.º volume ordem sistemática.

FRAGA, Maria do Céu. (s.d.) “Roberto de Mesquita”. In: *Enciclopédia Açoriana*.

GARCIA, José Carlos. (2021). *A Indústria Baleeira dos Açores*. Horta, Faial: Observatório do Mar dos Açores.

GOMES, Francisco António Nunes Pimentel. (1977). *A Ilha das Flores: Da redescoberta à actualidade (Subsídios para a sua História)*. Lajes das Flores: Câmara Municipal de Lajes das Flores.

GOMES, Francisco. (s.d.) “José António Camões”. In: *Enciclopédia Açoriana*

GONÇALVES, Maria Cristina. (2002). “Museus da rede regional dos Açores: evolução do enquadramento legal”. In: *Atlântida*, Angra do Heroísmo. Vol. XLVII. pp. 295-320.

GONÇALVES, Maria Cristina. (junho de 2002). “Museus das Direções Regionais de Cultura das Regiões Autónomas”. In: *Boletim trimestral da Rede Portuguesa de Museus*. N.º 4. p.3.

GONÇALVES, Maria Cristina. (2004). “Documentação das colecções etnográficas dos museus da rede regional dos Açores. In: *Atlântida*, Angra do Heroísmo. Vol. XLIX. pp. 295-336.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Francisca. (1994). *Manual de La Museologia*. Editorial Síntesis.

“Inaugurada a Biblioteca Municipal de Santa Cruz das Flores”. (8 de setembro de 2008). Disponível online em: <https://bibliotecamsf.wordpress.com/2008/09/08/inauguracao-da-biblioteca/>. Consultado a 30 de maio de 2023.

LANGHANS, F. P. Almeida. (1995). *Ofícios Antigos Subsistentes nas Ilhas dos Açores: Flores e Corvo*. Angra do Heroísmo: SREC-DRAC.

LEITE, José Guilherme Reis. (1986). “O porquê das casas etnográficas”. In: *Boletim do Museu Etnográfico da Ilha Graciosa*. Santa Cruz. 1. pp. 7-10.

LEITE, José Guilherme Reis. (s.d.). “Manuel Constantino Augusto Teófilo Ferreira”. In: *Enciclopédia Açoriana*.

Levantamento e Inventário do Património Baleeiro Imóvel dos Açores. (2011). OMA (Observatório do Mar dos Açores).

MAGALHÃES, Manuel. (s.d.). “José Christiano de Freitas Henrique Júnior”. In: *Revista Cultura Açores*, julho-dezembro, n. °1, pp. 43-57).

“Manuel Costa Júnior é o novo coordenador da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores”. (10 de julho de 2023). *Rádio Pico*. Disponível online em:

<https://www.radiopico.com/noticia/read/16875/manuel-costa-jnior--o-novo-coordenador-da-rede-de-museus-e-colees-visitveis-dos-aores>. Consultado a 12 de janeiro de 2024.

MARTINS, Rui de Sousa. (1986). “A Antropologia Cultural na Universidade dos Açores: Um contributo para a descoberta e salvaguarda do património etnográfico insular”. In: Separata de *Arquipélago*, Revista da Universidade dos Açores, Série Ciências Sociais. Vol. VIII (1). pp. 221-227.

MARTINS, Rui de Sousa. (1992). “Etnomuseologia no Arquipélago dos Açores”. In: *Património e museus locais*. Lisboa, Instituto Rainha D. Leonor, S. 2, nº1/2. pp. 41-50.

MARTINS, Rui de Sousa. (2000). “Artes e ofícios, exposições industriais, projectos museológicos e desenvolvimento no arquipélago dos Açores”. In: *1º simpósio Artes e Ofícios dos Açores*. Ponta Delgada: Centro Regional de Apoio ao Artesanato. pp. 25-36.

MATOS, Artur Teodoro de. (s.d.). “Frei Diogo das Chagas”. In: *Enciclopédia Açoriana*.

MENEZES, Luís. (2006). “Museus dos Açores: uma leitura”. In: *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*. 22. pp. 7-8.

“Museu das Flores”. In: *Açores. Roteiro dos Museus dos Açores*. (s/d). Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais / Direcção Regional dos Assuntos Culturais. pp. 61-69.

“Museu das Flores”. In: *Roteiro dos Museus (Coleções Etnográficas). Açores e Madeira*. (1999). Lisboa: Olhapim Edições. pp.86-91.

“Museus”. *Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores*. Disponível online em: <https://www.redemuseuscolecoesvisitaveisacores.pt/museus/>. Consultado a 14 de setembro de 2023.

- POMIAN, Krisztof. (1984). “Coleção”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. pp.51-86.
- RIBEIRO, Maria Manuel Velasquez. (2009). “Proteger o Património: Inventariar e classificar bens – Um caso açoriano”. In: *Atlântida*. Angra do Heroísmo. Vol. LIV. pp. 53-60.
- RIBEIRO, Maria Manuel Velasquez. (2012). *Colecionar na periferia: Manuel Coelho Baptista de Lima e a construção da memória açoriana (1920-1996)*. Universidade dos Açores. Dissertação de Mestrado.
- RIBEIRO, Maria Manuel Velasquez. (2016). “Manuel Coelho Baptista de Lima: Um colecionador profissional”. In: *Cultura Açores - Revista da Cultura*. Direção Regional da Cultura. pp. 61-65.
- RIBEIRO, Maria Manuel Velasquez. (2020). “Museologia açoriana. Uma aproximação biobibliográfica”. In: CHAVES, Duarte Nuno (coord). *Questões de Identidade Insular na Macaronésia*. S. Jorge: Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades. pp. 273-284.
- ROSA, José. (novembro de 2007). “João António Gomes Vieira: O João do mar...”. In: *Boletim Municipal*. Lajes das Flores. p. 3.
- “Scrimshaw and Provenance (Hardcover): About the Author”. (2013). Disponível online em: <https://www.nantucketbookpartners.com/book/9780939511365>. Consultado a 4 de julho de 2023.
- SEMEDO, Alice. (2005). “Políticas de gestão de colecções”. In: *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*. 1ª série. Vol. IV. pp. 305-322.
- SEMEDO, Alice. (2010). “Estudos e Gestão de Colecções: Práticas de Formação e Investigação”. In: GRANATO, Marcus (Coord.) *Coleções Científicas e de Ensino*, Rio de Janeiro: MAST – Ministério Ciência e Tecnologia. pp. 291-312. [online] Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/48093458/Semedo-Alice-2010-estudos-e-gestao-de-colecoes-praticas-de-formacao-e-investigacao>.
- SOUSA, Sílvia Maria Borba Fonseca e. (2009). *A Musologia na Ilha de São Miguel: 1974-2008*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Dissertação de mestrado.
- VIEIRA, Luís Filipe Gomes. (s.d.). *Elementos para o estudo do Convento de S. Boaventura em Santa Cruz das Flores* (não publicado).
- VIEIRA, Luís Filipe Gomes. (2016). “O Convento de São Boaventura: de recolhimento franciscano a museu”. In: *Cultura Açores – Revista da Cultura*. Angra do Heroísmo: Direção Regional da Cultura. Nº5. pp. 85-90.

VIEIRA, Luís Filipe Gomes. (2017). “O Convento de São Boaventura: história e património”. In: *O Património perto de si: Entre o passado e o presente*. Ponta Delgada: Cresaçor. pp. 132-133.

VIEIRA, Luís Filipe Gomes. (2017). “A Fábrica da Baleia do Boqueirão: de unidade industrial a museu”. In: *O Património perto de si: Entre o passado e o presente*. Ponta Delgada: Cresaçor. pp. 156-157.

Índice de Figuras

Figura 1: Representatividade das áreas temáticas da Coleção Georges Guillon. Elaborada pela autora, 2024.	11
Figura 2: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	29
Figura 3: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Cozinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	30
Figura 4: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Sala de jantar. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	31
Figura 5: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Salão. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	31
Figura 6: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Quarto. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	32
Figura 7: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Salão. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1990-2000.	32
Figura 8: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Exposição Fiação e Tecelagem na Ilha das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	33
Figura 9: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Exposição Fiação e Tecelagem na Ilha das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	34
Figura 10: Casa-Museu Pimentel de Mesquita. Exposição Fiação e Tecelagem na Ilha das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986-90.	34
Figura 11: Convento de São Boaventura, Externato da Imaculada Conceição. Espólio Museu das Flores, 1969-70.	37
Figura 12: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-85.	38
Figura 13: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1990-93.	38
Figura 14: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.	39
Figura 15: Câmara Municipal, Lajes das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.	40
Figura 16: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.	40
Figura 17: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.	41
Figura 18: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.	41
Figura 19: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Sala da Marinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.	42
Figura 20: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Claustro. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.	43
Figura 21: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Cozinha. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.	44
Figura 22: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Refeitório. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1993-94.	44
Figura 23: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.	46
Figura 24: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1983-89.	46

Figura 25: Fábrica da Baleia do Boqueirão. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1970-1974.	50
Figura 26: Palácio dos Capitães-Generais, Semanas de Etnologia do Atlântico, organizadas pelo COFIT. Espólio João A. Gomes Vieira, Museu das Flores, 1986.....	55
Figura 27: Convento de São Boaventura, Museu das Flores. Site oficial do Museu das Flores, 2016.	59
Figura 28: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Povoamento e Agricultura. Fotografia de António Araújo, 2016.	62
Figura 29: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Emigração e a sua Influência. Fotografia de António Araújo, 2016.	63
Figura 30: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Flores – Um Local de Passagem Marítima. Fotografia de António Araújo, 2016.....	64
Figura 31: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Flores – Um Local de Passagem Marítima. Fotografia de António Araújo, 2016.....	64
Figura 32: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, O Mar e a Pesca. Fotografia de António Araújo, 2016.	65
Figura 33: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, A Arte em Osso de Baleia. Fotografia de António Araújo, 2016.	66
Figura 34: Convento de São Boaventura, Museu das Flores, Naufrágios e Salvados. Fotografia de António Araújo, 2016.	66
Figura 35: Percurso expositivo do Museu das Flores (Piso 0): 1. A Ilha; 2. De Convento a Museu e a Evolução de Santa Cruz; 3. Testemunhos da Presença Francesa; 4. Personalidades Marcantes da Cultura Florentina; 5. Povoamento e Agricultura; 6. Emigração e a sua Influência; 7. Tecelagem e Olaria; 8. Leite e Derivados – Produção Artesanal; 9. Leite e Derivados – Produção Industrial; A. Acesso ao piso superior / Outras Visões; B. Capela-mor da Igreja; C. Nave da Igreja – Sala de exposições de curta duração; 18. Os Santos Fundacionais. (Planta: Francisco Pimentel – DRC).....	69
Figura 36: Percurso expositivo do Museu das Flores (Piso 1): 10. Mar Atlântico; 11. Flores – Um Local de Passagem Marítima; 12. Os Naufragos e a Fé; 13. Corsários e Piratas; 14. Montante – a Arte da Esgrima; 15. O Mar e a Pesca; 16. A Arte em Osso de Baleia; 17. Naufrágios e Salvados. (Planta: Francisco Pimentel – DRC).	70
Figura 37: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão. Site oficial do Museu das Flores, 2021.	71
Figura 38: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, A vigia. Fotografia de Susana Soares, 2021.	72
Figura 39: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, A pesca. Fotografia de Susana Soares, 2015.	73
Figura 40: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Os baleeiros florentinos. Fotografia de Susana Soares, 2021.....	74
Figura 41: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Moby Dick. Fotografia de Susana Soares, 2021.	75
Figura 42: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Comércio. Fotografia de Susana Soares, 2021.	76
Figura 43: Museu das Flores, Núcleo da Fábrica da Baleia do Boqueirão, Energia – caldeiras. Fotografia de Susana Soares, 2021.....	77
Figura 44: Percurso expositivo do Museu das Flores: Núcleo da Fábrica do Boqueirão: 1. A vigia; 2. A pesca; 3. A pesca (Espaço multimédia); 4. Carpintaria; 5. A pesca à baleia no mundo; 6. Os baleeiros florentinos; 7. O acidente; 8. Jonas e a Baleia; 9. Pinóquio; 10. Moby Dick; 11. Auditório; 12. O culto religioso; 13. As crenças; 14. Produtos extraídos do cachalote; 15. Utilização dos produtos; 16. Comércio; 17. Composição e propriedades; 18. Produtos de substituição; 19. Serviço educativo; 20. Biologia do cachalote; 21. História da Fábrica; 22. O desmanche; 23. Os autoclaves; 24. A energia – caldeiras; 25. As farinhas. (Perspetiva axonométrica: Rui Flunser Pimentel).....	78

Figura 45: Representatividade das áreas temáticas do Museu das Flores. Elaborada pela autora, 2024.	82
Figura 46: Museu das Flores: Divulgação do serviço educativo e outros eventos. Site oficial do Museu das Flores, 2024.	87
Figura 47: Museu das Flores: Divulgação de exposições temporárias. Site oficial do Museu das Flores, 2024.	91

Apêndice

1. Estrutura de Classificação com base no *Thesaurus para acervos museológicos* (Vol. I).

1. Equipamento de fiação e tecelagem

- 1.1. Fragmentos de tecido
- 1.2. Tecnologia tradicional do linho
- 1.3. Tecnologia tradicional da lã
- 1.4. Cestaria
- 1.5. Costura
- 1.6. Produção tradicional de rendas

2. Equipamento agrícola

- 2.1. Farinação de cereais e leguminosas
- 2.2. Alfaias braçais
- 2.3. Alfaias mecânicas
- 2.4. Alfaias de tração animal
- 2.5. Alfaias de tração animal (Fragmentos)

3. Equipamento de pecuária

- 3.1. Tecnologias tradicionais de produção de laticínios

4. Equipamento de artistas/artesãos

5. Equipamento de construção

6. Equipamento de construção naval

7. Equipamento de tanoaria

8. Equipamento militar

9. Equipamento de ferraria

10. Equipamento de comunicações

11. Aparelho de pesca

- 11.1. Pesca costeira
- 11.2. Captura de cetáceos
- 11.3. Aproveitamento de cetáceos

12. Pesos e medidas

13. Transportes marítimos

- 13.1. Acessórios de transporte marítimo

14. Objetos domésticos

- 14.1. Acessórios de interiores
- 14.2. Utensílios de cozinha/mesa
- 14.3. Mobiliário
- 14.4. Decoração
- 14.5. Iluminação

15. Objetos cerimoniais

- 15.1. Objetos de culto

16. Objetos pessoais

- 16.1. Acessórios de indumentária
- 16.2. Indumentária
- 16.3. Outros acessórios

17. Objetos de lazer

- 17.1. Brinquedos
- 17.2. Jogos

18. Artes visuais

- 18.1. Desenho
- 18.2. *Scrimshaw*
- 18.3. Arte baleeira
- 18.4. Escultura

19. Documentos fotográficos

20. Amostras de animais

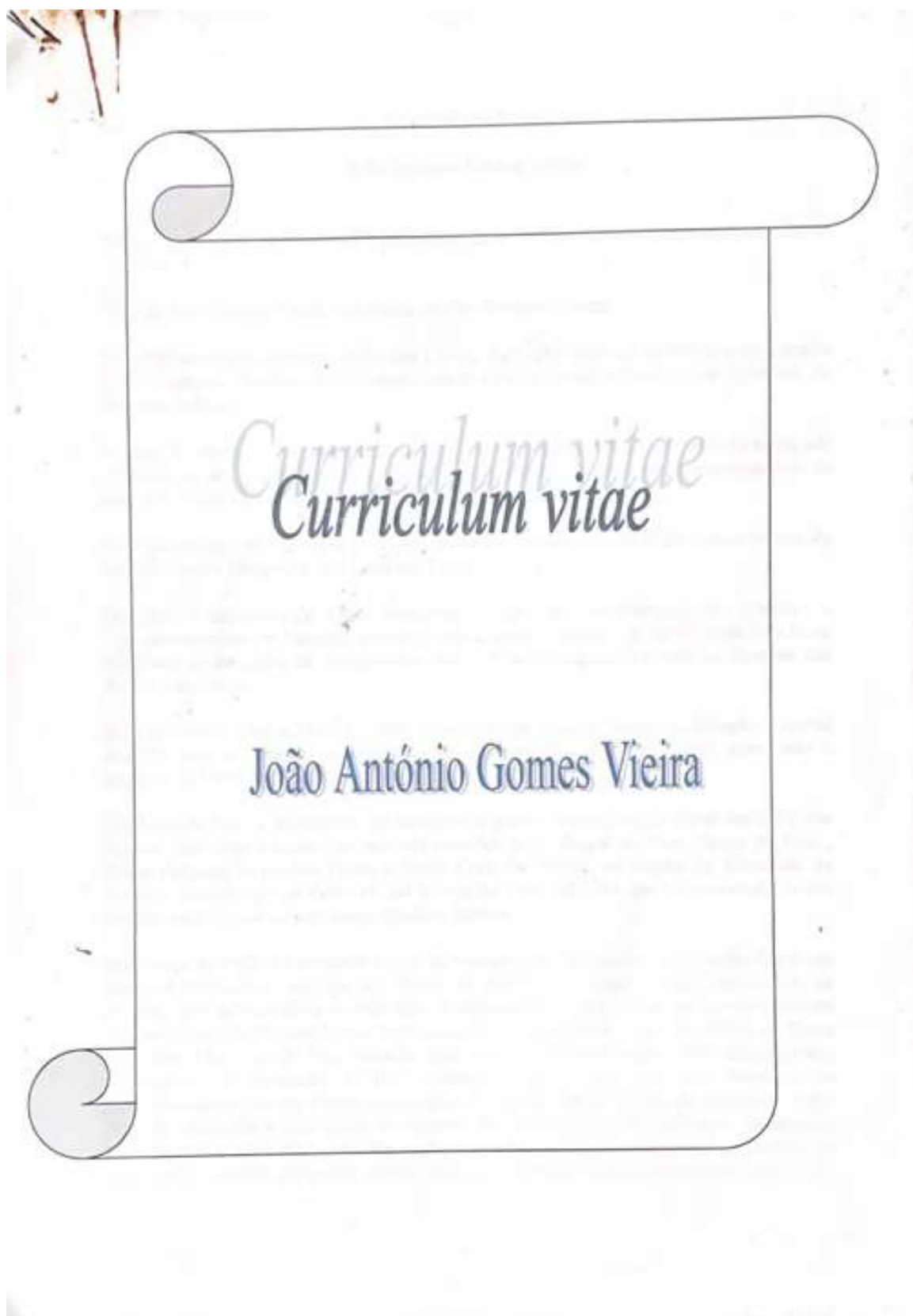
21. Instrumentos musicais

21.1. Instrumentos musicais (Acessórios)

22. Diversos

Anexo

1. Curriculum Vitae João António Gomes Vieira



Curriculum Vitae

João António Gomes Vieira

Nasceu em Lajes das Flores a 23 de Janeiro de 1939, B.I. 45363/3, contribuinte fiscal n.º 111833809.

Filho de João Gomes Vieira e de Maria do Céu Dâmaso Gomes.

Em 1959 completou o Curso Geral dos Liceus, no Liceu Nacional da Horta, com a média de 12,5 valores. Domínio dos idiomas Francês e Inglês falado e escrito, com trabalhos de tradução publicados.

Durante os meses de Agosto e Setembro de 1959 trabalhou como ajudante de topógrafo no levantamento dos elementos necessários à elaboração do projecto de abastecimento de água à Vila das Lajes das Flores.

De Outubro de 1959 a Abril de 1960, trabalhou como praticante da Conservatória do Registo Civil e Notariado das Lajes das Flores.

De Abril a Setembro de 1960 frequentou o curso de Administração dos Correios e Telecomunicações de Portugal, sendo aprovado com 15 valores. A partir desta data ficou integrado no Batalhão de Telegrafistas do Exército Português, situação de Reserva das Forças Territoriais.

De Outubro de 1960 a Maio de 1962, trabalhou no Quarto Sector da Estação Central dos Correios de Lisboa, responsável pelo Serviço de Expedição Postal, para todo o Império Colonial Português e Estrangeiro.

Em Maio de 1962 a seu pedido, foi transferido para a Administração Geral dos CTT dos Açores, passando a prestar serviço nas estações de S. Roque do Pico, Lages do Pico, Ponta Delgada, Lajes das Flores e Santa Cruz das Flores, no regime de Comissão de Serviço, situação que se manteve até Março de 1965, data em que foi exonerado a seu pedido para prestar serviço numa entidade pública.

Em Março de 1965, foi nomeado Chefe da Secretaria da Delegação da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos na Ilha das Flores, no âmbito do Acordo Luso Francês para os Açores, que administrava a execução e fiscalização das obras de Aproveitamento Hidroeléctrico da Ilha das Flores, bem como as ampliações do Porto das Poças em Santa Cruz das Flores e da Fajã Grande, que visava o desembarque dos equipamentos necessários à instalação da base Francesa. Com a conclusão dos Projectos de electrificação da Ilha das Flores e montagem da Central Hidroeléctrica da Ribeira de Além Fazenda, elaborou a montagem do sistema da contabilidade da cobrança de energia eléctrica aos consumidores da Ilha e da Base Francesa de Medidas. Na cerimónia da inauguração recebeu um louvor que foi dado pelo Director Geral dos Serviços Hidráulicos.

Em Outubro de 1968, por concurso público, com prestação de provas, foi aprovado com 15 valores sendo provido no cargo de Tesoureiro da Federação de Municípios da Ilha das Flores, cargo que desempenhou cumulativamente com o de oficial de ligação com a base Francesa na parte tocante ao abastecimento de energia eléctrica até Julho de 1991, data em que foi destacado para uma Comissão de Serviço a prestar no Museu das Flores. Foi louvado por acta do Conselho de Administração, pelo desempenho dos serviços técnicos e relações públicas, que desempenhou com competência e gratuitamente, com o intuito de bem servir.

Actividades prestadas ao serviço do Património Cultural da Ilha das Flores

#*A partir de 1958 começa a reunir peças e documentos das actividades marítimas da Ilha, visando salvar os testemunhos da memória da actividade baleeira no Porto da Calheta nas Lajes das Flores, cuja fábrica artesanal "Casa da Baleia" tinha sido desactivada em 1954, por via da recente criação da União das Armações Baleeiras das Flores e Corvo Lda.

*1960 - Pelo Sr. Coronel José Agostinho foi solicitado ser correspondente seu na Ilha das Flores e do Museu Carlos Machado na identificação de aves migradoras, visando anotar as espécies migradoras entre a América e a Europa. Forneceu espécies animais e vegetais para as colecções daquele Museu. Vem citado no trabalho do Dr. David Bannerman "Birds of the Atlantic Islands", Vol. II, Edimburgo 1966, onde está citado.

*1972 - São iniciados os trabalhos de recuperação da Casa da Baleia das Lajes das Flores, com a Revolução de Abril, alguns colaboradores deste projecto emigraram e verificou-se uma paragem nos trabalhos.

*1975 - Com o Major Médico Georges Guillon, retoma o projecto de salvaguarda da Casa da Baleia, Lajes das Flores, efectuando a expensas próprias e de familiares, os trabalhos de limpeza e conservação dos equipamentos daquele exemplar único da arqueologia baleeira, em todo o país.

*1976 - Elaboração do projecto de recuperação e valorização das Instalações Baleeiras do Concelho das Lajes das Flores, visando o seu aproveitamento museológico. Foram entregues em mão, à Câmara Municipal das Lajes das Flores 3 cópias do projecto.

*1977 - No mês de Junho participou no processo de negociação entre a SREC e Santa Casa da Misericórdia das Flores, com o objectivo do Convento de São Boaventura ser aproveitado como espaço museológico. Importa esclarecer que o signatário foi irmão membro da Mesa Administrativa da Misericórdia das Flores desde 1964, data em que iniciou uma caminhada para a sua salvaguarda e valorização.

*1977 - Participação na reportagem televisiva da RTP de Miguel Sousa Tavares "Hoje aqui (Nova Inglaterra), amanhã no Corvo", fenómeno da emigração com origem na

* Tarefas executadas gratuitamente em momentos vagos e fins de semana.

#* a expensas próprias e de familiares

baleação. Forneceu os elementos históricos, documentação impressa e fotográfica, que documentam a reportagem. Este trabalho foi distinguido com um prémio.

*1977 - 1978 - Participação na elaboração da memória duma tese "Folklore des Açores", festas em honra do Divino Espírito Santo (na parte respeitante à Ilha das Flores) do Dr. Francis Daniel Laurentiaux – Memóire présente a L' Université de La Sorbonne Nouvelle Paris III Paris – Juin 1979 – Vol. Text. 117 pag. Vol. II Annexes Planches 8 estampas.

*1978 - Por despacho do SREC, de 18 de Outubro, publicado no Jornal Oficial II Série n.º 43, foi nomeado encarregado da Casa Etnográfica das Flores, para prestação eventual de serviço sem prejuízo das suas funções, importa esclarecer que nunca recebeu qualquer retribuição pelos serviços prestados.

#1978 - Realizou na Igreja do Convento de S. Boaventura, no mês de Julho "A Exposição de Arte Sacra na Ilha das Flores", 50 esculturas em madeira (vasos sagrados e alfaias religiosas), com o espólio da Misericórdia das Flores e restantes Paróquias da Ilha.

#1978 – No mês de Novembro com Francisco Ernesto de Oliveira Martins, participou no pré – inventário do Património Artístico da Ilha das Flores.

1978 - 1982 -Fiscalizou e administrou os projectos de ampliação da Central Hidroeléctrica da Ilha das Flores. Obras que foram projectadas e financiadas pela Direcção Geral dos Recursos Hídricos.

*1980 - Colaboração com a equipe do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, dirigida pela Prof. Doutora Manuela Barros Ferreira na recolha dos termos locais, muito em especial no campo da etnografia.

*1980 - Ano que se comemorou o Dia da Marinha nos Açores. Foi montado uma exposição marítima no r/c do Convento, com um bote baleeiro no meio de claustro e lanchas de pesca com os respectivos aparelhos ao longo das alas do claustro. O comando da Defesa Marítima da Ilha, forneceu a mão de obra, com elementos da então Rádio Naval das Lajes das Flores.

#1982 - Com a importante colecção etnográfica reunida pelo signatário e do Major Georges Guillon e outros depositantes, no primeiro piso do Convento, montou a exposição etnográfica " O Homem e a Terra", com a colecção de ferramentas e utensílios das artes e ofícios, melhorou a exposição "Artes do Mar", exposta no r/c do Convento. Esta exposição foi visitada pelo então Presidente da República General Ramalho Eanes, na visita à Ilha das Flores e Corvo.

1984 - De 3 a 5 de Outubro foi designado superiormente para guiar na Ilha das Flores, os 8 membros da visita aos Açores, do Centro Nacional de Cultura, entre outras personalidades da cultura estavam presentes, o Professor Fernando Catarino da Faculdade de Ciências de Lisboa e Joaquim Pais de Brito, antropólogo com vasta obra publicada e Director do Museu Nacional de Etnologia, assim como representantes da comunicação

* realização a expensas próprias

* tarefas executadas gratuitamente em momentos vagos e fins de semana

social : António Mega Ferreira do "Jornal de Letras", Clara Pinto Correia " O Jornal", Fernando António de Almeida "Expresso" e "Diário das Notícias". Nas edições destes jornais é dada uma panorâmica dos aspectos culturais e paisagísticos da Ilha, bem como do plano do Museu das Flores.

Participação em seminários , encontros de Museologia ou eventos de carácter etnográfico

*1984 - Organização e coordenação da representação das Ilhas das Flores e Corvo no Desfile Etnográfico do 450º Aniversário da elevação de Angra a cidade, com representação de todas as Ilhas, que teve lugar em Agosto de 1984.

#1984 - Elaboração do projecto de reconversão da Fábrica Baleeira do Boqueirão em Museu de Artes do Mar. Ficou concluído em Novembro 1984 e entregue em mão, ao então SREC, António Maria Mendes. Nunca houve resposta.

*#1983 - 1986 - Projecto de reconstrução, consolidação e restauro da Casa Museu Pimentel de Mesquita, cujo projecto foi elaborado pelo signatário, fiscalizado e executado em muitas fases dos trabalhos de acabamentos nos materiais e as técnicas de construção do séc. XVII – XVIII, época a que pertence esta casa vincular, que foi a residência do último Capitão – Mor das Ilhas das Flores e Corvo.

*No Verão de 1986 - Orientado pelo Dr. Rui de Sousa Martins, Director do Centro de Estudos Etnológicos Luís Ribeiro da Universidade dos Açores, com uma equipe de jovens voluntários realizaram a montagem das colecções de fiação e tecelagem da Ilha das Flores, montada na Casa Museu Pimentel de Mesquita, primeiro pólo do Museu das Flores.

Ao longo do Verão e do Outono executou a montagem da cozinha, casa de jantar, salão, sala de visitas, sala de entrada e quarto de dormir.

Este projecto foi elaborado com o levantamento efectuado junto das pessoas mais antigas que viveram na casa, ou que tinham antepassados que lá tinham vivido ou convivido. Toda a casa foi mobilada com peças, móveis e objectos que se estendem do séc.XVI aos finais do séc.XIX, data em que a casa deixou de pertencer a esta antiga família. Posto que as moradias evoluem ao longo das décadas, esta particularidade foi respeitada na tentativa de reconstituição desta Casa Vincular, que ao longo de mais duma década tem sido estudada como modelo de reconstituição duma casa tradicional. Importa referir que a totalidade do espólio desta Casa Museu, são depósitos temporários, pertença de colecções particulares da Ilha.

*1985 - Janeiro, criação e fundação do Grupo de Modas e Cantares da Ilha das Flores, da qual foi Director Artístico e Musical. Este Grupo foi organizado a partir das recolhas etnomusicais efectuadas pelo signatário. O traje foi desenhado a partir de elementos iconográficos e peças do vestuário da Colecção Gomes Vieira, que se encontram

* realização a expensas próprias

* tarefas executadas gratuitamente nos momentos vagos e fins de semana

depositadas no Museu das Flores. Nesse mesmo ano este Grupo representou a Ilha das Flores no Festival do COFIT a 15 de Agosto, como é norma daquela Instituição.

#1985 - Participação no I Seminário Internacional do Folclore (13 a 15 de Agosto) organizado pelo COFIT e coordenado pelo Prof. Tomáz Ribas, e Universidade dos Açores. Apresentação duma comunicação, "Scrimshaw, uma forma de artesanato, que desembarcou dos navios baleeiros e evoluiu nos Açores" Património que importa defender e preservar.

#1986 - I Semana da Cultura Popular Atlântica organizada pelo COFIT, Angra do Heroísmo, com a orientação técnica da Universidade Nova de Lisboa e Centro de Estudos Etnológicos Luís Ribeiro da Universidade dos Açores (11 a 15 de Agosto). Apresentação duma comunicação, "Participação Açoreana na Baleação Norte-Americana – uma forma de emigração clandestina."

*1986 - Em Novembro foi inaugurado o polo museológico da Casa Museu Pimentel de Mesquita.

#1987 - II Semana da Cultura Popular Atlântica, promovida pelo COFIT com a organização do Centro de Estudos Luís Ribeiro da Universidade dos Açores e Universidade Nova de Lisboa, de 11 a 15 de Agosto.

*1987 - Exposição etnográfica para as II Festas do Emigrante 87, no Espaço da Biblioteca Municipal das Lajes das Flores e Hall de Entrada "Emigração para as Américas, testemunhos duma realidade."

*1987 - Seminário sobre Musealização de sítios (19 a 24 de Outubro), em Coimbra, promovido pelo Instituto Português do Património Cultural, com a colaboração da Universidade de Coimbra, Museu da Figueira da Foz, Museu de Conimbriga. Foram visitados os fornos de cal de Santo Amaro, os moinhos de vento de Oliveira da Portela, Museu Arqueológico de Conimbriga, Campo Arqueológico do Castro de Santa Eulália (idade do ferro), Paúl de Arzila e o seu ecossistema, e mata do Buçaco.

#1988 - II Semana da Etnologia do Atlântico – Açores, Madeira, Canárias, Cabo Verde – de 15 a 20 de Agosto, no Palácio dos Capitães Gerais em Angra do Heroísmo, organizada pelo COFIT, com a participação da Universidade Nova de Lisboa e Centro de Estudos Luís Ribeiro da Universidade dos Açores. Apresentação de uma comunicação "A importância dos Açores na Baleação Norte –Americana, reflexos económicos e sócio-culturais."

#1989 - Montagem da exposição "Homens, Baleias e Navios" da C.M. das Lajes- temática baleeira e Emigração. Desta exposição foram cedidas peças e documentos para a Exposição "O Emigrante e o Mar", promovida pela Secretaria das Comunidades.

*1989 - Desenho do traje e calçado para o Grupo de Folclore da Ilha do Corvo.

* Tarefas realizadas gratuitamente nos momentos vagos e fins de semana

Realização a expensas próprias

#* realização a expensas próprias e de familiares

1989 – Elaboração da investigação histórica sobre a electrificação da Ilha das Flores, que foi publicada pela Direcção Regional da Energia dos Açores, trabalho que foi coordenado pelo Eng. Luiz Augusto Teixeira de Simas, na comemoração dos 90 anos da electricidade dos Açores.

1990 - Outubro – Foi nomeado pelo SREC para fiscalizar a empreitada de reconstrução, consolidação e restauro do Convento de São Boaventura, missão que ainda não está concluída, por falta de conclusão dos trabalhos de elementos de arte no interior da Igreja.

1991 - Por despacho do Sr. DRAC de 27 de Junho de 1991, foi nomeado para exercer funções no Museu das Flores, por urgente conveniência de serviço.

#1991 - Outubro (20 a 23), participou no Seminário do Professor Jorge de Freitas Branco, ISCTE – Etnografia e Investigação Expositiva com a colaboração do Centro de Estudos Etnológicos Luís Ribeiro da Universidade dos Açores, decorreu no Museu Carlos Machado, Ponta Delgada.

#*1992 - VI Ciclo da Cultura Açoriana no Canadá, Toronto (28 de Outubro a 6 de Novembro de 1992). Apresentou uma comunicação versando o culto do Divino Espírito Santo na Ilha das Flores - breve estudo da cultura e sociedade tradicional dos Açores e comunidades Açorianas espalhadas pelo Mundo.

*1993 - Participação no Seminário Rencontres Européennes des Musées de Ethnographie – European meeting of ethnography and social history museums – organizado pelo Musée National des Arts et Traditions Populaires – École du Louvre, Paris Mars 1993. As actas foram editadas num volume de 394 páginas. Paris 1995.

1993 - VI Jornadas sobre a Função Social do Museu, Biblioteca Municipal e Casa da Cultura da Póvoa de Varzim, promovido pelo MINON (12 a 14 de Novembro).

1993 - Colóquio APOM/93, Museu Gulbenkian em Lisboa (16 a 18 de Novembro), "Museus para o Ano 2000".

1994 - VII Jornadas da Função Social do Museu, Museologia e Educação. Promovidas pelo Minon, decorreu na Escola Secundária de S. João do Estoril (13 a 15 de Outubro).

1970 - 1990 - Efectuou o levantamento de etnotextos, "memórias da gente do mar", sobretudo do sector baleeiro, entrevistas registadas em fita magnética, bem como em vídeo, apoiado com registos fotográficos.

1994 - I Encontro das Instituições museológicas dos Açores no Museu Carlos Machado (21 a 24 de Março). Apresentação da comunicação, "A Ilha e o Mar que a abraça" - proposta para o programa da exposição permanente do Museu das Flores.

* realização a expensas próprias

#* realização a expensas próprias e de familiares

* tarefas realizadas gratuitamente em momentos vagos e fins de semanas

#* 1994 - Em Maio, estudo do Arquivo fotográfico do Coronel Afonso Chaves, depositado no Museu Carlos Machado, com reprodução duma centena de imagens de interesse etnográfico e histórico para as Ilhas das Flores e Corvo.

1994 - V Encontro Nacional da Museologia e Autarquias, Museu Rafael Bordalo Pinheiro (Museu da Cidade de Lisboa 1 a 3 de Dezembro), em representação da Câmara Municipal de Sta. Cruz das Flores apresentou a comunicação "A Fábrica Baleeira do Boqueirão na Ilha das Flores - Património Municipal - um testemunho da arqueologia industrial a preservar e a valorizar", seguiu-se uma projecção de slides alusivos ao tema da comunicação. Programa expositivo do Museu das Flores.

1995 - Colóquio APOM/95, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz (28 de Março a 1 de Abril).

1995 - I Jornadas da Cultura Marítima promovidas pelo Museu da Nazaré, (25 a 28 de Maio). Apresentou uma comunicação "Marfins do Mar, uma forma de artesanato de Bordo."

*1995 - "O Culto do Divino Espírito Santo na Ilha das Flores (raízes e actualidade)". Comunicação apresentada na Jornada Cultural "Os Açores, Ontem e Hoje", seminário promovido pela Casa dos Açores no Norte, com a colaboração das C.M. das Ilhas do Grupo Ocidental. Palácio de Cristal (20 a 30 de Maio) Nota: o signatário só conseguiu permanecer no Porto de 29 a 30 de Maio, esta comunicação foi a representação da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores. Foi solicitado mais uma comunicação "A Ilha das Flores, o último cabo da Europa e o seu valor geo-estratégico nas rotas entre a Europa e a América - Ilha Fronteira da cultura Atlântica".

1995 - I Encontro nacional sobre Museus e os Serviços de Educação - A função educativa dos Museus e os serviços Educativos. Promovido pelo MINON em Setúbal (5 a 7 de Outubro), Museu do Trabalho Michel Giacometti.

*Ao longo de 1995 até meados de 1996, nas horas vagas e fins de semana foi efectuado a actualização do pré inventário de moinhos de rodízio e azenhas da Ilha das Flores, bem como a localização das ruínas dos sistemas de moagem, que no início do século existiam na Ilha das Flores.

*Inventário das eiras de debulha e covas de cereais, existentes na Ilha das Flores no início do séc. XX, bem como a toponímia da Ilha sobre o ciclo dos cereais, que foi o primeiro ciclo económico açoriano.

*Investigação das reminiscências do ciclo das tintureiras (pastel, urzela e dragoeiro), toponímica do ciclo do pastel em todas as localidades das Ilhas das Flores e Corvo.

* Realização a expensas próprias

#* Realização a expensas próprias e de familiares

* tarefas realizadas gratuitamente em momentos vagos e fins de semana

A investigação foi coroada com a descoberta de duas pedras de pisão do pastel, as únicas conhecidas em todo o arquipélago, conhece-se a existência duma terceira que foi mutilada na Ilha de São Miguel.

*Ao longo de mais de duas décadas efectuou a recolha com gravação sonora, da música popular da Ilha das Flores, arquivada em seis CDs, com a orientação do Dr. Emiliano Toste.

*Recolha do cancionero das Flores, textos dos rituais, práticas e cerimónias do Espírito Santo, das cantigas e canções do povo e ainda da poesia popular da Ilha das Flores.

1995 - Representação da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores no Império de São Carlos na Ilha Terceira conjuntamente com um grupo de música popular, apresentou uma comunicação sobre os festejos profanos do Espírito Santo no concelho de Santa Cruz das Flores (18 de Setembro).

1995 - Comemoração do 12º Aniversário do Museu da Graciosa, comunicação apresentada "Museu, Escola e Comunidade" (6 de Dezembro).

1996 - Foi solicitado pela DRAC uma semana de colaboração na limpeza, recuperação e conservação das peças da exposição permanente do Museu de Santa Maria, na equipe da Drª Cristina Gonçalves, visando a montagem da exposição permanente daquele Museu, que aconteceu por meados de Agosto daquele ano.

1996 - VII Encontro Nacional de Museologia e Autarquias, Câmara Municipal do Seixal (28 a 30 de Novembro).

#*1996 - Foi efectuada a investigação histórica e elaboração do programa museológico do Museu das Flores, proposta que foi remetida para apreciação da DRAC pelo ofício 75/96 de 96/04/01 e que veio a ser discutido com a Drª Cristina Gonçalves, Dr. António Nabais e Arquitecta Filipa Nogueira nas férias do Verão daquele ano.

1996 - II Jornadas da Cultura Saloia, Museu Municipal de Loures (6 e 7 de Dezembro). Apresentação duma comunicação, "Uma colecção de lenços saloios no mais Ocidental Museu da Europa", com sessão de projecção de slides. A comunicação foi publicada em volume nas actas das II Jornadas.

*1997 - Em Junho forneceu elementos da história e direito de reprodução de imagens de documentos fotográficos do arquivo pessoal, sobre o vapor inglês "Slavonia" da Cunard Steam Ship Line e Cº, que naufragou na costa do Lajedo (Baixa Rasa) na madrugada de 10 de Junho de 1909. Documentário que foi realizado pelo Repórter José Serra e foi apresentado no Programa Bombordo da RTP1, este filme foi galardoado na MAT da RTPA/99.

* Tarefas realizadas gratuitamente em momentos vagos e fins de semana
 #*- realização a expensas próprias e de familiares

*1997 - Em Outubro de 1997, elaboração da memória técnico-artística da colecção de marfins de Mestre João Flores da Calheta do Nesquim, visando a elaboração do relatório justificativo da proposta de aquisição, cuja comissão de peritos era Presidida pelo Dr. Francisco Medeiros (Director do Museu do Pico), Srs. Manuel Gonçalves e António Manuel Garcia Machado, marfinistas das Lages do Pico, de reconhecido mérito.

*1998 - Em Fevereiro preparação das 19 peças para a EXPO 98, para o Pavilhão dos Açores e Pavilhão do Conhecimento dos Mares, fichas alargadas e textos de apoio ao material.

*1998 - Forneceu elementos para o programa da RTPA "Açorianos de Cultura", que foram recolhidos pela Dr.ª Ana Isabel Serpa (13 a 17 de Julho), sobre o poeta Roberto de Mesquita.

*1998 - Participação na I Bienal das Baleias dos Açores (Lages do Pico, 15 a 18 de Outubro), promovida pelo Museu dos Baleeiros, Secretaria Regional da Economia. Apresentação duma comunicação, "Uma forma de artesanato de bordo - scrimshaw". Foi apresentado uma projecção de slides sobre este tema, abordando a sistematização.

*1998 - 1999 - Desenhou o novo traje completo para o Grupo de Modas e Cantares da Ilha das Flores, baseado nos usos e costumes, com o apoio de peças antigas e iconográficas.

1999 - Angra do Heroísmo (1 a 5 de Março), seminário "A Conservação preventiva em Museus e Bibliotecas", por motivos urgentes de saúde, não foi possível completar. Todavia apresentou um trabalho detalhado sobre os inconvenientes constatados no Museu das Flores, em que se destaca o factor da humidade relativa. O Sr. Eng. Elias Casanovas, monitor do curso, elogiou o trabalho apresentado na 2ª fase do curso.

1999 - Angra do Heroísmo (12 a 22 de Abril) frequentou a acção de formação "Metodologias de tratamentos de conservação e restauro de suportes de madeira", promovida pelo CECRA e Instituto José de Figueiredo.

1999 - Na Veb Accademia Europea, via Sto Egidio 12, em Florença - Itália, frequentou o curso "Serviços educativos para Museus", incluído no Programa Leonardo da Vinci (19 de Setembro a 3 de Outubro).

*1999 - Novembro, investigação histórica sobre os pelourinhos municipais dos Açores e Madeira, para ser introduzido no apêndice da reedição do livro "Pelourinhos Portugueses Tentamen do Inventário Geral", do Eng. E.B. Ataíde Malafaia, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.

#2000 - (Janeiro e Fevereiro), História (investigação) do correio postal na Ilha das Flores, incluindo bóias do correio.

* Tarefas executadas gratuitamente nos momentos vagos e fins de semana
 #* realização a expensas próprias e de familiares

2000 – Avaliação duma colecção de miniaturas em osso (29 de Fevereiro a 2 de Março) Velas, São Jorge, com relatório e memória justificativa. Proposta para aquisição superior, conjuntamente com Manuel Gonçalves.

2000- 29 de Junho, Trabalho sobre a baleação na Ilha do Faial para ser publicado no livro Comemorativo dos 400 anos da elevação a freguesia do Capelo, 10 pgs.

2002 – Julho, Publicação do Livro “O Homem e o Mar, Embarcações dos Açores”, edição bilingue , 200 pgs , 200 ilustrações.

2003 – Fevereiro, “O Homem e o Mar- Artistas Portugueses do Marfim e Osso de Cetáceos – Açores e Madeira”, 200 pgs, 150 fotografias, edição bilingue (Português- Inglês)

Exposições Internacionais onde participou

*1988 - “ Des baleines et des Hommes” – exposição de Alexandre Dewez, com Yves Pacalet da Fundação Jacques Yves Costeau e Michel Barré. Paris, Lajes das Flores, Lajes do Pico e Ponta Delgada.

*1989 - Exposição “Chasse aux cachalots des Azores”, Musée Océanographique , Centre National d’Études des mammifères marins II, (Abril a Setembro), Local Port des Minimes, 1700 La Rochelle , França. Empréstimo de peças etnográficas, documentação fotográfica, gravuras e desenhos. Todo este espólio pertence à Colecção Gomes Vieira.

*#1989 - “The Azorean Whalers Exhibition at New Bedford Whaling Museum”, na cidade de New Bedford, Mass. De Março a Junho de 1989, foi consultor para as peças e documentos existentes nos Açores, que se cifravam em oito dezenas, e que estiveram patentes durante a exposição. Foi responsável pela tradução do catálogo e legendas para português. Em toda a história americana foi a primeira exposição bilingue, em que a 2ª língua foi o Português. Este acontecimento e o nome do consultor foram referidos na imprensa local. Ao longo de doze semanas, que trabalhou neste Museu, guiou visitas aos grupos de alunos das escolas dos Estados da Nova Inglaterra, que duas vezes por semana visitavam o Museu. A participação das escolas em visitas aos Museus, é relevante no sistema de ensino norte-americano.

1991- “A arte flamenga nos Açores,” – Europália 91, que teve lugar na cidade de Bruges, que abriu ao público no mês de Agosto. Integrou a equipe nomeada pela DRAC. Duas imagens flamengas depositadas no Museu das Flores participaram nesta exposição.

*1993 - Versailles, França, Abril de 1993, exposição documental sobre os Barcos de Portugal, promovida pela Câmara Municipal de Plaisir e a Associação Cultural de 25 de Abril. Fez a tradução do livro de Henri Kerisit para português e forneceu elementos sobre as embarcações dos Açores.

*1994 - Plaisir, Versailles, França, exposição de instrumentos musicais portugueses, com a representação da música popular dos Açores, bem como os respectivos instrumentos tradicionais. Uma selecção dos instrumentos da colecção de Gomes Vieira, esteve presente de Abril a Julho. Este acontecimento foi promovido pelo Departamento da Cultura da C.M. de Plaisir e Associação Cultural 25 de Abril.

**Participação em Diaporamas e filmes de carácter etnográfico
Conjuntamente com Francis Lamolère, realizador do C.E.L., Biscarrosse, France**

*1972 - Diaporama de 280 slides a cor com fundo sonoro "D'après-vous. Moby-Dick" tema etnográfico sobre a caça ao cachalote nos mares da Ilha das Flores.

*1973 - 1974 - "L'imprint du harpon"- filme de 16 m/m com 25 m de duração. Documentário etnográfico sobre a baleação nos mares das Flores e Corvo. Ganhou a medalha de bronze no IIº Festival Internacional de "Film Maritime en Toulon" (18 a 24 de Junho 1979).

*1976 - 1977- "Agar-Agar, apanha de algas submarinas na Ilha das Flores, gelatina do mar e a sua aplicação industrial". Recurso marinho com relevante reflexo sócio-económico. Um filme de 16 m/m com 25 m de duração. Foi classificada como a melhor reportagem pelo Júri do Festival Internacional do Filme Amador submarino des Antibes. Juan-Les-Pins, Côte d'Azur, França.

*1977 - 1978 - "Visa-susmarin, um património que importa relevar"- revela a paisagem marinha dos Açores, com aspectos da fauna e da flora dos Mares dos Açores. Filme de 16 m/m com a duração de 18 minutos.

*1987 - "L' Archipel à la dérive". Aspectos da vulcanologia dos Açores, que mostra manifestações na paisagem de todas as Ilhas, e ainda fenómenos submarinos como seja a cadeia de vulcões da zona dorsal Atlântica. Filme com a duração de 20m.

*Efectuou a investigação histórica e etnográfica para o texto destas produções, bem como algum apoio logístico na Ilha das Flores e contacto com especialistas portugueses do domínio da vulcanologia.

Trabalhos Publicados

*1982 - Elaboração do Guia Turístico da Ilha das Flores, investigação histórica, flora e fauna, aspectos geológicos, paisagísticos e sucessivas introduções.

*1983 - Álbum de imagens sagradas da Ilha das Flores em colaboração com Georges Guillon e Jean M. Debruges, 75 páginas, texto em português e francês. Edição do CEL. Biscarrosse, Landes, França, Março de 1983.

* tarefas realizadas gratuitamente nos momentos vagos e em fins de semana

- *1984 - "Pastel, esse ilustre desconhecido, a sua cultura na Ilha das Flores", Boletim "O Despertar"- Ribeira Chã, S. Miguel.
- *1988 - Reedição de "Vida dos Marinheiros", da autoria de Manuel J. Lopes, investigação histórica dos participantes desta crónica baleeira. Edição da C.M. das Lajes das Flores.
- *1989 - "A cultura do inhame na Ilha das Flores", o boletim "O Despertar", Ribeira Chã, S.Miguel.
- *1991 - "Homens, Baleias e Embarcações", colectânea de 36 postais a preto e branco, sobre a baleação na Ilha das Flores, com texto e legendas em português e francês. Edição do CEL, Biscarrosse, Landes, (Abril).
- *1992 - O Projecto de reconversão da Fábrica Baleeira do Boqueirão na Ilha das Flores, Revista Património e Museus Locais n.º 1/2 II Série, Junho a Dezembro de 1992.
- *1997 - Participação no livro "Viagens na nossa terra", na parte respeitante à Ilha das Flores - Edição do Reader's Diggest, Lisboa.
- *1998 - Colaborador da Enciclopédia Açoriana, para a Ilha das Flores, a pedido do Doutor Artur Teodoro de Matos, com três artigos já publicados.
- *1999 - "Marfins do Mar, uma forma de artesanato de bordo", Edição do Instituto do Emprego e Formação Profissional, Lisboa (Julho).

Trabalhos de investigação a publicar

- *- " O Homem e o Mar, Embarcações Tradicionais dos Açores", cinquenta páginas de texto e cento e cinquenta ilustrações antigas e fotografias, que se estendem por mais de um século, demonstrativas da evolução das embarcações dos Açores. Registos fotográficos dos diferentes tipos e dos principais portos dos Açores, ao longo da década de 80. Investigação histórica dos primeiros cronistas dos Açores, sobre embarcações.
- *- Notas biográficas sobre Artífices de Marfins do Mar dos Açores, mais de meia centena de nomes.
- *- Estudo das Águas Termais e minero medicinais da Ilha das Flores.
- *- Listagens de nomes portugueses constantes nas listas de tripulações de navios baleeiros da Costa Leste dos Estados Unidos de 1850 a 1900, arquivo de manuscrito reservado do New Bedford Whaling Museum, investigados entre 1989 e 1990, durante período de férias.

** a expensas próprias e de familiares.

*tarefas executadas gratuitamente nos momentos vagos e fins de semana

* Tarefas realizadas gratuitamente em momentos vagos e fins de semana

#* - Biografias de marinheiros oriundos das Ilhas das Flores e Corvo, que se distinguiram na baleação e marinha de comércio da América do Norte.

* - Ao longo das últimas duas décadas, efectuou o levantamento fotográfico dos exemplares mais significativos da arquitectura popular da Ilha das Flores, bem como o registo de pormenores de acabamentos, técnicas e materiais de construção.

* - Nas últimas três décadas efectuou investigação sobre a etnografia da Terra e do Mar, bem como as notas das indústrias caseiras "tecelagem e tinturaria vegetal", a inventariação das plantas tintureiras, e ainda sobre a cerâmica de produção local, com a localização dos antigos fornos da cerâmica.

Participação em trabalhos de carácter etnográfico

*1973 - 1974 - Participação na tese do 3º ciclo de Etnologia, sobre a Ilha das Flores, apresentada na Universidade de Sorbonne, pela licenciada Dominique Legoupil, desenhou todas as peças que ilustram o trabalho sobre a terra e o mar, com cerca de 300 páginas, documentando a etnologia da Ilha das Flores.

*1978 - Participou no trabalho do Dr. Franz Paul de Almeida Langhans "Ofícios antigos subsistentes nas Ilhas das Flores e Corvo", edição da DRAC, 1985.

*1979 - Participação na tese de Doutoramento do Prof. Teodoro de Matos, Transportes e Comunicações em Portugal, Açores, Madeira, Ponta Delgada, 1980, 650 pags, elaborou o trabalho e desenho sobre meios de transportes da Ilha das Flores, citado nas pags 390,391.

1989 - 1990 - Participou no "Dictionary of scrimshaw Artists", da autoria de Stuart M. Frank, Director do Kendall Whaling Museum, de Sharon, Mass. 198 pag., editado pelo Mystic Sea Port Museum, 1991 Connecticut. Vem citado a pags. XV; XVI; 38; 47; 48; 56; 60; 139; 190. Entre os 54 museus citados neste trabalho, encontram-se três museus europeus, o antigo Museu de Arte de Tradição Popular da Ilha das Flores, é a única Instituição portuguesa citada. Nunca aceitamos a designação da Casa Etnográfica, porque a etnografia não se pode "enlatar" como se faz às sardinhas em conserva.

1990 - Participação no "Petit Dictionnaire Baleinier", francês - inglês - português, Cdt Michel Barré, editado na Charante Maritime, França 1992.

1991 - Investigação histórica e levantamento fotográfico do livro da autoria do Sr. Manuel Ferreira "O Segredo das Almas Cativas", fotobiografia do Poeta Roberto de Mesquita, edição da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores. A propósito deste Poeta, como vogal do Conselho Municipal da C.M. de Santa Cruz das Flores, foi o responsável pela comemoração do I Centenário do nascimento do Poeta, cujas cerimónias foram assinaladas com palestras e edição duma medalha de bronze alusiva à efeméride.

* tarefas realizadas gratuitamente em momentos vagos e fins de semana

*# - realização a expensas próprias e de familiares

Condecorações recebidas

1989 - Por despacho do Ministro da Cultura Jacques Lang de 2 de Junho de 1989, foi atribuído o Grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras da República Francesa. A cerimónia de entrega decorreu na Embaixada da França em Lisboa, no dia 18 de Fevereiro de 1993. *

Exposições de Marfim gravado

Desde 1957, que trabalha marfim do dente de cachalote. Quando o marfim começou a rarear e a aumentar o preço, começou a trabalhar o osso do maxilar. É titular do cartão de gravador de marfim n.º 441 de 21.05.87, emitido pela Direcção Regional da Indústria, conforme Portaria 72/82. Tem efectuado restauro, limpeza e conservação de peças de marfim e osso. É possuidor duma colecção de dentes gravados por gravadores açoreanos. Esta colecção encontra-se depositada no Museu das Flores.

1976 - Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, na comemoração do 25 de Abril e 1 de Maio.

1978 - Casino do Estoril, Portugal.

1986 - Feira Regional do Artesanato, Ponta Delgada (8 de Maio).

1986 - Câmara Municipal das Lajes das Flores, Salão da Biblioteca por ocasião da I Festa do Emigrante (Julho a Dezembro).

1987 - Feira Regional do Artesanato de Ponta Delgada, S. Miguel (28 de Maio).

1988 - VI Feira Regional do Artesanato, Ponta Delgada (12 de Maio).

1990 - Galeria de Arte do Hotel Ritz, Lisboa (Setembro-Outubro).

Está representado em várias colecções privadas da Europa, sobretudo em França, Bélgica, Inglaterra, Brasil, América do Norte, Canadá, Nova Zelândia, Austrália, e em várias Regiões de Portugal e no Museu da Marinha em Lisboa.

Exposições Fotográficas

1993 - Integrada nas Sanjoaninas 93 com a colaboração da C. Municipal de Santa Cruz realizou a exposição fotográfica "O concelho de Santa Cruz das Flores e as suas gentes, marcas dum século". Meia centena de fotografias incluindo algumas reproduções de fotos do último quartel do passado século, e fotos actuais estabelecendo um confronto com as alterações.

* Este curriculum foi-me solicitado pelo meu Director Regional um pouco antes de eu passar a reserva, tive 4 anos para me decidir a aceitar a condecoração quando tive a certeza que os franceses iam embora, porque teci durante 27 anos para defender o património cultural de um dentista.

Anexo ao Curriculum Vitae

Insignia Autônoma de Mérito exis 10 de Junho de 2010
no Dia do Arroz que se celebrou na Ilha do Corvo.
Comendador da Ordem do Infante D. Henrique
atribuída pela Presidência da República entregue
no dia 10 de Junho de 2012, no Salão da Matilde
Deus na Ilha Terceira, residência oficial do Representante da República nos Açores, em cerimónia Salene.
Nos anos anteriores, o gabinete do Representante da República propunha 4 nomes para serem escolhidos e 3 dos 4 nomes apresentados, apenas um foi escolhido.
Fui o desgraçado, leve a carregar em casa, e é preciso que tenha o exterior de bom gosto adornado. A coluna vertebral está muito debilitada. Qualquer dia a menor tempestade, uma bactéria que ataca os velhos, parece pra mim da Legionella o navio vai ao fundo. Nem todos chegam a velhos e de velhos ninguém passa.
Após 43 anos de ininterrupto Serviço à causa Pública, passei à Reserva, mas não parei, publiquei 7 livros e escrevi mais um que já não sairá nesta vida que está chegando ao fim. Há uma razão: Deus fez o Mundo em 6 Dias, descansou no 7.º Dia, fui demasiado ambicioso escrevi o maior trabalho que se chama Transportes Marítimos no Arquipélago dos Açores. Das Naus aos Sarcos de S. Sebastião aos Navios de Casco de Madiera aos Navios de Casco em aço - 500 Anos de Memória, 600 imagens 550 páginas, relato dos cronistas árcanos sec XV, XVI e XVII. dos Viajantes que no sec XVIII visitaram os Açores, sec XIX, no sec XX o Grandi Raul Brandão que escreveu As Ilhas desconhecidas, numa viagem que fez a bordo do Paquete San Miguel em 1922. A bordo em 1961 num diário de viagem que fez ao longo de 12 dias a bordo do Paquete Carvalho Araújo - na minha primeira viagem à Mãe-Pátria, relato por memórias como era viajar naqueles tempos, desde as ementas e os acontecimentos que o navio fazia. 21 de Abr. 2017

- Dr.^a Margarida Ribeiro, Antropóloga
- Dr.^o António J. Maia Nabais, Museólogo do Instituto Português dos Museus
- Dr.^a Cristina M. Gonçalves, D.R.A.C.
- Arqt.^o Paulo Duarte de Melo Gouveia, Universidade de Évora
- Irmãos Villa-Lobo Manuel e Venceslau, do Museu Rural Villa-Lobo-Extremoz

Seria um pecado de ingratidão omitir dois Amigos que há três décadas nos acompanham, desde quando ensaiamos os primeiros passos, que são: **Professora Doutora Raquel Soeiro de Brito** e o **Senhor Almirante Augusto da Silva Souto Cruz**, cidadão honorário desta Ilha, porventura o seu mais ilustre "Filho".

Museu das Flores

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

Refere-se a presente memória a documentar um pedido de participação na montagem do Museu da Ilha das Flores, que consta em apoio técnico, equipamentos, vitrines e iluminação, bem como os diferentes materiais que requer a actual museologia.

Nome do Requerente : Museu das Flores

Entidade tutelar : Direcção Regional dos Assuntos Culturais
Secretaria Regional da Educação e Cultura
Governo Regional dos Açores

Localização : Convento de São Boaventura - Freguesia de Santa Cruz
Concelho de Santa Cruz das Flores
Ilha das Flores - ex-Distrito da Horta
Região Autónoma dos Açores

As terras localizadas da Ilha das Flores, sobretudo as margens, que pertencem ao barão de Terra Nova e da Ilha das Flores, foram doadas ao Estado da Ilha, as terras locais até ao presente recorte. Devo aqui referir, que a doação da Ilha após o regresso de uma viagem de Diogo da Silva à Santa Nova no ano de 1514.

As condições geográficas e de ordem natural impostas pelo relevo, a situação da ilha em relação às costas, a falta de água e a falta de recursos culturais e técnicos, são os principais factores que condicionam a actual museologia.

Generalidades :

A Ilha das Flores, mercê do seu posicionamento geográfico - o ponto mais ocidental da Europa, situa-se na encruzilhada das rotas marítimas e aéreas entre a Europa e a América do Norte.

Nos tempos da navegação á vela, a Ilha desempenhou um papel relevante como ponto de apoio ás frotas que cruzavam as rotas entre o Velho e Novo Mundo. Abundantes cursos de água potável desembocando em baías profundas e abrigadas por costas alcantiladas, permitiam aguadas, refrescos e ainda recrutamento de elementos para completar tripulações. Ao longo de quatro séculos, a Ilha foi um ponto de referência e uma espécie de oásis na imensidão do Atlântico para todos os navegantes. Os ventos alísios das Costas da Africa Ocidental obrigavam a que a viagem de retorno da Companhia das Indias Orientais se processasse pelas Flores; o mesmo acontecia com a Companhia das Indias Ocidentais. Importa frisar, que o Arquipélago teve um papel importantíssimo, na expansão marítima Portuguesa de Quinhentos, por motivos de variada ordem. Assim desde o limiar do seu povoamento (principios do séc XVI) a Ilha assumiu o papel que a sua localização geográfica determinou. Durante quase três séculos foi ponto de apoio de escalas técnicas das Companhias das Indias e depois das frotas Baleeiras Norte Americanas, sobretudo dos portos da Costa Leste dos Estados Unidos.

As frotas bacalhoeiras da Europa, sobretudo as nacionais, que pescavam nos bancos da Terra Nova e do Labrador, demandavam os ancoradouros da Ilha, em escalas técnicas até um passado recente. Convém aqui relembrar, que a descoberta da Ilha aconteceu no regresso de uma viagem de Diogo de Teive à Terra Nova no ano de 1452.

Condicionantes geográficas e de ordem natural impostas pelo meio físico, e sobretudo pelo seu afastamento das restantes Ilhas, criaram e adaptaram formas de cultura cujas técnicas subsistiram até um passado muito recente.

A necessidade de se constituir uma colecção etnográfica da Ilha que abrangesse as vertentes marítimas e rural remonta à década de cinquenta. Por meados dos anos sessenta, por via de um Acordo Internacional com o Governo da França, foi instalada na Ilha uma base de rastreio de mísseis. Em consequência deste acontecimento, a comunidade Francesa que se fixou nas Flores, ultrapassava a centena de indivíduos, entre os quais, bastantes procuravam "souvenirs" da Ilha. As populações locais animadas pela sua tradicional hospitalidade e ignorando o valor daquilo que consideravam obsoleto, facilitaram as ameaças à delapidação do património local. Tanto mais, que uma grande corrente emigratória para o Canadá em que famílias inteiras fixavam residência nessa Terra Prometida de tantos Açorianos, desfazendo-se de qualquer modo de todos os seus haveres.

Só uma consciente determinação e respeito pelo passado histórico evitaram o total desaparecimento de testemunhos culturais. Um grupo de cidadãos pôs mãos à tarefa de recolha que se desenvolvia em simultâneo com uma campanha de informação e sensibilização, uma espécie de serviço educativo que lentamente foi dando seus frutos. Um alargado levantamento etnográfico foi desenvolvido visando salvaguardar todos os testemunhos históricos da Ilha e das suas gentes, que se arrastou ao longo das últimas quatro décadas.

Em 1978 foi adquirida pela Região, a Casa vincular dos Pimentel de Mesquita, residência do último Capitão-Mor das Ilhas das Flores e Corvo, que se encontrava muito arruinada.

Em 1983 foram iniciados os trabalhos de reconstrução e restauro, que ficaram concluídos em Novembro de 1986, data que abriu ao público com a designação de Casa Museu Pimentel de Mesquita. Este projecto museológico visava essencialmente a reconstituição duma Casa tradicional da Ilha, pois se tratava da mais antiga habitação das Flores, cuja construção remonta a meados do séc. XVII. Todavia esta casa pela sua dimensão e arquitectura, nunca poderia dar resposta em termos museológico, ao variado e abundante espólio que recolhemos. Teria que se encontrar um espaço

mais adequado, com a dimensão suficiente para corresponder às nossas necessidades culturais.

Possuindo a Ilha das Flores a mais importante e completa colecção marítima dos Arquipélagos dos Açores e Madeira, que foram importantes entrepostos da expansão marítima Portuguesa, acresce o facto da Ilha ser o ponto de apoio ocidental do eixo da Cultura Atlântica e fronteira cultural da Europa. Torna-se necessária a exposição pública e a devida divulgação destes bens culturais que sendo da humanidade, engrandecem Portugal Marinho. Esta é a mais apropriada ocasião para o fazer, posto que decorrem as Comemorações Nacionais do V Centenário dos Descobrimentos Portugueses.

Assim, após uma consciente selecção de imóveis adequados para o efeito, a escolha veio recair no Convento Franciscano de São Boaventura, situado no Centro da vila de St. Cruz, no local a que bem se pode chamar Zona Histórica, a uns escassos cem metros da Casa-Museu Pimentel de Mesquita.

DO PROJECTO :

O Museu das Flores é uma Instituição Oficial de interesse público, NIPC 672001667, que se insere na política cultural dos Órgãos do Governo Regional dos Açores, por força do Decreto Regulamentar Regional nº40/91/A publicado no Diário da República nº271 I série de 25 de Novembro de 1991. Tem a sua sede no Convento Franciscano de São Boaventura, construído em meados do séc. VII, Imóvel classificado de interesse concelhio, é o mais importante monumento da Ilha. O estado de degradação a que chegou, foi agravado pelas várias intervenções que sofreu motivadas pelas diversas utilizações que lhe foram atribuídas ao longo de um século e meio.

Entendeu por bem, o Governo dos Açores, mandar elaborar um projecto de Reconstrução e Restauo, visando restituir ao monumento a sua traça original, tendo como objectivo a sua adaptação a fins culturais, privileg-

anão os espaços de exposições museológicas.

Os trabalhos de restauro que se arrastam há mais de três anos, encontram-se praticamente concluídos, o custo global rondará os duzentos mil contos, inteiramente suportados por verbas do orçamento regional dos Açores.

DIFICULDADES FINANCEIRAS :

O actual constrangimento orçamental, a que se vêm forçadas as despesas públicas Regionais, em termos realistas, nada aponta para que num futuro próximo, se consiga a disponibilidade das verbas necessárias à montagem das mais relevantes colecções do acervo museológico, que são mais que suficientes para preencher todos os espaços expositivos do Convento.

Tão rico e variado espólio ficar armazenado seria um lamentável desaproveitamento de valores que merecem ser divulgados ao conhecimento público, pondo em causa o cumprimento das atribuições e prossecução dos fins para que foi criado, conforme o Artº 3º do Diploma da Lei Orgânica dos Museus dos Açores.

Posto isto, resta-nos apelar á generosidade do mecenato cultural, no apoio técnico-financeiro do projecto de montagem das colecções, que englobam : vitrines, suportes expositivos, painéis, material de animação, (fotos, desenho, mapas, textos, letreiros) equipamento de iluminação e controle de humidade.

A MONTAGEM DA TERRA E DO MAR :

A Terra e o Mar sempre foram a nossa realidade histórica, do ponto de vista sócio-cultural, tal verdade norteou a linha de rumo do projecto museológico a que não se pode furtar a nossa condição insular. Julgamos neste percurso museológico, poder contar e explicar cinco séculos de presença humana na mais Ocidental Terra Portuguesa, bem como a nossa vocação transatlântica.

PROPOSTA DA DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS

Arranjos exteriores :

Na fachada do Convento, sobre o passeio, ficará exposta a colecção de Arqueologia Marítima, composta por peças de artilharia de defesa da costa que recuperamos da orla marítima, bem como âncoras de navios e outras peças de Arquitectura Naval.

ESPAÇO 2

Entrada e acolhimento 2.70x3.50 m

Com a montagem de um pára-ventos em vidro rochedo, seria o lugar privilegiado para o acolhimento dos visitantes, uma vez que este espaço dá acesso á sala da Marinha.

Um pano de parede 3.50x4 permitiriam a fixação de painéis elucidativos do percurso museológico nos dois pisos.

ESPAÇO 3

Sala da Marinha 9.50x3.50 m

Este salão "nobre" do Convento, salvo melhor opinião, parece ser o local mais adequado para transmitir o apelo ao Mar - sugerir os seus mistérios e fascínio. Maquetes e modelos de embarcações e navios, instrumentos náuticos mobiliário da Marinha, uma valiosa colecção de marfins do mar. Uma rara colecção de gravuras francesas em talha doce de meados do século passado, gravados por Jazet e Martens, de temática marítima, dariam animação ás peças expostas, compondo as paredes. Importa frisar que é uma colecção única na Região e também não são conhecidas nos Museus Marítimos Portugueses.

Nesta sala pretende-se transmitir a força criadora do mar e das suas gentes, evidenciando a poesia e o romantismo dos tempos da navegação á vela.

ESPAÇO 4

Gabinete da Direcção

Alguns móveis da Marinha da colecção do signatário estão destinados a mobiliar este espaço, que será decorado com alguns instrumentos náuticos, gravuras e um óleo. Uma considerável biblioteca de marinha, salientando a temática baleeira na Região numa visão universalista, com exemplos raros constituirá a documentação de consulta para os vários trabalhos que pretendemos publicar.

ESPAÇO 6

Pesca artesanal - Alas de circulação do claustro 51.00x2.70 m

Originalmente, este espaço estava destinado à secção de epigrafia que por não ser relevante, seria utilizado em favor das Artes do Mar com particular incidência na pesca artesanal. Salientando-se a pesca costeira e a caça do cachalote. Ficando contíguo á sala de Marinha, integra-se perfeitamente no circuito do Museu. Acresce a vantagem da dimensão da área expositiva com pavimento em basalto, tornando-se o local mais apropriado para expor embarcações. Como já foi referido possuímos a mais completa colecção marítima dos Açores e Madeira, que inclui embarcações, seria um enorme prejuízo cultural que não fosse exposta.

Para que tal se tornasse possível necessitaríamos da generosidade dum mecenas disposto a financiar o fornecimento de painéis de vidro, cuja proposta de fornecimento e montagem se junta, aponta para um valor da ordem dos sete mil contos. Atendendo á grande aproximação da orla marítima, assolada por fortes maresias entre Outubro e Maio, com brisas do Outono e Inverno envolvendo todo o Convento numa atmosfera de ressalga, sempre que o vento sopra do mar. Importa frisar que a Ilha é assolada frequentemente por violentas tempestades, em que a força da rajada de vento ultrapassa os 150 km/h. Só a montagem destes páraventos permitirá a utilização desta

importante área, para além de proteger da humidade e da ressalga todo o interior do Convento e todos os bens culturais expostos.

ESPAÇOS 8 e 9

Cozinha 500x3.70m

Refeitório 600x5.50m

Por aquilo que nos foi possível averiguar, estes dois espaços parecem ser os únicos locais que não sofreram alterações desde os tempos conventuais. Tratando-se de espaços originais pretende-se privilegiar a sua vocação histórica, pois os consideramos locais emblemáticos do Convento. Estes dois locais são os mais apropriados para se exporem a bateria de cozinha, cobre, latão e ferro, cerâmica ordinária e cerâmica vidrada, devidamente integradas nos seus próprios lugares.

ESPAÇO 10

Atrio 7.00x4.70m

Este local de passagem que interliga claustro, igreja, refeitório, e o Piso 1, parece ser o local mais indicado para a exposição da cerâmica Regional, porque dando acesso aos espaços 8 e 9 segue a mesma temática.

ESPAÇO 12, 13, 14

A Capela-Mor, corpo da Igreja e Sacristia, tratando-se dum templo sagrado, está naturalmente vocacionado para a celebração de algum serviço relesioso. Tal facto não impede do mesmo se tornar um espaço polivalente, para variados fins culturais. As excelentes condições acústicas próprias das Igrejas tornam este local o mais indicado para concertos musicais, recitais de poesia, conferências, exposições de artes plásticas, etc. A riqueza da talha dourada dos altares de estilo barroco Joanino, a pintura do tecto dos finais do séc. XVII, que é o mais significativo e o maior tecto pintado de todo o arquipélago.

Nos nichos e peanhas dos altares alguns imagens ficarão expostas.

Para que não fique demasiado sobrecarregado o corpo da igreja de modo a permitir outras actividades culturais, a sacristia receberia uma secção de arte "sacra" em torno do Espírito Santo, tema de grande significado no universo religioso-cultural de todo o Açoriano.

Fica assim encerrado o percurso expositivo do piso zero com um apreciável conjunto de arte "sacra" invulgar nos Museus do Arquipélago.

PISO 1

Este piso está particularmente vocacionado para a Terra, mais propriamente a agropecuária. Depois da baleação é a segunda indústria que surgiu na Ilha, com especial tendência para os lacticínios, convém lembrar que a primeira cooperativa Agrícola que foi fundada em Portugal foi nesta Ilha, na freguesia do Lajedo, costa sw da Ilha no ano de 1917. Importa frisar que estas gentes anteciparam-se onze anos ao movimento cooperativo do Estado Novo de 1928. Disponemos dum notável acervo de peças e documentos correspondentes às diversas evoluções da fase artesanal até aos princípios da fase industrial, cujos equipamentos são produzidos em série, portanto iguais ou semelhantes perdendo o significado etnológico.

No fim da escadaria de acesso do piso 1 iniciar-se-ia a introdução aos lacticínios com a orientação cronológica do percurso das fases de produção aos lacticínios com a orientação cronológica do percurso das fases de produção de manteiga e queijo.

A produção local de todo o vasilhame está incluída, com as oficinas de laticieiro e tanceiro.

As excepcionais condições climatéricas da Ilha para a produção de pastagens naturais abundantes e de alta qualidade, estimulou a criação de grandes rebanhos de ovinos, que temos notícia desde o limiar do povoamento. Desde sempre foram famosos os tecidos das Flores. Não menos importante foi o alto grau de perfeição e variedade cromática que os tecidos das Flores atingiram, principalmente as colchas de lã, a partir da tinturaria vegetal. Importa esclarecer que a Ilha possuía todas as plantas e líquens utilizados na tinturaria europeia, o que é um caso único no Arquipélago. A cultu-

rã do Pastel foi o segundo ciclo económico dos Açores, o rendimento dos dízimos da exportação levou D. João V a apelidar o pastel de "Minas de Ouro" dos Açores.

Mais de uma centena de exemplares de tecidos de linho e lã produzidos pelo processo artesanal, bem como uma recolha completa de ferramentas e utensílios de laboração, levantamento das técnicas de produção - tinturaria, permitem documentar e ilustrar todo este espólio, que salvo melhor opinião, está considerado como o mais vasto e completo de toda a Região.

As colecções que dispomos de artes e ofícios são relevantes, pela sua natureza e função, sendo semelhantes às que encontramos na Região e pelo País fora. Não importa repetir colecções que frequentemente deparamos noutros Museus. Tentaremos expor algum tema que numa forma ou de outra possa completar os lacticínios e a tecelagem, que consideramos os dois polos do circuito expositivo do Piso 1.

Contrariamente a uma corrente museológica em voga de apenas ser utilizada iluminação artificial, que não sendo da melhor qualidade seria dispensável. Pelo que nos foi dado a apreciar, a iluminação a halogénio apresenta as melhores vantagens técnicas, todavia conduzem a elevados custos na manutenção do sistema, que a menor variação da intensidade da corrente, queima os filamentos das lâmpadas que são dispendiosas. Assim salvo melhor opinião, optou-se pela iluminação natural controlando-se a acção directa da radiação solar.

ESPAÇO 1 7.40x6.00 m

Audiovisuais

Neste local que fica contíguo ao espaço 9, pensamos adapta-lo ao serviço educativo, tarefa prioritária do Museu, que julgamos poder arrancar nos finais da próxima Primavera. A educação ambiental e do meio marinho, julgamos necessário e urgente.

A arte contemporânea está na linha das nossas preocupações, pelo que já possuímos algumas ofertas de amigos nossos.

ESPAÇO 2

Sotão da sacristia 8.70x3.70

Aqui ficarão instalados os Serviços Administrativos, arquivos e gabinete de desenho, que servirão de apoio às iniciativas do Museu.

ESPAÇO 3 4.70x2.70

Nas traseiras do alta-mor fica um considerável espaço que foi aproveitado com dois compartimentos. Na parte inferior situa-se a casa-forte, que nos permite segurança e controle de humidade e luz solar, onde estão guardados as peças mais valiosas, frágeis ou sensíveis.

Na parte superior um importante espaço será aproveitado para reservas visitáveis sobretudo para estudiosos.

Julgamos estarem concluídas as propostas que apresentamos para as diferentes áreas, visando o melhor aproveitamento das mesmas, conduzindo a uma visão global que nos parece harmoniosa.

3. Relação do espólio depositado e exposto na Casa Museu Pimentel de Mesquita


Relação do espólio depositado e exposto na Casa Museu Pimentel de Mesquita

QUARTO DE CAMA

- Cama docel, péroba do Brasil – Depósito e colecção Celestino Flores e irmão.
- Banca de cabeceira alta com gaveta – Depósito e colecção Celestino Flores e irmão.
- Cadeira em mogno com assento estofado – Depósito e colecção Celestino Flores e irmão.
- Imagem de Nossa Senhora da Conceição, Séc XIX - Depósito e colecção Gomes Vieira e família.
- Arca encourada, marcada E.I.A.P., adquirida ao Senhor Paiva em Ponta Delgada, através do Doutor Rui Sousa Martins- Depósito e colecção Gomes Vieira.
- Cómoda em mogno – Depósito e colecção Gomes Vieira, proveniente da Família Vieira Gomes.
- Palmatória de vela em latão- Depósito e colecção Gomes Vieira, proveniência de José Maria de Caires Camacho.
- Oratório – Depósito Rui Armas.
- Cinco Santos – Depósito e colecção Gomes Vieira, proveniência da família.
- Suporte de toalha de mão – Depósito do Engº Élio Mendonça Peixoto.
- Mesa de toucador em mogno com tampo de mármore branco- Depósito de José Amorim. Santa Cruz das Flores.
- Conjunto de acessórios de higiene e limpeza e espelho- Depósito e colecção Gomes Vieira.
- Tapete de ponto de Arraiolos- Depósito e colecção de Celestino Flores e irmão.
- Duas jarras de opaline branca – Depósito e colecção Gomes Vieira.
- Quadro a óleo, duas mães, M.Flores 1927- Depósito e colecção Celestino Flores e irmão.
- Quadro a óleo, uma cena rural do norte da Europa, M.Livramento- Depósito e colecção Gomes Vieira.
- Tapetes ovais de beira da cama, feitos com tiras de pano executados por Ana Gomes Vieira, 1980 – Depósito e colecção Gomes Vieira.

SALA DE ENTRADA

- Frontal aquarela, com casas da beira mar, em pano de fundo as torres da Igreja Matriz, Assinatura Saquet, 1989, e que serviu de contracapa à edição de Homens, Baleias e Embarcações, oferta do autor à Vila de Santa Cruz e ao seu Museu.
- Quadro a óleo sobre tela, Jeanine Bellec 1982, cena rural da Lomba-Depósito do Coronel Bellec, Bretanha, França.
- Quadro a óleo sobre tela, tema gerânios, M.Flores 1928- Depósito e colecção Celestino Flores.
- Quadro a carvão, com vista parcial de Santa Cruz, com a Igreja Matriz, assinatura A. Santos 1924. Depósito David Miguel de Melo Silva.

- 
- 2 baús americanos de tampa abaulada, chapeados, a folheta com cintas de madeira, finais do séc XIX- Depósito de David Miguel Melo Silva.
 - Baú de tampa plana ,americano, possivelmente anos 20 ou um pouco antes- Depósito e colecção Gomes Vieira.
 - Gramofone , marca grafonola, anos 20, mesa de gramofone em carvalho americano, finais do séc XIX- Depósito e colecção Gomes Vieira.
 - Mesa de jogos, em mogno das Honduras, com tampa de dobrar - Depósito e colecção Gomes Vieira.


SALA DE VISITAS

- Cómoda de mogno australiano, com quatro gavetas com puxadores em madeira exótica, com embutidos em madreperla- Depósito de Margarida Carvalho Noia Mateus.
- Candeeiro a petróleo com pé, com a base do suporte em ferro fundido – Depósito de Margarida Carvalho Noia Mateus.
- Caixa de gravatas com embutidos em madeira exótica com as iniciais J.M.C.C.- José Maria Cayres Camacho – Depósitos e colecção Gomes Vieira.
- Jarra espalmada em faiança, com alto relevo- Depósito e colecção Gomes Vieira (proveniente casa avós).
- Arca de cedro com ferragens em cobre, desenho séx XVII – Depósito e colecção Celestino Flores e irmão.
- Cadeira de balouço (red Wood), estilo Luis Filipe Americano com assento em palhinha, pertenceu a Maurício Rodrigues Gomes, adquirida a Rosa Jacinto Furtado em 1968, quando esta foi viver para São Bartolomeu na Terceira , com o Pe. João Vieira de Fraga- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Papeleira de Pe. José António Camões, comprada a João Manuel Hipólito Manes, em 1970, encontrava-se desconjuntada em 42 peças. Foi levantada por mestre Justino Machado e limpa pelo signatário, possuiu certificada de origem, com assinatura reconhecida pelo notário , é em madeira de vinhático.- Depósito e colecção Gomes Vieira.
- Cadeira em mogno australiano, estilo inglês, com fundo em palhinha, colecção adquirida a João António Oliveira Nicolau, estava desconjuntada e faltava duas travessas dos pés, restaurada e limpeza feitas pelo signatário- Depósito e colecção Gomes Vieira.
- Mesa de centro, com tampo oval recortado e com pernas e pés entalhados ao estilo Luis XV, adquirida a João António Oliveira Nicolau – Depósito e colecção Gomes Vieira.
- Prato trançado , cerâmica das Caldas- Colecção Gomes Vieira- (herança da casa dos avós).
- Candeeiro de vidro azul opalino - depósito de David Miguel Melo Silva- Sta Cruz
- Taça de vidro leitoso (porta alfinetes) - Depósito de David Miguel Melo Silva- Santa Cruz Flores.

SALÃO DA CASA

- Mesa de cedro com pés torneados estilo designado bolachas, adquirida a António de Lima, desmanchada, faltavam elementos. Foi restaurada e limpa pelo signatário – Depósito colecção Gomes Vieira.
- Candeia de azeite de três bicos, latão polido, comprada na Xandi ou no Ferro velho, Ponta Delgada (existe documento de compra)- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Castical de pé curto modelo sec.XVI adquirido no Velhustro, Coimbra.- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Candeeiro a petróleo de vidro moldado com aplicações em latão polido com pé em ferro fundido, proveniente de Casa de Tio José Gomes Vieira, quando os filhos foram para U.S.A. e despejaram a casa – Depósito colecção Gomes Vieira.
- Caixa de música de corda, de fabrico suíço, foi adquirida a Maria Inês Dias, completamente arruinda. Foi restaurada a caixa e reparado o mecanismo – Depósito - colecção Gomes Vieira.
- Três cadeiras de cedro, modelo Séc. XVIII, provenientes do Primo Pe. António J. Freitas e da irmã Maria Corvelo, enontravam-se escangalhadas, duas delas foram restauradas pelo Signatário- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Mesa de cedro com pés de lira, influência renascença italiana, foi adquirida a Maria Tomé da Fajazinha por intermédio do José Baldes- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Mesa do centro de secção quadrada, pé torneado, proveniente de Emilia de Freitas Vieira. Foi restaurada e limpa pelo signatário- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Quadros da sala e salão, um ramo de lírios, óleo sobre tela assinado M.-Flores, Novembro de 1927- Depósito colecção Celestino Flores e irmão.
- Quadro a óleo sobre tela “ A Sagrada Família”, pintado por Dona Maria Flores, sem data nem assinatura – Depósito colecção Celestino Flores e irmão.
- Alto relevo sobre madeira, obtido por moldagem e betume da Judeia, representado um camponês descansando, sem data, nem assinatura, Trabalho executado por Dona Maria Flores- Depósito colecção de Celestino Flores e irmão.
- Panorâmica da Rua da Aresta e Porto das Poças, óleo sobre tela, assinado por M. Flores, sem data – Depósito colecção Celestino Flores e irmão.
- Gramofone de câmpula exterior Edison, proveniente de Constantino José Gomes (Lages Flores)- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Mesa banca de gramofone, carvalho americano escurecido, pertenceu ao Capitão José Tomaz da Fajazinha - Depósito colecção Gomes Vieira.
- Piano com carrilhão em madeira, e com tamborete, adquirido a Jaime Maria Alves, aquando da venda da casa pelos Herdeiros- Depósito colecção Gomes Vieira.
- Dois candeeiros de paredes (um incompleto). com reflector- depósito de David Miguel Melo Silva.
- Escarrador do princípio deste século, adquirido à família Mendonça – Depósito colecção Gomes Vieira.

SALA DE JANTAR

- 
- Mesa de jantar com pés de lira em madeira de cedro, comprada a João António Oliveira Nicolau (Lages Flores)- Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Seis cadeira de "cozinha" em cedro da terra, proveniência da casa de João Gomes Vieira (Lages das Flores) – Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Grande arca de cedro, caixa de cereais de meio moio, comprada a Júlia Alves, Fazenda de Sta Cruz - Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Batedeira de manteiga caseira em forma de barril, comprada a Jacob Valadão, (Fajãzinha)-Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Ferro de passar com brasas, com galo proveniente da casa de João Gomes Vieira (Lages das Flores-Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Ferro de passar aquecendo com descanso em ferro fundido, adquirido no ferro Velho em Ponta Delgada-Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Prateleira de louça em madeira de pinho de Flandres de modelo antigo, executada por João A. Gomes Vieira para compor a parede e decorar a sala. Depósito colecção Gomes Vieira.
 - 3 pratos de louça da Lagoa e um bule sem tampa, duas bilhas de cerâmica, compradas por João A. Gomes Vieira a Filomena Mendonça do Mosteiro-Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Um tacho e um caldeiro em latão, comprados por João A. Gomes Vieira a Ermelinda Amorim de carvalho, Sta Cruz Flores- Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Banco de cozinha, de braços em madeira de cedro, foi comprado por João A. Gomes Vieira a Lídia Borges Araújo, Sta Cruz. Estava pintado com esmalte crême, foi limpo e recuperado pelo signatário – Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Pequena caixa de cozinha em cedro com ferragens ao gosto do séc XVIII. Foi comprada a Cristina Coelho Resendes, Fazenda de Sta Cruz. Estava pintada de esmalte azul, foi limpa e restaurada pelo signatário. - Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Lavatório de ferro forjado, com bacia e jarro proveniente da casa de João Gomes Vieira – Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Cadeira em acácia com os pés da frente torneados e com ramagens goivadas no assento, proveniente da casa de Maria do Céu (Lages das Flores, Avó do signatário) – Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Amassaria (armário) de duas portas em cedro - Depósito dos herdeiros de Jacinto Alexandre da Silveira, Fazenda de Sta Cruz.
 - Quatro boiões em grés de Bristol (yellow cream), proveniente da casa de João Gomes Vieira, Lages das Flores – Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Um bilha de grés de Bristol, com tampa – Depósito colecção de Celestino Flores e irmão.
 - Armário de parede, contém duas bilhas de grés de Genebra, uma bilha de água, uma terrina de louça da Lagoa, duas candeias de azeite de cobre, e um castiçal, proveniência da casa dos sogros do signatário – Depósito colecção Gomes Vieira.
 - Um quadro de natureza morta- cinco trutas, trabalho em alto relevo, betume de Judeia sobre madeira e pintura, assinado M. Flores, sem data – Depósito colecção Celestino Flores e irmão.

- Batedeira de manteiga , secção exagonal em cedro - Depósito de David Miguel Melo da Silva.
- Bilha de grés de Bristol e bilha cerâmica compra de João A. Gomes Vieira a um vendedor de beira da estrada de Sintra-Lisboa, existe declaração comprovativa – Depósito colecção Gomes Vieira.
- Relógio da parede, relógio de pendulo de Vito José Mateus (sogro do signatário), Fazenda de Sta Cruz- Depósito e colecção Gomes Vieira
- Suporte de relógio em madeira de cedro, foi da casa de José Gomes Vieira (Tio do Signatário), recuperado e tratado pelo signatário – Depósito e colecção Gomes Vieira.
- 2 pratos de cerâmica da Lagoa, azul e amarelo, 2 pratos verdes malaquite, cerâmica da Lagoa. Adquirido na Praia da Vitória por João A. Gomes Vieira – depósito e colecção Gomes Vieira.

COZINHA

- Moinho de café manual de fixar à parede, proveniente da casa de Vito José Mateus (sogro do signatário), Fazenda de Sta Cruz – depósito e colecção Gomes Vieira
- Talha de água na cozinha, proveniente da casa de Vito José Mateus , Fazenda Sta Cruz,- depósito e colecção Gomes Vieira
- Caneca de ir à fonte, feita em cedro do mato, proveniente da casa dos pais do signatário, Lages das Flores) –Depósito colecção Gomes Vieira.
- **Talhão de Sta Maria - Depósito de David Miguel Melo Silva.**
- Moinho de mão em pedra basaltica, proveniente da casa dos pais do signatário- depósito dos herdeiros.
- Toda a bateria da cozinha em ferro fundido de ir ao fogo,provenientes das casas dos avós, tio José e sogros do signatário - Depósito colecção Gomes Vieira.
- Banco das canecas em cedro do mato - Depósito dos herdeiros de Jacinto Alexandre da Silveira- Fazenda de Sta Cruz.
- Dois alguidares de barro, duas assadeiras de barro, uma pá de cinza do lar , e o balde do porco, uma caçarola e uma salgadeira, proveniencia da casa dos pais e Capitão avô do signatário - Depósito colecção Gomes Vieira.
- Banco de matar o porco e toda a colecção de facas, raspadeiras e pedras de lavar , provenientes das casas dos avós e pais do signatário –Depósito colecção Gomes Vieira.

João António Gomes Vieira

4. Programação de uma exposição sobre a tecnologia do linho e da lã na ilha das Flores



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

CENTRO DE ESTUDOS ETNOLÓGICOS

PROGRAMAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO SOBRE A TECNOLOGIA DO LI- E DA LÃ NA ILHA DAS FLORES

COORDENAÇÃO:

João Gomes Vieira - Director do Museu das Flores

Rui de Sousa Martins - Director do Centro de Estudos Etnológicos
da Universidade dos Açores

PESQUISA:

Margarida Ribeiro - Etnóloga. Lisboa

Luis Filipe - Colaborador do Centro de Estudos Etnológicos

RESTAURO:

FOTOGRAFIA:

- Museu de Etnologia do Instituto de Investigação Científica Tro-
pical

MONTAGEM:

Carpinteiro:

Pintor:

Electricista:

etc.:



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

ROTEIRO

SALA A - AS FIBRAS TÊXTEIS

1. O LINHO NAS FLORES. MEMÓRIA DE UMA CULTURA

1.1. A Planta do linho.

1.1.1. Características: planta herbácea (Linum Usitatissimum L.), unicaule, folhas verde-claras, flores azuis ou brancas, cápsula acastanhada com dez sementes alongadas, castanhas brilhantes. As fibras têxteis de linho encontram-se dispostas longitudinalmente entre a casca e a parte lenhosa.

1.1.2. Variedade(s) cultivada(s) nas Flores:
Galego (semeia-se em Abril/Maio, colhe-se em Junho).
Mourisco (semeia-se em Outubro/Novembro e colhe-se em Maio).

Riga nacional (variedade de Primavera)

- Texto:

- Elementos a expor:

1. Planta(s) de linho

2. Sementes

- Fotos: Plantas desenhadas em obras da especialidade.

- Execução: Universidade dos Açores Ponta Delgada.

1.2. O Cultivo do linho.

- Sementeira: Campos preferidos e sua localização; preparação da terra e utensílios; quem semeava; outras culturas associadas; defesa dos campos contra o "mau-olhado".

- Regas e mondas

- Colheita (por arranque, termos locais; quem colhia: homens e/ou mulheres).

- Texto:



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Documentação: mapa das Flores com a indicação das áreas onde o linho foi mais cultivado (Lajedo)

Execução: Esboço (Flores). Feitura (U. A.)

Fotos:

1.3. Transformação do linho.

1.3.1. Separação da semente

Texto: locais onde se realizava, quem fazia o trabalho (pessoas de casa e/ou de fora). Descrição. Rebolar cerimonial sobre o linho?

Objectos: ripo (ripão). Tipos diferentes.

alt. larg. das peças e sua numeração museológica, local de recolha.

Foto: Museu de Etnologia

1.3.2. Fermentação (curtimento):

Texto: locais onde se realizava (águas paradas ou correntes); tempo necessário.

1.3.3. Secagem

Texto: locais onde se realizava

1.3.4. Separação das fibras

1.3.3.1. Maçagem

Texto: altura em que se realizava. Quem a efectuava.

Objectos: maço(s) (comp.; numeração) local de recolha).

Foto: Museu de Etnologia



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

1.3.4.2. Gramagem.

Texto: quem a efectuava

Objectos: grama(s) (comp.; numeração) local de recolha).

Foto: Museu de Etnologia.

1.3.4.3. Tasquinhar

Texto: quem efectuava

Objectos: tasquinhas diferentes (comp., larg.; numeração e local de recolha)

Fotos: a realizar nas Flores/U.A.

1.3.4.4. Assedagem. Separação das fibras do linho (mais longas) das da estopa (mais curtas).

Texto:

Objectos: sedeiro(s) (comp., larg., alt.; numeração local de recolha)

Foto: Museu de Etnologia

2. A LÃ: SOBREVIVÊNCIA DE UMA FIBRA TÊXTIL.

2.1. A criação de ovinos

Texto: Evolução histórica do regime de criação

Desenho: Planta da ilha com os locais de criação

Fotos:

2.1.1. A tosquia

Texto: época do ano, local, intervenientes

Objectos: tesoura(s) de tosquia (comp.; numeração, local de recolha).

Fotos: Museu das Flores



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

2.2. Transformação da lã

2.2.1. A lã dos velos é separada conforme a qualidade

Texto: local e intervenientes

Fotos: A realizar nas Flores

2.2.2. Lavagem e secagem

Texto: local e intervenientes

Objectos:

Fotos: A realizar nas Flores

2.2.3. Cardear (abrir e azeitar a lã)

Texto: local e intervenientes

Objectos:

Fotos: A realizar nas Flores

2.2.4. Cardagem

Texto: local e intervenientes

Objectos: tipos de cardas (comp., larg., numeração, local de recolha)

Fotos: A realizar nas Flores



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

SALA B - FIAÇÃO E TECELAGEM. DESCOBERTA DE UMA ARTE

1. PREPARAÇÃO DO FIO

1.1. Fiação manual

- Texto:
- Objectos: fusos (comp., numeração, local de recolha)
rocas (comp., numeração, local de recolha)
espichas (comp., numeração, local de recolha)
- Fotos: Fiação do linho (Museu de Etnologia)
Fiação da lã: A efectuar

1.2. Fiação em aparelho (só lã)

- Texto:
- Objectos: Roda manual (comp., larg., alt.; numeração, local de recolha)
Foto: a executar
Roda de pedal (comp., larg., alt.; numeração, local de recolha).
Foto: a executar

2. Preparação das meadas

- Texto: Referir o branqueamento das meadas do linho.
- Objectos: Sarilho(s) (alt., numeração, local de recolha).
- Fotos: a executar

2.1. Branqueamento das meadas do linho

- Objectos: canelinas (comp., alt., numeração, local de recolha)
- Fotos:



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

3. Preparação dos novelos

- Texto:
- Objectos: dobadoura (alt., numeração, local de recolha).
- Fotos: a executar

4. Pesagem do fiado

- Texto:
- Objectos: balanças (comp., larg., numeração, local de recolha) ;
pesos (designação numeração)
- Fotos: a executar

5. Tecelagem

5.1. Urdidura

- Texto:
- Objecto: urdideira (comp., larg.) numeração; local de recolha);
noveleiro (comp., larg., alt., numeração, local de recolha);
espadilha (comp., larg., numeração, local de recolha)
- Fotos: a executar

5.1.1. Montagem da urdidura no tear.

- Texto:
- Objectos:
- Fotos

5.2. Preparação da trama

- Texto:
- Objectos: caneleiros (comp., alt., numeração, local de recolha).



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

5.3. Teares

- Texto: alusão aos pontos do tear
- Objectos: Tear de dois liços (comp., larg., alt.)
Tear de quatro liços
Tear de grade para franjas

6. A pisoagem da lã

- Texto:
- Objectos:
- Fotos: a realizar

7. Tinturaria

- Texto:
- Pigmentos vegetais
Documentação:
- Pigmentos minerais
Documentação:
- Pigmentos industriais (anilinas)
Documentação

8. Os tecidos : o uso e a arte

8.1. Vestuário

- Homem
 - .Interior(Primavera/Verão;Outono/Inverno)
 - .Exterior (idem)
- Senhora
 - .Interior (idem)
 - .Exterior (idem)
- Criança
 - .(idem)
 - .(idem)
- Bebê
 - .(idem)
 - .(idem)



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

- 8.2. Artigos de casa
- Cozinha e limpeza
 - Mesa
 - Quarto

Ponta Delgada, 24 de Julho de 1986

Rui de Sousa Martins

Rui de Sousa Martins